

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO**

RAFAELA GREGIANIN FRISON

REDES SOCIAIS DIGITAIS E O CONTEXTO ESPORTIVO EM TÓQUIO-2020
UM ESTUDO DE CASO SOBRE OS ATLETAS ARTHUR NORY E RAFAEL MACEDO
E AS CONSEQUÊNCIAS EM SUAS PERFORMANCES A PARTIR DAS
INTERAÇÕES COM OS USUÁRIOS

PORTO ALEGRE
2022

RAFAELA GREGIANIN FRISON

REDES SOCIAIS DIGITAIS E O CONTEXTO ESPORTIVO EM TÓQUIO-2020
UM ESTUDO DE CASO SOBRE OS ATLETAS ARTHUR NORY E RAFAEL MACEDO
E AS CONSEQUÊNCIAS EM SUAS PERFORMANCES A PARTIR DAS
INTERAÇÕES COM OS USUÁRIOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Sandra de Fátima Batista de Deus

PORTO ALEGRE

2022

REDES SOCIAIS DIGITAIS E O CONTEXTO ESPORTIVO EM TÓQUIO-2020
UM ESTUDO DE CASO SOBRE OS ATLETAS ARTHUR NORY E RAFAEL MACEDO
E AS CONSEQUÊNCIAS EM SUAS PERFORMANCES A PARTIR DAS
INTERAÇÕES COM OS USUÁRIOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Sandra de Fátima Batista de Deus – UFRGS
Orientadora

Prof. Dr. Marcelo Ruschel Träsel – UFRGS
Examinador

Ma. Gabriela Saraiva Habckost – UFRGS
Examinadora

AGRADECIMENTOS

Até hoje, após cinco anos de graduação, quando me perguntam o porquê de eu ter escolhido cursar Jornalismo, eu não consigo formular uma resposta lógica. Ouvia – e ainda ouço – meus colegas respondendo que haviam feito essa escolha pois gostavam de ler e de escrever, porque tal jornalista os inspiravam e/ou, até mesmo, pois queriam informar as pessoas. Mas comigo, quando a pergunta "Por que Jornalismo?" vem, eu sempre respondo: "Não sei. Era para ser". Sim, realmente era para ser, porque eu descobri que, mesmo pequena, eu sempre fui um pouco jornalista. Mas foi o meu pai quem me mostrou isso antes mesmo de eu perceber.

Então, eu agradeço ao meu pai Raul, por, naquele dia, ter me dito: "Por que não Jornalismo? É a tua cara". Aliás, não foi somente ao Jornalismo que o meu pai me apresentou, ele me mostrou quando eu ainda era pequena o que, até hoje, é uma parte fundamental de mim e da minha formação como jornalista: o esporte. Assim, obrigada por tudo, pai, mas principalmente, por ter me mostrado que o mundo esportivo também pertence a mim e a todas as mulheres.

Ao meu tudo, à minha mãe, Roseni, por tudo. Por tudo mesmo. Por, ensinando dezenas de outras crianças, me mostrar o poder da educação. Pelas centenas de gibis da Turma da Mônica e, mais tarde, pelas dezenas de livros que ela me deu. Pelas horas do dia dela que ela dedicou a mim, para me ajudar com os temas ao longo da minha trajetória escolar. Por ter, durante a faculdade, ouvido milhares de vezes: "Você pode ler esse trabalho aqui antes de eu entregar?". Quando eu falo que eu agradeço a ela por tudo, é por tudo mesmo. São pelas angústias que ela sentiu comigo, pelas conquistas que ela vibrou junto a mim e pelas lágrimas que ela chorou comigo. Obrigada por ter cedido uma parte da tua vida para que eu pudesse viver a minha, mãe.

Essa graduação também é dos meus pais, pois se eu saí de casa tão nova para encarar os desafios da formação universitária, foi porque eu sempre soube que eu tinha os braços deles abertos para voltar. Amo vocês.

Agradeço aos meus familiares, que estiveram comigo desde antes de eu nascer e que, desde lá, torceram por mim. Em especial ao meu primo Ricardo, quem me recebeu quando cheguei em Porto Alegre e, literalmente, me mostrou os caminhos naquela primeira ida ao cursinho. O Ricardo, vivendo, me mostrou que era possível sonhar e viver.

Aos meus amigos da vida. Agradeço pelas risadas compartilhadas, pelas loucuras e experiências vividas, pelos momentos inesquecíveis, pelos ensinamentos trocados e pelas emoções partilhadas. As melhores lembranças foram construídas ao lado de vocês. Aqui, agradeço em especial à Isabela. Me encontrei com ela, outra não-porto-alegrense perdida, ainda no cursinho pré-vestibular, e foi com ela que dividi todas as minhas angústias desse período, bem como aquelas advindas dos dias de vestibular. Obrigada por ter sido um ombro amigo e por todos os momentos aleatórios que vivemos juntas. Aos meus colegas fabicanos, que se tornaram grandes amigos de vida: Caroline, Daniel, Maiara, Luara, Luísa, Heloíse, Taciana e Isabel. A faculdade teria sido muito mais sem graça e muito mais difícil se vocês não estivessem lá.

À Fabico e aos seus professores, servidores e funcionários. Quando me diziam que eu sentiria falta da faculdade, não imaginava que a saudade chegaria antes mesmo do fim. Agradeço por todos os ensinamentos acadêmicos, mas sobretudo, àqueles que me fizeram crescer como cidadã. Agradeço especialmente à minha orientadora, professora Sandra de Deus, quem eu admiro não apenas profissionalmente, mas também como pessoa. Obrigada pela tua representatividade e pela tua luta como mulher, negra e jornalista esportiva. E, claro, obrigada por aceitar, sem pensar duas vezes, em caminhar junto comigo nesta jornada final. Teu apoio foi fundamental.

À UFRGS, pela transformação que causou em mim, e à sua educação pública de qualidade. Era meu sonho ser aluna dessa instituição e, hoje, sonho que todos possam ter acesso à ela, bem como, à oportunidade de aprender e de crescer como pessoas em suas salas de aula, de forma gratuita, como deve ser.

À equipe de futsal feminino da UFRGS, por me permitir defender as cores da Universidade na modalidade esportiva que sempre foi uma parcela do meu ser. O ginásio da ESEFID foi o local em que eu passei grande parte do meu tempo ao longo destes cinco anos. Por isso, agradeço aos técnicos e às companheiras de time por todos os momentos que passamos, tanto em treinos quanto em competições.

Aos meus colegas de trabalho, em especial ao Fabrício Falkowski, de quem eu nutro uma grande admiração, como jornalista e como pessoa. Obrigado por todos os ensinamentos jornalísticos, esportivos e de vida e, principalmente, por todas as oportunidades que tu me ofereceu. É uma honra trabalhar ao teu lado.

Por fim, agradeço ao esporte olímpico. Quando eu era criança, uma das minhas brincadeiras favoritas era imitar atletas disputando os Jogos Olímpicos, e lembro de acompanhar todas as disputas. Eu cresci frequentando ginásios e arenas, jogando, assistindo e respirando as mais diversas modalidades. Através do Jornalismo, tive a oportunidade de viver experiências esportivas que a pequena Rafaela não imaginava que fossem possíveis. Não existe Rafaela sem esporte, e por consequência, sem o esporte, não existe Rafaela jornalista.

*“Eu não sou o próximo Usain Bolt ou Michael Phelps.
Eu sou a primeira Simone Biles.”*

- Simone Biles

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo verificar o envolvimento de Arthur Nory e Rafael Macedo, atletas participantes de Tóquio-2020, nas redes sociais digitais e as implicações em suas performances relacionadas a estas trocas e interações com o mundo online. Para alcançar esse objetivo, realizou-se uma análise das interações dos usuários ocorridas no Twitter e no perfil do Instagram de ambos os desportistas, a fim de compreender como as pessoas manifestaram-se nesses espaços antes das disputas de Arthur e Rafael nos Jogos Olímpicos. Como suporte à pesquisa, também foram realizadas entrevistas em profundidade com os dois desportistas que compreendem o *corpus* desta monografia, bem como com psicólogos do esporte e com a judoca Mayra Aguiar. Sobre os processos metodológicos, esta pesquisa é um estudo de caso com abordagem exploratória e qualitativa, que teve como levantamento bibliográfico os conceitos de redes sociais digitais e suas interações que nelas ocorrem e de Psicologia do Esporte no alto rendimento, bem como a conceituação das plataformas Twitter e Instagram. Como resultado da pesquisa, é possível afirmar que as interações nas redes sociais digitais impactaram os desempenhos dos atletas em Tóquio-2020.

Palavras-chave: Redes sociais digitais; interações; Psicologia do Esporte; performance; Arthur Nory; Rafael Macedo; Jogos Olímpicos

ABSTRACT

The present research aims to verify the involvement of Arthur Nory and Rafael Macedo, athletes participating in Tokyo-2020, in social digital networks and the implications on their performances related to these exchanges and interactions with the online world. To achieve this objective, an analysis of user interactions occurred on Twitter and on the Instagram profile of both athletes was carried out, in order to understand how people expressed themselves in these spaces before Arthur and Rafael's disputes at the Olympic Games. As a support to the research, interviews were also carried out with the two athletes that embrace the corpus of this monograph, as well as with sport psychologists and with the judoka Mayra Aguiar. About the methodological processes, this research is a case study with an exploratory and qualitative approach, which had as a bibliographic research the concepts of social digital networks and the interactions that occur in them and of Sport Psychology in high performance, as well as the conceptualization of the platforms Twitter and Instagram. As a result of this research, it is possible to affirm that interactions in social digital networks impacted athletes' performances in Tokyo-2020.

Palavras-chave: Social digital networks; interactions; Sport Psychology;; performance; Arthur Nory; Rafael Macedo; Olympic Games

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - <i>Tweet</i> da conta do Twitter em sua própria plataforma.....	27
Figura 2 - <i>Printscreen</i> do perfil do Instagram em sua própria plataforma.....	33
Figura 3 - <i>Post</i> de Simone Biles sobre pressão e saúde mental	40
Figura 4 - <i>Printscreen</i> das estatísticas de engajamento nos perfis de mídias sociais de Tóquio-2020.....	53
Figura 5 - <i>Tweet</i> sobre os <i>stories</i> dos atletas em Tóquio-2020.....	54
Figura 6 - <i>Tweet</i> de Arthur Nory questionando as críticas recebidas.....	57
Figura 7 - Exemplos de <i>tweets</i> sobre Arthur Nory antes de sua apresentação.....	59
Figura 8 - Comentários no vídeo postado por Nory no Instagram.....	60
Figura 9 - Comentários de incentivo no Instagram de Nory.....	61
Figura 10 - <i>Tweet</i> comemorando a eliminação de Nory.....	62
Figura 11 - <i>Post</i> de Nory após eliminação em Tóquio-2020.....	63
Figura 12 - <i>Tweet</i> em apoio à Macedo após derrota em Tóquio-2020.....	66
Figura 13 - <i>Tweet</i> criticando atuação de Macedo em Tóquio-2020.....	67
Figura 14 - <i>Tweet</i> sobre desempenho de Macedo na disputa por equipes.....	67
Figura 15 - <i>Post</i> de Macedo sobre o seu ano de 2021.....	68

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	12
2. AS REDES SOCIAIS DIGITAIS.....	18
2.1 As interações nas redes sociais digitais.....	20
2.2 Twitter.....	26
2.3 Instagram.....	29
3. PSICOLOGIA DO ESPORTE.....	34
3.1 A Psicologia do Esporte no alto rendimento.....	38
4. PERCURSO METODOLÓGICO.....	42
4.1 O estudo de caso como metodologia.....	44
4.2 Megaevento esportivo: Os Jogos Olímpicos de Tóquio.....	49
4.3 O caso do ginasta Arthur Nory.....	56
4.4 O caso do judoca Rafael Macedo.....	64
5. A RELAÇÃO ENTRE AS REDES SOCIAIS DIGITAIS E A PERFORMANCE DOS ATLETAS.....	69
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	79
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	82
ENTREVISTAS.....	88
APÊNDICE A – TRANSCRIÇÃO ENTREVISTAS EM PROFUNDIDADE.....	89
Com Antonio Alcoba López.....	89
Com Arthur Mariano Nory.....	89
Com Eduardo Cillo.....	96
Com Lucas Rosito.....	98
Com Mayra Aguiar.....	103
Com Rafael Macedo.....	107

1. INTRODUÇÃO

De quatro em quatro anos, os Jogos Olímpicos escancaram a porta da frente das pessoas do mundo inteiro. Milhares de atletas de alto rendimento reúnem-se em uma só cidade com o intuito de, além de celebrar o movimento esportivo, que surgiu em Olímpia, na Grécia, em 776 a.C., conquistarem a maior glória de um esportista: a medalha olímpica. Para isso, outras milhares estão envolvidas nos mais diversos trabalhos relacionados a este megaevento, como jornalistas esportivos, por exemplo, que passam a produzir infinitas horas de conteúdo e a divulgar minuto a minuto da competição e de seus competidores.

A partir dessa visibilidade midiática e com o avanço do desenvolvimento tecnológico, como a ascensão das redes sociais digitais, a participação dos torcedores e dos amantes dos esportes torna-se mais presente. Com a comunicação em rede na internet, não é mais necessário encontrar os amigos presencialmente para comentar sobre a atuação deste ou daquele atleta, nem menos conhecer o próprio desportista para lhe entregar um *feedback* sobre a sua performance. Isso deixa de acontecer, justamente, porque as plataformas virtuais facilitam a comunicação entre os usuários espectadores do megaevento, bem como entre os torcedores e os atletas.

Nos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, há seis anos, o Instagram registrou quase um bilhão de interações durante as competições. De acordo o G1, portal de notícias da Globo, a edição brasileira do maior evento esportivo do mundo foi o evento mais "*instagramado*"¹ desde que a plataforma foi criada. No entanto, no mesmo mês do encerramento das Olimpíadas cariocas, em agosto de 2016, o Instagram lançou um recurso que modificaria a maneira como as pessoas interagem em sua plataforma: os *stories*. Levando em conta o fato de que em Tóquio-2020 foi a primeira vez que tivemos os *stories* como ferramenta de comunicação, por exemplo, e que, de 2016 para 2020, as redes sociais digitais apenas expandiram-se, é de se esperar que as interações tenham tomado maiores proporções.

Além disso, essa edição olímpica ocorreu durante um período de restrições severas de circulação de pessoas entre países, devido à pandemia de Covid-19 e,

¹ Disponível em:

<<https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2016/08/rio-2016-e-evento-mais-instagramado-da-historia-foto-de-ney-mar-bomba.html>>. Acesso em: 2 out. 2021

por isso, foi realizada sem a presença de público. Com a torcida afastada fisicamente das competições, as redes sociais digitais ganharam mais espaço e tornaram-se a principal ferramenta de comunicação entre atletas e público.

Em Tóquio-2020, os esportistas assumiram também o importante papel de mostrar e compartilhar os Jogos, e suas publicações se transformaram em lentes pelas quais as pessoas puderam vivenciar o evento. Durante os Jogos, os atletas ativos nas redes sociais digitais gravaram as suas experiências na Vila Olímpica, como as filas na lavanderia, as regras sanitárias nos refeitórios e os momentos de interações com os seus colegas de quarto. Assim, eles mostraram um lado "B" ao qual os veículos de comunicação não têm acesso.

No entanto, o aumento da visibilidade midiática dos esportistas no Instagram e no Twitter, apesar de, para certos atletas ter sido benéfica, visto que eles aumentaram o número de seus seguidores e, por consequência, puderam fechar patrocínios com marcas renomadas, para outros, as suas exposições tornaram-os mais suscetíveis aos *hates*² e aos comentários sobre as suas performances. Logo, reflete-se se esta exposição interfere em seus desempenhos esportivos.

Rafael Macedo, do judô, recebeu críticas no Twitter e no seu direct no Instagram após perder sua luta de estreia em apenas 30 segundos de combate. No entanto, ele precisava superar o seu resultado ruim no individual o quanto antes visto que dias depois ele lutaria na disputa por equipes. Assim, é possível que, ao se deparar com comentários maldosos nas redes sociais, houve uma intensificação em sua carga emocional e impacto em seus combates na disputa com a equipe brasileira? Rafael, inclusive, meses após os Jogos foi diagnosticado com depressão. Outro exemplo é o caso de Arthur Nory, ginasta brasileiro e atual campeão mundial na barra fixa. O atleta, dias antes de competir, defendeu-se no Twitter após receber críticas devido a um episódio de racismo ocorrido em 2015. Num vídeo (que voltou a circular nas redes durante os Jogos Olímpicos), Nory e outros ginastas da equipe brasileira aparecem fazendo piadas de cunho racista direcionadas ao colega Ângelo Assumpção. Cotado pela imprensa como favorito a conquistar medalha em Tóquio, o ginasta nem classificou-se às finais.

² *Haters* é uma palavra de origem inglesa e que significa "os que odeiam" ou "odiadores" na tradução literal para a língua portuguesa. O termo hater é bastante utilizado na Internet para classificar pessoas que, através de seus comentários, os *hates*, disseminam ódio.

Para um atleta de alto rendimento, além de preparo físico e técnico, é necessário uma preparação mental. Segundo psicólogos do esporte, é fundamental que haja um cuidado da parte dos esportistas para com as redes sociais digitais. O próprio Comitê Olímpico Brasileiro, durante a realização dos Jogos em terras japonesas, emitiu uma nota³ solicitando que os seus atletas se mantivessem afastados das redes sociais ao longo do período competitivo. O comunicado ressaltava também "o ambiente intenso de opiniões e fértil para discussões."

Com isto posto, o problema que se apresenta é entender como esta comunicação dos usuários nas redes sociais digitais pode afetar a performance dos esportistas. Assim, esta pesquisa tem como objetivo verificar o envolvimento dos dois atletas participantes dos Jogos Olímpicos de Tóquio nas redes sociais virtuais e as implicações em suas performances relacionadas a estas trocas e interações com o mundo digital. Os objetivos específicos são verificar de que modo os comentários positivos ou negativos alteraram o desempenho de cada atleta e analisar a diferença de interação dos usuários com os esportistas atletas a partir do Instagram e do Twitter.

Para alcançar os objetivos propostos, empregou-se a pesquisa qualitativa com abordagem exploratória sustentada por conceitos de redes sociais digitais e de interações mediadas por computadores, bem como de psicologia do esporte. Seguiu-se, então, para o estudo de caso que incluiu entrevistas com os atletas Arthur Nory e Rafael Macedo. Além desses, foram entrevistados a judoca Mayra Aguiar, os psicólogos do esporte, Lucas Elias Rosito e Eduardo Cillo, e o pesquisador de jornalismo esportivo, Antônio Lopez Alcoba. Por fim, analisou-se as redes sociais digitais dos desportistas no Twitter e no Instagram a fim de compreender de que maneira se deram as interações das torcidas com eles.

Um estudo deste porte se justifica visto que o papel de mobilização social e cultural de competições esportivas é indiscutível. Basta se pensar sobre os jogos de futebol, que ocorrem, semanalmente, nos quatro cantos do país. São milhares de pessoas que se deslocam até aos estádios para assistirem 90 minutos de uma partida, sendo que, outras tantas ficam do lado de fora, devido à capacidade limitada destes espaços. Estes, por sua vez, reúnem-se em bares e em suas casas para

³ Disponível em:

<<https://www.cob.org.br/pt/galerias/noticias/nota-oficial-missao-toquio-2020--uso-de-redes-sociais/>>.

Acesso em: 2 out. 2021

apreciar e comentar aquele espetáculo. Logo, pode-se ter uma noção do fluxo social que ocorre em uma edição de Jogos Olímpicos, visto que esse é considerado o maior evento esportivo do planeta. Em Tóquio-2020, 11.090 atletas, de 204 países participaram do megaevento. Por conta disso, a mobilização midiática mundial foi intensa, principalmente durante o período competitivo.

As inúmeras plataformas de comunicação permitem que todo o tipo de conteúdo gerado pelos Jogos circule por diversos canais, inclusive nas redes sociais digitais. Estas novas mídias virtuais, como o Instagram e o Twitter, mudaram a maneira como as pessoas se comunicam e expressam as suas opiniões acerca daquilo que as afetam. Dessa forma, analisar esse ambiente das redes sociais digitais torna-se fundamental, já que entender esse processo nos possibilita compreender as transformações sociais e culturais que alteram o comportamento não só do emissor, mas também do receptor – neste caso, dos atletas olímpicos. Assim, tanto as redes sociais digitais quanto os Jogos Olímpicos mobilizam a sociedade e é a partir deste indicativo que podemos justificar a importância social do tema deste projeto de pesquisa.

Além disso, apesar dos atletas olímpicos, para além da etimologia da palavra, serem vistos como verdadeiros Deuses do Olimpo, eles consomem a comunicação produzida nas redes sociais digitais da mesma maneira que os demais usuários destas plataformas. Desta forma, os atletas olímpicos não estão alheios às interações que os públicos produzem. Isto pode ressaltar a importância desta pesquisa, visto que esportistas de alto rendimento, além de uma preparação técnica e física, são instruídos mentalmente. Nem todos os comentários relacionados às performances dos atletas são positivos. Dessa forma, esta pesquisa pode desencadear perguntas no campo da psicologia esportiva sobre como estas interações e repercussões acerca do desempenho esportivo são capazes de, em alguma maneira, desencadear consequências em futuras competições desses atletas.

Contudo, no campo da pesquisa em comunicação, o tema deste estudo também justifica-se pelo estado da arte. Após realizar uma busca minuciosa em base de dados, que incluíram o Banco de Teses e Dissertações da Capes, da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações e dos anais da Intercom, bem como em repositórios digitais de universidades, como o da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do

Sul (PUCRS), da Universidade Estadual Paulista (Unesp) e da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), utilizando as seguintes palavras-chaves: Performance, esporte, redes sociais digitais, interações e Jogos Olímpicos, apenas três pesquisas relacionadas às implicações nas performances dos atletas relacionadas às interações com o mundo digital. Duas delas, no entanto, estão situadas no campo da Biociência.

A pesquisa relacionada com a Comunicação, por sua vez, foca na alavancagem dos seguidores dos esportistas e não propriamente nas interações e nos discursos produzidos pelos espectadores. Portanto, esta análise a ser desenvolvida com o presente estudo pode contribuir com futuras discussões acerca dos comportamentos das pessoas nas redes sociais no contexto dos Jogos Olímpicos e os tensionamentos desencadeados a partir destas interações comunicacionais.

Identifiquei a problemática das redes sociais no âmbito esportivo de Tóquio 2020 por, no período competitivo, fazer parte da equipe de comunicação da Sogipa, clube social esportivo de Porto Alegre que enviou sete atletas aos Jogos, sendo cinco judocas e dois saltadores do atletismo, e dessa forma, ter acompanhado de perto o impacto que as interações nos perfis dos atletas tiveram neles mesmos. A partir disso e com uma visão crítica às diversas formas de meios de comunicação que desenvolvi ao longo da graduação, bem como com a vontade de produzir pesquisa na área do esporte, visto que este assunto sempre foi do meu interesse, inclusive no curso de Jornalismo, percebi que este tema poderia ser justificado como, de forma pessoal, um objeto de estudo. Ademais, acredito que o esporte vai além da competição em si. Ele está inserido e relaciona-se com diversos campos da sociedade, como a política e a cultura, por exemplo, e assim, é justificável pesquisá-lo sobre a perspectiva da comunicação e, mais precisamente, sobre a das redes sociais digitais.

Para dar conta do problema apontado, dos objetivos propostos e da justificativa apresentada, o estudo está dividido em seis capítulos. O segundo capítulo tem como proposta apresentar um panorama geral do conceito de rede social digital, adentrando-se, em seguida, nas questões que tangem as interações nestes locais virtuais. Para isso, utiliza-se, principalmente, os estudos de Raquel Recuero (2010), Sônia Vermelho et. al (2014) e John Thompson (2018). Além disso, são apontadas as particularidades do Twitter e do Instagram, bem como suas

semelhanças e diferenças, buscando-se, assim, realizar um breve resgate histórico e enfatizar as dinâmicas e os funcionamentos de cada um desses sites de rede social.

No terceiro capítulo, argumenta-se sobre a Psicologia do Esporte, usando-se das ideias de pesquisadores como Rubio (2004), Becker Júnior (2000), Weinberg e Gould (2001), Rosito (2022), bem como de artigos compilados no livro *Coleção Psicologia do Esporte e do Exercício: teoria e aplicação*. Para compreender os efeitos de fatores psicológicos, como os estímulos advindos a partir das interações nas redes sociais digitais, sobre o desempenho físico, estuda-se o percurso da consolidação da Psicologia do Esporte como braço da ciência da Psicologia. Ainda, procura-se compreender mais sobre a área desse campo que estuda os atletas de alto rendimento e as variáveis emocionais que cercam esse meio.

No quarto capítulo, apresenta-se as metodologias escolhidas para este estudo. Como o objetivo geral da pesquisa é o de verificar o envolvimento de Arthur Nory e Rafael Macedo nas redes sociais virtuais e as implicações em suas performances relacionadas às trocas e interações com o mundo digital, o estudo de caso foi a metodologia escolhida. Segue-se, então, elaborando a análise propriamente dita e expondo o *corpus* do trabalho. Desse modo, discorre-se sobre o contexto dos dois atletas em Tóquio-2020 e apresenta-se a pesquisa, realizada a partir do Twitter e do Instagram, das interações dos usuários para com Arthur e Rafael.

Já no quinto capítulo, por meio de pesquisa bibliográfica, da análise já apresentada no capítulo anterior e das respostas e opiniões registradas a partir das entrevistas qualitativas realizadas, cruza-se os dados para compreender de que maneira as interações nas redes sociais digitais dos atletas podem impactar as suas performances. Por fim, no sexto capítulo, apresenta-se as considerações finais do presente trabalho.

2. AS REDES SOCIAIS DIGITAIS

Acordar, pegar o celular, checar as novas mensagens no WhatsApp, atualizar-se no Twitter e conferir, no Instagram, o que os amigos estavam fazendo enquanto se estava offline. As redes sociais digitais de forma veloz conquistaram partes importantes da sociedade, sendo que, atualmente, é difícil uma pessoa estar alheia a este universo. As redes sociais digitais, para muitos, passaram a ser um terceiro pulmão. Somente é possível respirar e, assim, viver com a presença delas. Segundo Odriozola (2020)⁴, “há duas indústrias que chamam seus clientes de usuários: a das drogas e a do software”.

O fato é que as redes sociais digitais são viciantes justamente porque o ser humano é uma espécie social. Ou seja, a conexão com outras pessoas é a chave da sobrevivência humana. Esse tipo de rede fornece os meios para a conexão social de formas rápidas, contínuas e superpotentes (LEMBKE, 2020 apud Kolitz, 2020).

Como o termo “redes sociais” será utilizado em diversos momentos neste trabalho, é de suma importância diferenciar as “redes sociais offline” e as redes sociais digitais. Isso porque, o estudo das redes sociais não é novo. O termo, segundo Telles (2010, p. 7), “começou a ser usado há cerca de um século para designar um conjunto complexo de relações entre membros de um sistema social a diferentes dimensões.” Ou seja, os primeiros estudos das redes sociais ocorreram a partir de relações do mundo físico, compostas por pessoas, organizações e instituições.

Com o surgimento da Internet, além das tantas outras mudanças ocasionadas por esse advento, as pessoas passaram a ter a possibilidade de expressar-se e de socializar através das ferramentas de comunicação mediadas pelo computador.

Essas ferramentas proporcionaram, assim, que atores pudessem construir-se, interagir e comunicar com outros atores, deixando, na rede de computadores, rastros que permitem o reconhecimento dos padrões de suas conexões e a visualização de suas redes sociais através desses rastros. É o surgimento dessa possibilidade de estudo das interações e conversações através dos rastros deixados na Internet que dá novo fôlego à perspectiva de estudo de redes sociais, a partir do início da década de 90. (RECUERO, 2010, p. 24)

⁴ Disponível em:

<<https://brasil.elpais.com/estilo/2020-10-12/vicio-em-redes-sociais-dispara-na-pandemia-cinco-jeitos-d-e-recuperar-o-controle-e-se-desintoxicar.html>>. Acesso em: 20 ago. 2022.

Porém, como expõe Vermelho et. al (2014), houve uma imensidade de termos para expressar esse fenômeno em questão. Deste modo, foi preciso um tempo para estabelecer uma base conceitual para redes sociais digitais. Em seu trabalho, Vermelho et al. (2014), através da aglutinação de definições de diversos pesquisadores, sintetiza o conceito de rede social digital como uma

macroestrutura tecnológica que dá suporte a um conjunto de atores sociais (sujeitos e instituições) conectados por laços sociais (BATISTA, 2012; RAHME, 2010; FREUD, 1976, 1997), os quais são formados, mantidos e reforçados (ou não) por meio de interações sociais (VYGOTSKY, 1989, 1987; BAKHTIN, 1988; LURIA, 1987). As interações são concretizadas, realizadas dentro de uma relação de troca de conteúdos. Estes podem ser criados pelas mais diferentes linguagens disponíveis no formato digital: textual, sonora, audiovisual e imagética. Estas ferramentas potencializam a manutenção e a expansão dos laços sociais, além de ajudarem a visualizar as redes de relacionamento das quais cada sujeito faz parte. (VERMELHO et. al, 2014, p. 188)

Raquel Recuero (2010, p. 13), segue na mesma linha e define as redes sociais na Internet como “agrupamentos complexos constituídos por interações sociais apoiadas em tecnologias digitais de comunicação”. Assim, representam um novo universo de fenômenos comunicativos, sociais e discursivos.

Recuero, Bastos e Zago (2015) ainda explicam que as chamadas “redes sociais” na Internet são extensões das redes sociais offline formadas pelos sujeitos, bem como de suas conexões sociais. Todavia, a representação no ciberespaço dessas redes sociais é um pouco diferente daquelas do mundo físico, visto que as conversações e as interações deixam rastros (recuperáveis e buscáveis) ao serem publicadas no online. Desta forma, as redes representadas no virtual sofrem menos com a temporalidade quando relacionadas com aquelas ocorridas de forma offline.

Aqui, vale ressaltar que, no presente estudo, as variações terminológicas: redes sociais digitais, redes sociais na Internet e redes sociais virtuais foram igualmente empregadas a fim de realizar a análise dessa pesquisa, sem fazer distinção sobre cada conceito. Ainda assim, cabe realizar a diferenciação entre redes sociais e sites de redes sociais, como Raquel Recuero, Marcos Bastos e Gabriela Zago (2015) chamam a atenção.

Segundo os autores, apesar de, em nosso cotidiano, utilizarmos ambos conceitos como sinônimos, é preciso compreender que nem todo site é uma rede social, e nem toda rede social está inserida em um site. Isso porque, os sites são

apenas o suporte que viabiliza as relações comunicacionais entre seus usuários. Ou seja, são esses sites que abrigam as chamadas “redes sociais” na Internet, que, como já dito neste capítulo, nada mais são do que as traduções das conexões nos indivíduos nos espaços offline.

Ainda sobre redes sociais na internet, Recuero (2010) as classifica em dois tipos: as associativas e as emergentes. De acordo com a autora, a segunda categoria refere-se às redes “cujas conexões entre os nós emergem através das trocas sociais realizadas pela interação social e pela conversação através da mediação do computador” (RECUERO, 2010, p. 94). Assim, esses tipos de redes são centradas na interação recíproca. Através das trocas comunicacionais, os laços dos sujeitos são constituídos e caracterizados por um sentimento de “sentir-se parte”, de um pertencimento relacional, que é emergente. Em contrapartida, as redes associativas são aquelas onde as conexões são criadas a partir de mecanismos de associação dispostas pelos sites de redes sociais. É o caso, por exemplo, da lista de seguidores do Twitter e do Instagram, visto que, uma vez que a pessoa é ali adicionada, ela permanece independentemente de suas interações. Dessa forma, representa um tipo de rede mais estável e mais estática do que a rede emergente (RECUERO, 2010).

Antes de nos aprofundarmos nas duas redes online com as quais trabalharemos nesta pesquisa, é necessário abordar o conceito de interatividade nas redes sociais digitais, visto que, somente desse modo, podemos compreender as motivações que levam as interações entre usuários e atletas ocorrerem nestes espaços virtuais.

2.1 As interações nas redes sociais digitais

Se antes, quando visto da ótica da comunicação, era impossível pensar em uma sociedade sem televisão, rádio ou jornal impresso, agora, é inconcebível imaginar uma alheia à Internet e às suas redes sociais. As redes sociais digitais revolucionaram a maneira como as pessoas comunicam-se entre si. E esta revolução modificou os conceitos de interação que antes eram estabelecidos.

Os relacionamentos comunicacionais entre os seres humanos ocorrem desde os primórdios – visto que, como já dito neste trabalho, o ser humano é um ser social –, no entanto, de maneiras diferentes daquelas que conhecemos hoje em dia.

Durante a maior parte da história da humanidade, a maioria das formas de interação social e de trocas de informações ocorreram exclusivamente em contextos de face a face. Com o avanço dos artefatos tecnológicos, os modos de interagir também passaram por alterações, possibilitando uma dissociação entre a comunicação e a presença física. Assim, a interação face a face foi sendo cada vez mais complementada por diferentes formas de interações mediadas.

Por exemplo, um grande salto na comunicação e, conseqüentemente na interação entre os indivíduos, foi a criação do telefone. Segundo Baldanza (2006, p. 3), esse artefato “revelou afetações e sensorialidades totalmente novas para a época”, visto que ele potencializou uma forma de comunicação à distância em que as pessoas podiam obter um retorno instantâneo de suas mensagens.

Com o passar das décadas, surge um novo meio que possibilita a comunicação à distância: a Internet. Criada em 1969, com a função exclusiva de interligar laboratórios de pesquisa, logo essa ferramenta “abriu as portas para novos desenvolvimentos tecnológicos que continuam avançando até hoje, transformando o modo como vivemos e nos relacionamos.”⁵ De 1990, quando o engenheiro inglês, Tim Bernes-Lee desenvolveu a World Wide Web, possibilitando a criação de sites mais dinâmicos e interessantes, até a atualidade, a Internet passou a fazer parte de todos os âmbitos da sociedade.

Foi com o fortalecimento da Internet que, com o passar do tempo, sites de redes sociais foram surgindo e desenvolvendo-se para permitir, cada vez mais, interações dinâmicas e velozes. É a partir de ferramentas, como o Instagram e o Twitter, que milhões de pessoas se conectam, se relacionam e interagem.

Por isso, para o desenvolvimento do presente trabalho, torna-se imprescindível aprofundar-se no conceito de interação mediada, justamente para compreender as redes sociais e as trocas comunicacionais que ocorrem nesses espaços virtuais que permeiam a sociedade contemporânea.

De acordo com Rebeca Herval (2011, p. 5), “a introdução de uma nova tecnologia em dada cultura implica uma reorganização desta nos mais diversos níveis, promovendo novas práticas sociais, novos protocolos de interação e nova visão de mundo”. Dessa maneira, com o surgimento da comunicação mediada por computadores, também torna-se necessário designar um novo termo que abranja

⁵ História da Internet. Disponível em: <<https://rockcontent.com/br/blog/historia-da-internet/>>. Acesso em: 27 ago. 2022.

essa mudança. “Os informatas, insatisfeitos com o conceito genérico de ‘interação’, buscam no termo ‘interatividade’ a nova dimensão conversacional da informática” (SILVA, 1999⁶ apud TEIXEIRA, 2008, p. 26).

Porém, há uma questão relativa aos conceitos quando se refere à distinção entre os termos interação e interatividade. Segundo Teixeira (2008, p. 28), “alguns autores os distinguem, outros derivam interatividade de interação e há autores que preferem não utilizar o termo interatividade.

Zimmermann e Guidotti (2020) distinguem os conceitos interação e interatividade com base em uma formulação popularmente aceita advinda das definições de glossários. Conforme os autores, o dicionário Michaelis define interação como “ato de reciprocidade entre dois ou mais corpos” e interatividade como “sistema de comunicação que possibilita a interação”. A partir destes dois significados, pode-se concluir que a interação está associada a uma relação direta entre pessoas, enquanto a interatividade apenas ocorre quando há um sistema mediador responsável pela provocação de interação (ZIMERMANN; GUIDOTTI, 2020). Ainda conforme explicado por Zimmermann e Guidotti (2020, p. 5), “a palavra interatividade vem do inglês *interactivity* e começou a ser adotada a partir da década de 70 para denominar as relações entre humanos e computadores”. Portanto, apesar de derivar da noção de interação, o conceito de interatividade é recente.

Todavia, apesar dessa significação posta, dada a importância do fenômeno, diversos pesquisadores “tentaram formular metodologias para a abordagem dos fenômenos relativos à interação e interatividade” (TEIXEIRA, 2008, p. 28).

Encontramos desde conceitos com enfoque no desempenho do computador, até aqueles que se baseiam no diálogo dentre os modos humanos de comunicação. Há conceitos com ênfase na participação e na bidirecionalidade, mas também há conceitos meramente articulados como estratégia de marketing. (TEIXEIRA, 2008, p. 28)

Embora haja algumas definições de interatividade que são predominantes, o conceito está longe de ser um consenso entre os pesquisadores da comunicação. Entretanto, há autores que buscam costurar esse panorama, como é o caso de Alex

⁶ SILVA, M. (1999). O Que É Interatividade. Disponível em: Boletim Técnico do SENAC: <http://www.senac.br/informativo/bts/242/boltec242d.htm>.

Primo⁷, uma das autoras brasileiras que mais estuda a interatividade. Em seu trabalho “Interação mediada por computador: comunicação, cibercultura, cognição”, a autora mapeia essas pesquisas em diferentes áreas do conhecimento e constata que a palavra “interatividade” é prescindível, portanto, opta por utilizar o conceito “interação mediada por computador”. Essa ênfase na “interação” foi recuperada com o objetivo de saber o que se passa “entre” os interagentes⁸, sem que esse olhar se mantenha limitado na produção, na recepção ou no desempenho do canal. (TEIXEIRA, 2008, p. 18)

John Thompson (2018), em "A interação mediada na era digital", expõem o desenvolvimento de sua teoria particular sobre os meios de comunicação, o qual ele chamou de teoria interacional da mídia. Segundo ele, para entender os meios de comunicação e o seu impacto, é necessário analisá-los, não isoladamente, mas sim "em relação às formas de ação e interação que o seu uso provoca", bem como dos novos tipos de relações sociais criados por ele.

Dessa forma, ele elenca quatro tipos de interação:

- Interação face a face
- Interação mediada
- Quase-interação mediada
- Interação mediada online

A última forma de interação, a mediada online, a qual este essa pesquisa busca estudar, é discriminada pelo autor justamente devido à revolução digital e ao crescimento expressivo da internet e de outras formas de comunicação em rede. Com este conceito, ele busca captar as novas formas de ação e interação que foram criadas pela comunicação mediada por computador que ocorrem nos sites de redes sociais, como no Twitter e no Instagram.

Segundo o autor (2018, p. 20), a interação mediada por essas plataformas “envolve a extensão das relações sociais através do espaço e do tempo”. Porém, ela se difere das demais por dois pontos: ela é de caráter dialógico – diferentemente da quase-interação mediada, a que representa as trocas comunicacionais no âmbito da televisão, do rádio, dos jornais e dos livros. Além desse aspecto, ao contrário da

⁷ No momento do desenvolvimento do presente trabalho, Alex Fernando Teixeira Primo é uma mulher transexual. Por respeito a ela e aos direitos desta população, utilizar-se-á os pronomes femininos (ela/dela) ao referir-se aos trabalhos da autora.

⁸ Primo utiliza o termo "interagente" ao referir-se aos usuários, visto que o objetivo de sua pesquisa busca compreender a interação do ponto de vista comunicacional e não apenas do “uso” de uma ferramenta (TEIXEIRA, 2008, p. 33).

interação mediada, que abrange, por exemplo, as conversas telefônicas, a interação mediada on-line é “orientada para uma multiplicidade de outros destinatários” (THOMPSON, 2018, p. 20). Ou seja, é de muitos para muitos.

Assim, para Thompson (2018), os sites de redes sociais

facilitam uma forma distinta de interação social on-line, criando uma rede em constante expansão de relacionamentos sociais caracterizada por graus variados de familiaridade, fragilidade e pela troca de conteúdo simbólico em múltiplos formatos e modalidades – mensagens, comentários, fotos, vídeos, *feeds* de notícias etc. – que é disponibilizado para outras pessoas com diversos graus de abertura e limite. (THOMPSON, 2018, p.21)

No mundo dos sites de redes sociais, a palavra “interação” refere-se às respostas dos usuários nas atividades de outros usuários. Assim sendo, quando uma pessoa publica um conteúdo e outra comenta algo sobre, elas estão interagindo. Porém, não é apenas os comentários que podem ser definidos como maneiras de interação. Ações, como curtidas, compartilhamentos ou repostagens, menções a outros usuários e mensagens nas caixas de mensagens, também são consideradas trocas de informações.

No entanto, vale lembrar que essas plataformas online são extremamente mutáveis e adequam-se conforme o desenvolvimento de novas tecnologias. Para entender como, mesmo dentro de sites de redes sociais, há mudanças nas formas de interagir, basta se pensar como as pessoas dialogavam nestes ambientes digitais há quinze anos. Com certeza, não era por trocas de mensagens via WhatsApp, nem menos por meio de vídeos de alta resolução, que são postados instantaneamente após serem gravados e que somem após 24 horas.

É a partir dessa constante expansão e aperfeiçoamento das ferramentas de comunicação mediadas pelo computador que a possibilidade de expressão e socialização dos indivíduos vai sendo ampliada. Conforme Vermelho et. al (2014, p. 182), “as novas tecnologias permitiram a criação de meios de comunicação mais interativos, liberando os indivíduos das limitações de espaço e tempo, tornando a comunicação mais flexível.” Kotler (2010)⁹ apud Vermelho et. al (2014) vai além. Segundo a autora, em decorrência das novas tecnologias de comunicação, além das

⁹ KOTLER, P. Marketing 3.0: as forças que estão definindo o novo marketing centrado no ser humano. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

fronteiras físicas terem sido ultrapassadas, surgiu a possibilidade das pessoas terem mais liberdade para expressar as suas opiniões.

O Japão sediou por dois momentos os Jogos Olímpicos de Verão: em 1964 e em 2021. Na edição predecessora, foi a primeira vez que os Jogos foram transmitidos em tempo real, graças ao satélite Syncom 3¹⁰. Por esse motivo, ficaram conhecidos como a “Olimpíada da TV”. De acordo com a matéria de Marcelo Proni, do Ludopédio¹¹, o canal japonês NHK, na época, ao longo de 15 dias, totalizou 167 horas de cobertura e a NBC, canal norte-americano, transmitiu 14 horas de competições. Em 2021, por outro lado, o megaevento esportivo foi transmitido para um público-alvo potencial de cinco bilhões de telespectadores, incluindo televisão aberta e por assinatura e internet, por mais de 100 emissoras. Para mais, a Olympic Broadcasting Services (OBS), responsável pela cobertura ao vivo dos Jogos (televisão, rádio e internet), estava programada para produzir mais de nove mil horas de conteúdo.

Se antes, em 1964, o público só podia assistir a uma parcela pequena das competições dos Jogos, em 2021, os torcedores puderam ter acesso a eles quase que em sua totalidade. Atualmente, poucos momentos olímpicos passam despercebidos pelas câmeras das emissoras, bem como daquelas presentes nos smartphones do público presente. No entanto, o ponto que aqui deve ser destacado sobre essa transformação comunicacional, quando comparado as duas edições, são os modos de interação das torcidas espectadoras dos Jogos Olímpicos.

Pois bem, se um torcedor, em 1964, quisesse saber sobre o desempenho do atleta ídolo de seu país, ele precisaria assistir à disputa via TV – lembrando que, talvez, não houvesse imagens daquela competição em específico – ou informar-se sobre no rádio ou no jornal impresso do dia seguinte. Além disso, para comentar com o seu melhor amigo sobre a performance daquele esportista, havia duas opções: telefonar ou encontrá-lo pessoalmente. Em 2021, todavia, o torcedor já tinha a possibilidade de acompanhar o seu atleta ídolo por meio dos meios comunicacionais tradicionais, como televisão, rádio e jornal – com uma cobertura muito maior daquela de antigamente –, mas também podia fazê-lo por meio de

¹⁰ Disponível em:

<<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/07/26/olimpiada-de-toquio-2021-as-curiosidades-de-toquio-1964-a-1o-olimpiada-sediada-pelo-japao.ghtml>>. Acesso em: 28 ago. 2022.

¹¹ Disponível em:

<<https://ludopedio.org.br/arquivancada/a-transformacao-dos-jogos-olimpicos-comparando-toquio-1964-com-toquio-2020/>>. Acesso em: 28 ago. 2022.

tweets, por exemplo. Sendo possível, inclusive, tecer comentários sobre a performance dos atletas com outros sujeitos, construindo assim, uma rede social digital, já que, agora,

nas novas formas de interação criadas pelo uso dos meios de comunicação, a visibilidade de indivíduos, ações e eventos é separada do compartilhamento de um local comum: não é mais necessário estar presente no mesmo contexto espaço-temporal para ver o outro indivíduo ou indivíduos com quem se está interagindo ou para testemunhar uma ação ou evento. (THOMPSON, 2018, p. 34)

Entretanto, juntamente com a possibilidade de uma interação mais veloz entre indivíduos com interesses em comuns, surgem também algumas defasagens provenientes da comunicação mediada por computadores. Dentre elas, a facilidade de haver trocas de informações entre os amantes de esportes e os atletas. Atualmente, com a flexibilização comunicacional advinda do avanço dos sites de redes sociais, é possível que os torcedores não só acompanhem as disputas competitivas, mas também consigam dar, quase que instantaneamente, os seus *feedbacks* sobre o desempenho dos competidores diretamente para eles.

Para Thompson (2018, p. 35), “os campos da vida social foram, e continuam a ser, reconstituídos por essas novas formas de interação e visibilidade possibilitadas pelo uso dos meios de comunicação”, como os sites de redes sociais virtuais. Apesar dessas transformações digitais ampliarem a conversação entre as pessoas e permitirem, cada vez mais, um mundo de possibilidades quando refere-se à área da comunicação, essas novas formas de interações também criam riscos para a sociedade e seus agentes.

É, justamente, para buscar contribuir com as discussões acerca desses problemas ocasionados pelo uso das redes sociais online que a autora deste trabalho visa verificar as implicações nos desempenhos esportivos dos atletas olímpicos a partir das trocas e interações com o mundo digital.

2.2 Twitter

Surgido em 2006, o Twitter tem como seu slogan *What's happening?* (O que está acontecendo?, em português). Dessa forma, esta rede social permite que seus usuários postem mensagens curtas de até 280 caracteres, chamadas de *tweets*, que podem ser visualizadas por outros integrantes da rede social virtual de forma

interativa e instantânea em uma *timeline*. Desse modo, os usuários do Twitter podem, além de compartilhar informações, expressar suas opiniões e reflexões, utilizando-se de conteúdos textuais, bem como de recursos multimídia, como imagens, áudios e GIFs.

Figura 1 - Tweet da conta do Twitter em sua própria plataforma



Fonte: @Twitter In: Twitter, 2022

No quarto trimestre de 2021, segundo informações coletadas pela empresa de análise de dados Statista¹², o Twitter alcançou 217 milhões de usuários ativos diários monetizáveis. Somente em janeiro de 2022, cerca de 19 milhões de brasileiros acessaram a plataforma, fazendo com que o país seja a quarta maior base de usuários do Twitter.

À pergunta “Para que serve o Twitter?” nossa resposta é que o Twitter serve como um meio multidirecional de captação de informações personalizadas; um veículo de difusão contínua de ideias; um espaço colaborativo no qual questões, que surgem a partir de interesses dos mais microscópicos aos mais macroscópicos, podem ser livremente debatidas e

¹² Disponível em:

<<https://valorinveste.globo.com/mercados/internacional-e-commodities/noticia/2022/04/25/brasil-tem-a-quarta-maior-base-de-usuarios-do-twitter-no-mundo.ghtml>>. Acesso em 30 ago. 2022.

respondidas; uma zona livre - pelo menos até agora- da invasão de privacidade que domina a lógica do capitalismo corporativo neoliberal que tudo invade, até mesmo o ciberespaço. (SANTAELLA; LEMOS, 2010, p. 66)

Ademais, o Twitter conta com mecanismos de interação como: *retweet*, que é o compartilhamento de uma mensagem de outro usuário em seu perfil; respostas e menções, possibilidade de responder a outras pessoas e mencioná-las em seus próprios *tweets*; e mensagens diretas, utilizadas para conversar em particular com pessoas (TEIXEIRA, 2017).

Em 2007, o Twitter criou outra ferramenta que tem relevância na maneira como as pessoas interagem nesta rede social: a *hashtag*. Representada pelo símbolo “#”, a *hashtag* é usada para indexar palavras-chaves, permitindo que os usuários sigam os tópicos de seus interesses. Dessa forma, ao digitar no recurso de busca da plataforma ou ao clicar na palavra #OlympicGames ou #Tokyo2020, a pessoa passa a ter acesso a todos os tweets escritos com o uso daquela *hashtag*.

De acordo com Costa-Moura (2014)¹³ apud Teixeira (2017, p. 101):

[...] a utilização de uma *hashtag* passa a fornecer um meio de agrupamento instantâneo de mensagens e metadados — os quais, a partir daí, podem ser acessados, ao alcance de um clique, de qualquer lugar do planeta, juntamente com o conjunto todo (streaming) de mensagens que circulam na rede com a mesma #. (COSTA-MOURA, 2014, apud TEIXEIRA, 2017, p. 101)

É justamente pela maneira como permite que seus usuários interajam na plataforma que o Twitter coloca-se como uma rede social interessante a ser analisada no presente trabalho. Pois, por exemplo, se durante o período competitivo dos Jogos Olímpicos, um torcedor quiser criticar ou comentar o desempenho de um atleta, ele não precisa ir à conta deste esportista, basta apenas digitar 280 caracteres em sua conta pessoal.

Como site de rede social, o Twitter proporciona que essas redes sejam expressas por meio dele, mas Santaella e Lemos (2010) ressaltam que o Twitter é um ambiente digital que possui uma dinâmica singular de interação social. Enquanto que, em outras redes sociais, “o foco da interação social está nos contatos pessoais

¹³ COSTA-MOURA, Fernanda. Proliferação das #hashtags: lógica da ciência, discurso e movimentos sociais contemporâneos. *Ágora* (Rio J.), Rio de Janeiro, v. 17, n. spe, p. 141-158, Aug. 2014.

entre usuários, no Twitter, o foco encontra-se na qualidade e no tipo de conteúdo veiculado por um usuário específico”. (SANTAELLA; LEMOS, 2010, p. 67)

Habckost (2020) segue nessa mesma linha e explica que, em tese, toda postagem feita por uma pessoa no Twitter pode ser vista e replicada por outros usuários desse site de rede social.

Usuários com perfis públicos produzem conteúdo sem a garantia de qual será sua audiência, isto é, não é possível controlar, a priori, quem será exposto àquela mensagem, já que ela pode ser disseminada, compartilhada e atingir vários públicos e diferentes redes. (HABCKOST, 2020, p. 65)

Assim posto, devido ao funcionamento desse site de rede social, os atletas, antes e durante os Jogos, mesmo não seguindo os torcedores, podem, facilmente, ter acesso aos comentários feitos em relação aos seus desempenhos. Visto que, ademais, os usuários da plataforma priorizam os conteúdos do tipo contextual, ou seja, prezam pelos acontecimentos ocorridos no momento do acesso e que estão em alta na mídia. (VIEIRA, 2017)

2.3 Instagram

Diferentemente do Twitter, o Instagram é um site de rede social com o foco voltado ao visual. Criado em 2010 pelo estadunidense Kevin Systrom e pelo brasileiro Mike Krieger, o aplicativo nasceu com o objetivo de promover o compartilhamento de imagens através de dispositivos móveis, como *smartphones* e *tablets*, com a possibilidade de aplicações de filtros – efeitos e recursos que permitiam editar e modificar as imagens, como alterações de brilho, luminosidade, tons, entre outros detalhes.

Em 2012, Mark Zuckerberg, criador e CEO da Meta Inc.¹⁴, comprou o Instagram¹⁵ e, a partir desta mudança, a plataforma começou a ganhar diversas ferramentas e funcionalidades comunicativas que auxiliam os usuários na disseminação de conteúdo, visto que, até esse momento, a rede funcionava estritamente para publicação de fotos.

¹⁴ Meta Inc., anteriormente Facebook Inc., é um conglomerado estadunidense de tecnologia e mídia social com sede na Califórnia. Além de seu site de rede social, o Facebook, a Meta oferece outros produtos e serviços, sendo dona do Instagram e do WhatsApp.

¹⁵ Disponível em:

<<https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2012/04/facebook-anuncia-compra-do-instagram.html>>.

Acesso em: 30 ago. 2022.

As modificações mais consideráveis foram a possibilidade de postagens de vídeos e o envio de mensagens privadas diretas entre os usuários. Além destas, com a possibilidade de comentar e curtir as publicações, o Instagram passou a ter mais características de rede social digital, possibilitando a interação entre os usuários.

Uma das mudanças mais notórias da plataforma foi o lançamento do recurso Instagram *Stories* (Histórias), em 2016, após a falha tentativa de compra do aplicativo Snapchat¹⁶ por Mark Zuckerberg. Desse modo, o CEO da Meta criou o seu próprio *feed* efêmero dentro do Instagram. Assim, os *stories* passaram a permitir que usuários compartilhassem até quinze segundos de fotos e vídeos, os quais desaparecem após 24 horas de serem postados. A partir dessa modificação, a rede passa a ser dividida basicamente em duas: *feed* e *story*.

O *feed* pode ser comparado a uma vitrine pessoal do usuário, onde ele demonstra, a partir da publicação de conteúdos (fotos e vídeos), a sua identidade. Logo, o princípio do *feed* é ser visualmente interessante. É por isso que muitas contas buscam mantê-lo harmônico e apresentável, e prestam atenção no enquadramento das fotografias, bem como nas pós-produções delas.

A influência e o impacto do Instagram, que conta com cerca de um bilhão de usuários ativos¹⁷, é tão evidente que, por exemplo, esta tendência de privilegiar o visual tomou proporções significativas ao ponto de, conforme Leaver, Highfield e Abidin (2020), transcender o mundo digital e impactar os espaços físicos da vida real, como restaurantes e bares. A respeito disso, surge um termo chamado de “ambiente instagramável”, que pode ser definido como um espaço decorado e organizado para despertar o interesse das pessoas e fazer com que elas fotografem e postem o local nas redes sociais digitais.

Já nos *stories*, a premissa é outra. O apelo visual permanece, mas não tão embutido como no *feed*. Através dessa funcionalidade, os usuários compartilham as mais diversas situações do seu dia a dia e não somente aqueles momentos que desejam recordar — seguindo a tendência de postar apenas as melhores fotos. Segundo Zimermann e Guidotti (2020, p. 3), “os *stories* humanizaram ainda mais os

¹⁶ Snapchat é um aplicativo de mensagens multimídia lançado em 2011. A plataforma tornou-se viral devido à efemeridade dos conteúdos: em 24h eles já se tornam indisponíveis aos usuários.

¹⁷ Disponível em:

<<https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2020/10/06/instagram-faz-10-anos-como-uma-das-maiores-redes-sociais-do-mundo-e-de-olho-no-tiktok-para-nao-envelhecer.ghtml>>. Acesso em: 30 ago. 2022.

internautas, possibilitando uma maior interação e troca de informações entre eles". Isso porque, a novidade teve como ideia que as pessoas passassem a usar o Instagram para expor mais o seu dia a dia.

Nos Jogos Olímpicos de Tóquio, com a restrição de circulação de pessoas, devido à pandemia de Covid-19, e, dessa forma, sem a presença do público nas arenas olímpicas, os *stories* foram uma ferramenta extremamente utilizada pelos atletas para mostrar seus cotidianos durante a estadia na Vila Olímpica¹⁸. Os esportistas gravavam e publicavam vídeos diariamente mostrando os alojamentos, as brincadeiras com os colegas de quarto, as filas imensas da lavandeira, como funcionavam os refeitórios, entre outros momentos. Através desse recurso, os torcedores podiam acompanhar “mais de perto” o que estava acontecendo em terras japonesas.

Ao aproximar essa discussão de um dos objetos desta pesquisa, o Instagram, é necessário discutir a importância dessa conexão mais próxima entre atletas e usuários. Em tempo de relevância das redes sociais digitais em diversos campos da sociedade, o ditado “quem não é visto não é lembrado”, talvez, nunca tenha feito tanto sentido. Ou seja, é essencial que esportistas estejam inseridos nessas redes do Instagram para que suas façanhas sejam disseminadas, além de ser uma ferramenta de exposição importante para chamar a atenção de possíveis patrocinadores. Devido ao alcance dessas redes sociais virtuais, marcas tendem a buscar “influenciadores”¹⁹ com presença digital para que eles divulguem seus produtos.

No entanto, o Instagram não é resumido apenas a fotos e vídeos no *feed* e nos *stories*. O site usa e abusa de recursos interativos. No *stories*, por exemplo, é possível reagir com emojis às postagens dos usuários, bem como respondê-los através de uma caixa de mensagens. Ainda, há a possibilidade de adicionar a localização e marcar outras pessoas por meio do uso do caractere “@”. Já no *feed*, as postagens podem ser curtidas, comentadas, encaminhadas e replicadas nos *stories*. Além disso, é permitido criar *posts* em parceria com outros usuários através da ferramenta *collab*, em que a postagem aparece no perfil de ambas as pessoas.

¹⁸ A fim de abrigar as delegações dos Comitês Olímpicos Nacionais participantes dos Jogos Olímpicos, em cada edição do megaevento, é construído um complexo de prédios, denominado Vila Olímpica.

¹⁹ Define-se influenciador digital aquele sujeito que possui um público fiel e engajado em suas redes sociais digitais e, em alguma medida, exerce capacidade de influência tanto na tomada de decisão de compra quanto na construção de opinião de seus seguidores.

Para mais, em 2020, com a demanda crescente de publicações de vídeos curtos,²⁰ o Instagram anunciou o lançamento do “reels”. A função ganhou, inclusive, um espaço destinado só para ele dentro da plataforma.

É perceptível, portanto, que o Instagram é dinâmico e está sempre em transformação. Recuero (2010, p. 79) explica que as redes sociais, mesmo aquelas hospedadas na Internet, modificam-se em relação ao tempo e ao espaço, sendo que essas transformações “são largamente influenciadas pelas interações.”

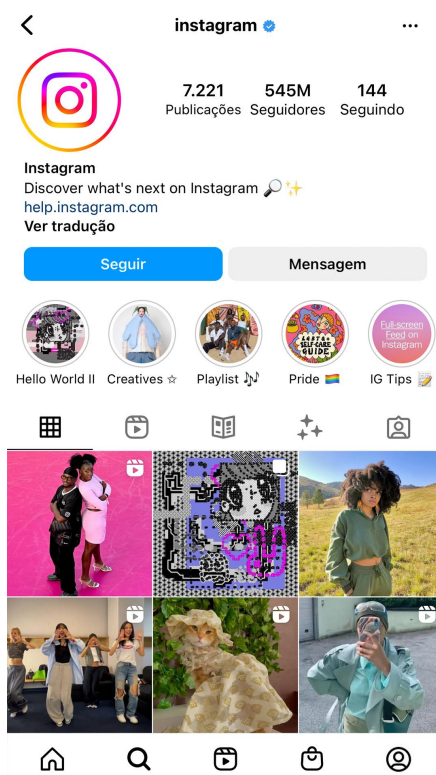
Conforme Leaver, Highfield e Abidin (2020), o Instagram, portanto, é uma plataforma. O uso desse termo é justamente para chamar a atenção para o fato de que o Instagram é mais do que uma única coisa:

É um aplicativo; é uma série de programas e algoritmos; é um banco de dados gigantesco de imagens, vídeos, legendas, comentários, tags geolocalizadores, tags de localização, curtidas, emojis e mais e mais itens ao longo do tempo; é uma coleção de dados pessoais (conectados a conjuntos semelhantes de dados pessoais após a compra pelo Facebook); é uma interface de programa de aplicativos (API), que estabelece regras para permitir que diferentes aplicativos, plataformas e parceiros acessem, adicionem ou removam dados do banco de dados do Instagram; é uma série de decisões e desenvolvimentos que criam diferentes versões de cada uma dessas coisas; e também encapsula vários entendimentos populares do que o Instagram “é” para mais de um bilhão de pessoas que o usam. Em suma, descrever o Instagram como uma plataforma oferece um lembrete contínuo de que o Instagram é muitas coisas diferentes, algumas ao mesmo tempo e algumas que mudaram radicalmente ao longo do tempo. (LEAVER; HIGHFIELD; ABIDIN, 2020, p.21, tradução nossa).²¹

É devido, além de seu prestígio e popularidade, à possibilidade de múltiplas interações permitidas pela sua interface interativa, que o Instagram foi a segunda plataforma escolhida para realizar a análise desta pesquisa.

²⁰ Tendência advinda após o lançamento do TikTok. Site de rede social de compartilhamento de vídeos curtos que oferece diversos recursos de edição, como filtros, áudios, músicas e legendas. A rede expandiu-se devido ao seu apelo para a viralização, já que os usuários reproduzem coreografias e criam desafios.

²¹ No original: It is an app; it is a series of programs and algorithms; it is a gigantic database of images, videos, captions, comments, geolocate tags, location tags, likes, emoji and more and more items over time; it is a collection of personal data (connected with similar sets of personal data after the purchase by Facebook); it is an application program interface (API) which enacts rules to allow different apps, platforms and partners to access, add or remove data from the Instagram database; it is a series of decisions and developments over time that create different versions of each of these things; and it also encapsulates various popular understandings of what Instagram ‘is’ to the more than a billion people who use it. In short, describing Instagram as a platform offers a continual reminder that Instagram is many different things, some at the same time, and some that have quite radically changed over time.

Figura 2 - *Printscreen* do perfil do Instagram em sua própria plataforma

Fonte: @Instagram In: Instagram, 2022

3. PSICOLOGIA DO ESPORTE

"Quem sou eu?", "Quais as minhas necessidades?", "Por que tenho conflitos?" e "Como me relaciono com o ambiente físico e social?" são exemplos de perguntas que permeiam a consciência do ser humano. A formulação desses questionamentos, entretanto, bem como de suas respostas, diferem de acordo com a época e com a sociedade. Porém, segundo Teles (1989, p. 6), uma coisa é certa: "a preocupação com o interior do Homem e com a maneira pela qual ele se relaciona consigo próprio e com o ambiente está sempre presente." Tentar compreender a totalidade da vida humana, no sentido mais amplo, é o objeto de estudo da Psicologia.

Todavia, conceituar a Psicologia e o que ela busca analisar não é tão simples, visto que não há um consenso entre os pesquisadores sobre isso. O seu objeto tem variado ao longo do tempo, e sua pré-história confunde-se com a própria história da Filosofia. "Não há como definir o objeto da Psicologia para que a definição agrade a todos os psicólogos. Qualquer definição acaba sendo exclusiva demais para ser útil ou geral demais para ser significativa."²² (MARX & HILLIX, 1963, p. 31²³ apud TODOROV, 2012, p. 1, tradução nossa). Bock, Furtado e Teixeira (1999) segue na mesma linha:

Se dermos a palavra a um psicólogo comportamentalista, ele dirá: "O objeto de estudo da Psicologia é o comportamento humano". Se a palavra for dada a um psicólogo psicanalista, ele dirá: "O objeto de estudo da Psicologia é o inconsciente". Outros dirão que é a consciência humana, e outros, ainda, a personalidade. (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 1999, p. 25)

Esta diversidade de objetos do campo da Psicologia é explicada pelo fato desta área do conhecimento ter-se constituído apenas muito recentemente, no final do século XIX. Contudo, para o desenvolvimento da análise deste trabalho, não interessa compreender toda a polêmica existente em torno da definição de Psicologia, o que importa é entender que ela é uma ciência que "procura compreender o Homem, seu comportamento, para facilitar a convivência consigo próprio e com o outro" (TELES, 1989, p. 2) e que ela colabora com o estudo da subjetividade humana.

²² No original: There is no way to define the subject matter of psychology so that the definition will please all psychologists. Any definition turns out either too exclusive to be useful or too general to be meaningful.

²³ Marx, M. H. & Hillix, W. A. (1963). *Systems and theories in psychology*. New York: McGrawHill.

Isso porque, a subjetividade é a síntese individual e singular que cada pessoa vai se constituindo conforme vai desenvolvendo-se e vivenciando as experiências da vida social e cultural. Esta síntese — a subjetividade — é o mundo dos significados e das emoções que é construído internamente pelas pessoas a partir de suas vivências e de suas relações sociais (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 1999). Ou seja, esta ciência pesquisa os diversos homens concebidos pelo conjunto social e busca investigar as causas do comportamento.

Com as rápidas transformações sociais, essas questões relacionadas à como os sujeitos procedem ao serem expostos a circunstâncias que antes não eram, torna-se imprescindível novas pesquisas que abarque os comportamentos humanos acerca desses contrastes. É o caso do presente trabalho que busca compreender como os estímulos externos advindos das interações nas redes sociais digitais de atletas podem afetar a sua subjetividade e, assim, a sua performance.

Qualquer esforço de esclarecer por que os seres humanos pensam e se comportam da forma que o fazem está relacionada a um ramo da psicologia. As diferentes disciplinas são extremamente amplas, e entre elas, encontra-se a psicologia do esporte.

Definindo de modo simples esse braço desta ciência, “a psicologia do esporte é o estudo científico de pessoas e seus comportamentos em contextos esportivos e de exercício e as aplicações práticas de tal conhecimento.” (GILL, 1979²⁴ apud WEINBERG; GOULD, 2001). Para Becker Júnior, (1995)²⁵ apud Becker Júnior (2000, p. 19), é a “disciplina que investiga as causas e os efeitos das ocorrências psíquicas que apresenta o ser humano antes, durante e após o exercício ou o esporte, sejam estes de cunho educativo, recreativo, competitivo ou reabilitador”. Já Katia Rubio (2004) aponta que a Psicologia do Esporte

tem como meio e fim o estudo e a intervenção junto ao ser humano envolvido com a prática de atividade física e esportiva competitiva e não competitiva. Esses estudos podem abarcar os processos de avaliação, as práticas de intervenção ou a análise do comportamento social que se apresenta na situação esportiva a partir da perspectiva de quem pratica ou assiste ao espetáculo (Feliu, 1997; García-Mas, 1997). A Psicologia no Esporte é a transposição da teoria e da técnica das várias especialidades e correntes da Psicologia para o contexto esportivo, seja no que se refere à aplicação de avaliações para a construção de perfis, seja no uso de técnicas

²⁴ GILL, D. L. The Prediction of group motor performance from individual member abilities. 1979. *Journal of Motor Behavior*, 11, 113-122.

²⁵ BECKER JUNIOR, B. Preparação psicológica aplicada ao atleta de alto nível e ao atleta escolar. 1995. 13º Congresso Brasileira de Medicina Desportiva, Vitória: FBMD.

de intervenção para a maximização do rendimento esportivo (Rubio, 2000; 2002). (RUBIO, 2004, n.p)

Assim como é difícil determinar quando as reflexões sobre a vida psíquica humana começaram, é custoso apontar quando surgiu a psicologia do esporte. No entanto, há manifestações de psicologia aplicada ao esporte pelo menos desde 1865. Para compreender o desenvolvimento dessa história, pesquisadores a dividem em partes. Aqui, utilizaremos a fragmentação histórica exposta por Robert Weinberg e Daniel Gould (2001), em “Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício”.

Para os autores, existem cinco períodos que, a partir de algumas personalidades e eventos específicos, podem ser caracterizados para explicar o crescimento da psicologia do esporte.

O primeiro deles situa-se entre 1885 e 1920. Nesta fase iniciam-se estudos isolados, em que psicólogos e educadores físicos buscavam constatar os fatos psicológicos que ocorriam em situações desportivas. Assim, estes pesquisadores trabalham na área da psicologia esportiva, mas de uma maneira superficial, sem especialização no campo. O segundo período é caracterizado como a era Griffith (1921-1938). Coleman Griffith foi o primeiro norte-americano a especializar-se na área e a dedicar parte significativa de sua carreira à psicologia do esporte, sendo, hoje, considerado o pai da psicologia do esporte nos Estados Unidos. Ele desenvolveu pesquisas “de alta qualidade e seu profundo comprometimento em melhorar desempenhos permanecem um excelente modelo para psicólogos do esporte.” (WEINBERG; GOULD, 2001, p. 33).

Já o terceiro período, nomeado como “Preparação para o futuro”, abrange os anos entre 1939 e 1965. Aqui, graças aos esforços educacionais de Franklin Henry, há o desenvolvimento científico do campo. Durante 1966 a 1977, ocorreu a quarta fase da história do desenvolvimento da psicologia esportiva. Neste momento, há o estabelecimento da educação física como disciplina acadêmica e a psicologia do esporte torna-se um componente separado dentro dessa matéria. Enquanto os especialistas em aprendizagem motora focavam-se em compreender como as pessoas adquiriam habilidades motoras, “os psicólogos do esporte estudavam o modo como os fatores psicológicos - ansiedade, autoestima e depressão - influenciam o desempenho de habilidades esportivas e motoras”. (WEINBERG; GOULD, 2001, p. 34). Neste estágio também que, tendo como marco os Jogos

Olímpicos de Roma, foi realizado o 1º Congresso Mundial de Psicologia do Esporte, um marco para o desenvolvimento desta nova disciplina.

Por fim, o período contemporâneo da psicologia do esporte, que tem início em 1978 e estende-se até o presente, é marcada, segundo Weinberg e Gould (2001, p. 34), “por um tremendo crescimento” da psicologia do esporte, devido a importantes pesquisas e por interesse na aplicação e na consultoria.

No Brasil, a Psicologia do Esporte iniciou-se, de acordo com Casal (2007), em 1958 com João Carvalhaes, que desdobrou a sua atividade no São Paulo Futebol Clube. Aqui, vale notar a não causalidade de o desenvolvimento desta ciência em território brasileira ter se dado, justamente, com o futebol, visto que esse é o esporte de maior visibilidade social e potência econômica. Foi “somente na década de 1980 que vários psicólogos começaram a trabalhar em diversas modalidades esportivas no Clube Pinheiros²⁶, em São Paulo.” (CASAL, 2007, p. 25). Embora um caminho longo tenha sido percorrido em relação à Psicologia do Esporte no Brasil, conforme Becker Júnior (2000), o período de maturidade ainda está por acontecer.

A Psicologia do Esporte esbarra, entretanto, no problema de não ser um espaço ocupado exclusivamente por psicólogos. Por ser disciplina, principalmente, da graduação em Educação Física, muitos profissionais dessa área dedicam sua carreira para “treinar psicologicamente atletas”.

Quanto ao seu estado atual, percebe-se uma carência de profissionais qualificados para esse campo da Psicologia, a qual está refletida na produção científica. [...] Uma consideração para esta carência de qualificação profissional pode estar na diversidade dos conhecimentos que esta área exige, oriundos da Psicologia, das Ciências do Esporte e do próprio esporte. Devido a essa diversidade de conhecimentos, atualmente a Psicologia do Esporte tem duas especialidades: a Psicologia Clínica, com atuação de psicólogos em programas de intervenção, e a Psicologia Educacional aplicada ao esporte, com atuação de psicólogos e profissionais de outras áreas, em sua maioria da Educação Física, que trabalham com o ensino e com a pesquisa. (VIEIRA et al., 2010, p. 398)

Os psicólogos modernos do esporte seguem diversas carreiras dentro da área, no entanto, dedicam-se a esse trabalho com dois objetivos em mente, conforme Weinberg e Gould (2001) expõem:

²⁶ O Esporte Clube Pinheiros é um clube social, esportivo e recreativo, situado na cidade de São Paulo (SP). Fundado em 1899, o Pinheiros é o maior clube poliesportivo da América Latina, além de ser um dos maiores campeões em diversas modalidades esportivas, sendo responsável por 12 medalhas olímpicas brasileiras.

- a) Entender os efeitos de fatores psicológicos sobre o desempenho físico ou motor.
- b) Entender os efeitos da participação em atividades físicas sobre o desenvolvimento psicológico, a saúde e o bem-estar.

Com isto posto, é de interesse desta pesquisa compreender o objetivo um, mais especificamente quando ela refere-se ao esporte de alto rendimento. Deste modo, conceitua-se esporte de alto rendimento como

um tipo de prática que pode se relacionar ao esporte espetáculo, protagonizado pelo atleta profissional, ou ainda, a um tipo de atividade esportiva que não é necessariamente remunerada, mas que exige do praticante dedicação e rendimento que superam uma prática de tempo livre ou amadora. (RUBIO, 2004, n.p.)

É justamente nessa perspectiva que a Psicologia do Esporte tem mais visibilidade. “Isso porque, em busca do rendimento máximo de um atleta individualmente ou de uma equipe esportiva são procuradas as variáveis que podem interferir em sua performance” (RUBIO, 2004, n.p.), permitindo que o objetivo final, ou seja, a vitória, seja alcançado.

3.1 A Psicologia do Esporte no alto rendimento

Quando fala-se do universo esportivo competitivo, principalmente daquele do alto rendimento, é preciso compreender que há diversas variáveis emocionais que cercam esse meio, como as situações que dizem respeito ao jogo, aos sentimentos dos atletas e aos acontecimentos extraquadra. “Tais situações despertam diversas reações emocionais nos atletas, que tanto podem auxiliar como prejudicar o seu desempenho.” (MACHADO; PAES; ALQUIERE; OSIECKI; LIRANI; STEFANELLO, 2016, p. 1061)

É devido a essas demandas cognitivas, da busca pelo domínio das emoções e dos sentimentos, que são vividas pelos atletas profissionais durante os treinos e as competições que Samulski (2007) vê a Psicologia do Esporte como uma ferramenta importante no esporte de alto rendimento.

O esporte de alto rendimento está fortemente ligado ao fato de levar os atletas ao seus limites, estando associado à otimização dos recursos corporais e técnicos. Assim, para obter o total desempenho, os esportistas contam com equipes

multidisciplinares que têm como foco desenvolver, nos atletas, as aptidões técnicas e táticas específicas necessárias para desempenhar a modalidade em questão, bem como de garantir que eles estejam bem fisicamente, utilizando-se assim de profissionais da Educação Física, da Fisioterapia e da Nutrição. Na busca incansável pelo máximo desempenho e, por consequência, da vitória,

o corpo é usado e manipulado pelo próprio atleta e pela comissão técnica para alcançar o rendimento máximo, em um curto espaço de tempo, atendendo aos interesses que gravitam no entorno do espetáculo como a venda de produtos ou a imagem do patrocinador. Na concretização desse intuito está implicada a realização integral do potencial físico e emocional do protagonista do espetáculo esportivo. (RUBIO, 2004, n.p.)

Porém, os pesquisadores Verzani, Morão, Bagni, Machado e Serapião (2015, p. 120) analisam que no atual contexto esportivo, “existe uma grande valorização de aspectos técnicos, táticos e físicos, sem levar em consideração os aspectos psicológicos, que podem desequilibrar os atletas.”

Cada vez mais, o esporte conta com demandas, como pressão da mídia, expectativas sociais e apresentação de resultados aos patrocinadores, que incidem diretamente sobre os atletas, produzindo o que Verzani et. al (2015) chama de “impulso emocional”, o que acaba, mesmo que indiretamente, interferindo de forma psíquica sobre eles.

A ginasta norte-americana Simone Biles²⁷, em 2021, durante os Jogos Olímpicos de Tóquio, abriu os olhos do mundo no que se refere a atletas de alto nível e às questões psicológicas. A expectativa de ver Biles brilhando em mais uma Olimpíada foi alimentada ao longo de semanas antes da competição, e essa ânsia por ver a ginasta de 24 anos competindo não era à toa. Ela estava cotada para ganhar nada mais, nada menos do que seis medalhas de ouro.

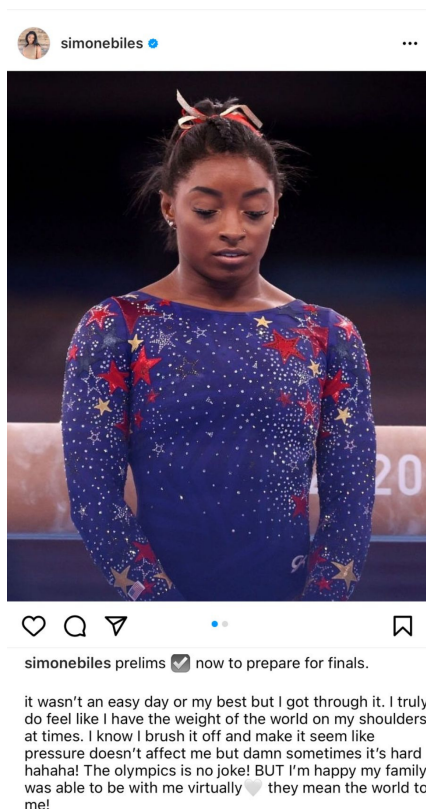
Porém, Biles colocou a sua saúde mental acima do pódio e retirou-se da disputa da final da ginástica feminina por equipe, bem como da final do individual geral. Em sua conta no Instagram, Simone, que vinha sofrendo pressão por resultados durante longos anos, manifestou-se: “Às vezes sinto como se tivesse o peso do mundo sobre as minhas costas. Faço parecer que a pressão não me afeta, mas é difícil”. Ainda, em entrevista à CNN publicado pela Exame²⁸, ela disse:

²⁷ Simone Biles, dos Estados Unidos, é ginasta profissional, especialista em ginástica artística. A atleta, atualmente, é um dos maiores nomes da modalidade, tanto de seu país como do mundo, sendo vencedora de vinte e cinco medalhas em Campeonatos Mundiais e sete em Jogos Olímpicos.

²⁸ Disponível em: <https://exame.com/carreira/simone-biles-saude-mental/>. Acesso em: 05. set. 2022.

“Sempre que você entra em uma situação de alto estresse, você meio que enlouquece.”

Figura 3 - Post de Simone Biles sobre pressão e saúde mental



Fonte: @simonebiles In: Instagram, 2021

No esporte, pode-se dizer que as pressões psicológicas e fisiológicas que estão associadas aos treinamentos, competições e a sua organização social mostram que o desempenho esportivo é um fenômeno complexo que é afetado pelas características individuais e por fatores ambientais. (BRANDÃO, 2015, p. 90)

Sobre fatores ambientais, um aspecto que chama atenção de pesquisadores da área são os torcedores. De acordo com Becker Júnior (2000, p. 226), “a presença de pessoas pode determinar mudanças no rendimento de sujeitos submetidos a desafios”. No entanto, sabe-se que, cada vez mais, não apenas nos locais das competições os torcedores estão. Com a evolução dos meios de transmissão, bem como o crescimento de plataformas de streaming esportivo, mais e mais pessoas acompanham e torcem de casa, exercendo uma pressão nos atletas de que “o mundo os está vendo.”

De acordo com Lucas Rosito (2022)²⁹, o aspecto psicológico, ou seja, todos aqueles elementos que não correspondem às questões técnico, tática e físicas, é um componente importante no que se refere à performance. Para Rosito (2022), o aspecto psicológico engloba, por exemplo, o manejo das emoções, a capacidade de tomada de decisão, a capacidade do desportista manter-se focado sob estresse, a habilidade de interação dos atletas com o seu contexto e a aptidão de adaptar-se da melhor maneira possível para alcançar o melhor desempenho.

Um aspecto psicológico é a relação, em última análise, dos seus aspectos cognitivos, como atenção, a consciência, o juízo crítico, a tomada de decisão, com as respostas fisiológicas, emocionais e involuntárias, como o medo, o estresse e ansiedade, que resulta em comportamento, ou seja, em performance. (ROSITO, 2022)

De todo modo, quando se fala sobre o contexto esportivo, é importante reconhecer o forte vínculo existente entre o desempenho e os sentimentos, pensamentos e emoções, bem como compreender que os fatores pessoais e situacionais influenciam na vitória ou na derrota.

Todavia, Rosito (2022) esclarece que os atletas de alto rendimento, mesmo quando bem preparados psicologicamente, não conseguem evitar as emoções, mas sim, performar apesar das emoções. Ou seja, o desportista embora esteja com o seu psicológico em ordem, ele não vai deixar de sentir ansiedade ou medo, nem vai deixar de sentir-se desconfortável com situações de pressão, mas conseguirá manter o seu nível de desempenho. (ROSITO, 2022)

²⁹ Entrevista concedida à autora em 11 de setembro de 2022 por WhatsApp.

4. PERCURSO METODOLÓGICO

A partir da fundamentação teórica apresentada nos capítulos anteriores, dar-se-á o embasamento necessário para a etapa empírica da pesquisa, que cumprirá os objetivos propostos na introdução do presente estudo, a partir dos procedimentos metodológicos apresentados a seguir.

Com o intuito de verificar o envolvimento dos atletas Arthur Nory³⁰ e Rafael Macedo³¹, ambos participantes dos Jogos Olímpicos de Tóquio, nas redes sociais digitais e as implicações em suas performances relacionadas às trocas comunicacionais e às interações com os usuários, utilizar-se-á técnicas que abrangem o estudo de caso, procedimento metodológico definido como compatível com esta pesquisa.

Todavia, antes de ocupar-se com o desenvolvimento da metodologia em si, vale definir que, no que diz respeito ao seu objetivo, esta pesquisa pode ser caracterizada como exploratória. Isso porque, conforme a descrição de Antônio Gil (2008, p. 27), “este tipo de pesquisa é realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado”. Assim posto, como no estado da arte não foram identificados muitos trabalhos com a temática de como as redes sociais digitais impactam o desempenho esportivo de atletas, o assunto deste estudo ainda precisa ser analisado e estudado, não com o objetivo de formular hipóteses precisas, mas sim de proporcionar uma visão geral acerca do fato.

Para o pesquisador (2008, p. 27), “as pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e idéias (sic)”, sendo que, muitas vezes, elas “constituem a primeira etapa de uma investigação mais ampla”. É, justamente, abrir as portas para esta discussão acerca de como a performance de esportistas de alto rendimento pode estar sendo prejudicada devido à comunicação que ocorre em sites de redes sociais, o objetivo que a autora buscou com o desenvolvimento desta pesquisa. Com a conclusão desta, é possível que

³⁰ Arthur Nory Oyakawa Mariano, de 29 anos, é atleta de ginástica artística. Atualmente, além de integrar a seleção brasileira da modalidade, defende as cores do Esporte Clube Pinheiros, de Campinas, São Paulo. Entre as suas conquistas destaca-se a medalha de bronze no solo dos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, em 2016, e o ouro no Campeonato Mundial de Ginástica Artística, em 2019, na barra fixa.

³¹ O judoca da categoria até 90kg, Rafael Macedo, de 28 anos, nasceu em São Paulo, mas atualmente treina em Porto Alegre-RS, no clube Sogipa. Entre as suas conquistas, destaca-se o ouro no Campeonato Mundial Júnior, e o bronze na disputa por equipes do Campeonato Mundial de 2019.

novas pesquisas mais aprofundadas sejam realizadas dentro do campo da comunicação, bem como da psicologia do esporte.

Por fim, Gil (2008, p. 27) define que uma pesquisa exploratória, habitualmente, envolve "levantamento bibliográfico e documental, entrevistas não padronizadas e estudos de caso". Técnicas essas que foram aplicadas no desenvolvimento e na construção do presente trabalho.

Ademais, em relação ao método que a pesquisa desenvolvida apresenta, são utilizados aqueles com caráter qualitativo. Isso pelo motivo de que, segundo Prodanov e Freitas (2013, p. 70), neste tipo de pesquisa há "um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números". Ao contrário da pesquisa quantitativa, em que a maior parte está centrada ao redor do levantamento de dados (BAUER; GASKELL, 2011), o presente trabalho não tem como proposta utilizar dados estatísticos para formular a análise do problema. Assim, o estudo preocupa-se mais com o processo em si do que com o produto final.

Além disso, Bauer e Gaskell (2011, p. 23) seguem na mesma linha ao alegarem que este tipo de exploração "lida com interpretações das realidades sociais". Isso justifica esta pesquisa ser de teor qualitativo, visto que ela tem como objetivo não só analisar como as interações sociais se dão nas redes sociais digitais, mas o de contextualizar essas interações durante o período de realização dos Jogos Olímpicos de Tóquio.

Conjuntamente, Prodanov e Freitas (2013, p. 70) descrevem que, na qualitativa, "o pesquisador mantém contato direto com o ambiente e o objeto de estudo", o que, de fato, ocorre com a autora desta monografia e sua pesquisa. Conforme a justificativa pessoal apresentada na introdução deste trabalho, a problemática das redes sociais no âmbito esportivo de Tóquio-2020 foi identificada pela escritora por, no período competitivo, fazer parte da equipe de comunicação da Sogipa e ter acompanhado de perto o impacto que as interações nos perfis dos atletas tiveram sobre eles.

Por fim, o objetivo geral deste estudo é verificar o envolvimento de dois atletas participantes dos Jogos Olímpicos de Tóquio nas redes sociais e as implicações em suas performances. Sendo assim, se caracteriza como um estudo de caso sobre Arthur Nory e Rafael Macedo, a partir de sua relação com os usuários do Twitter e do Instagram.

4.1 O estudo de caso como metodologia

A fim de realizar esta pesquisa, que tem como objetivo geral verificar o envolvimento de Arthur Nory e Rafael Macedo, atletas participantes dos Jogos Olímpicos de Tóquio, nas redes sociais digitais e as implicações em suas performances relacionadas a estas trocas e interações com o mundo digital, a técnica utilizada será o estudo de caso, já que, segundo Robert Yin (2001, p. 32), “um estudo de caso é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos”.

Além disso, a escolha por esse procedimento se deu, pois ainda conforme Yin (2001, p. 28), o estudo de caso pode ser utilizado quando “faz-se uma questão do tipo ‘como’ ou ‘por que’ sobre um conjunto contemporâneo de acontecimentos sobre o qual o pesquisador tem pouco ou nenhum controle”, e a problemática desta pesquisa é justamente buscar compreender como o desempenho esportivo de atletas pode ser impactado, tanto positivamente quanto negativamente, quando eles estão imersos nas redes sociais digitais.

Outrossim, podemos elencar outros conceitos para justificar a utilização desse método de pesquisa neste trabalho. De acordo com Magda Maria Ventura (2007, p. 384), o estudo de caso “visa à integração de um caso específico, bem delimitado, contextualizado em tempo e lugar para que se possa realizar uma busca circunstanciada de informações”. Já Oliveira (2002, p. 50)³² apud Orsolini; Oliveira, (2013, p. 11) ressalta a competência do método para analisar as múltiplas ocorrências de um mesmo fenômeno, em vários casos.

Ou seja, essas observações em relação a essa metodologia vão ao encontro da problemática deste trabalho, visto que ele busca analisar dois casos bem delimitados: o de Arthur Nory e o de Rafael Macedo, durante o período competitivo dos Jogos Olímpicos de Tóquio. Além disso, visa trabalhar com a contextualização do fenômeno das interações das audiências no Twitter e no Instagram desses atletas.

Ainda, Prodanov e Freitas (2013, p. 60) defendem que o estudo de caso é uma das estratégias de pesquisa de uso frequente na produção de “novas descobertas de aspectos que não foram previstos inicialmente”. Como já citado na

³² OLIVEIRA, Sílvio L. Metodologia científica aplicada ao direito. São Paulo: Thomson Learning, 2002.

introdução, o estado da arte desta monografia não identificou trabalhos na área da Comunicação que lidem com a questão de como as interações das torcidas podem estar sensibilizando atletas de alto rendimento. Por este motivo, esse território ainda necessita ser explorado.

O estudo de caso consiste em coletar e analisar informações sobre determinado indivíduo, uma família, um grupo ou uma comunidade, a fim de estudar aspectos variados de sua vida, de acordo com o assunto da pesquisa. É um tipo de pesquisa qualitativa e/ou quantitativa, entendido como uma categoria de investigação que tem como objeto o estudo de uma unidade de forma aprofundada, podendo tratar-se de um sujeito, de um grupo de pessoas, de uma comunidade etc. São necessários alguns requisitos básicos para sua realização, entre os quais, severidade, objetivação, originalidade e coerência. (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 60)

À vista disso, para que o pesquisador possa atingir os seus objetivos, esse método permite que ele lide com uma ampla variedade de evidências, como entrevistas, documentos e observações. Dessa forma, o estudo de caso é entendido como um procedimento multimetodológico.

Logo, essa pesquisa se desenvolveu a partir de pesquisa bibliográfica, de consulta em documentos, como notícias e notas emitidas à imprensa, e de entrevistas com os sujeitos selecionados para o *corpus*, bem como com pessoas que, devido a suas carreiras, foram essenciais para o desenvolvimento deste trabalho.

Assim, ao longo da progressão da presente pesquisa, foram entrevistados os atletas Arthur Nory e Rafael Macedo, objetos de estudo deste trabalho, além da judoca Mayra Aguiar. Em relação aos profissionais da psicologia do esporte, foram questionados os psicólogos Lucas Elias Rosito e Eduardo Cillo. E, por fim, Antônio Lopez Alcoba deu sua contribuição com o foco voltado ao jornalismo esportivo. Além disso, foi realizada a análise das interações ocorridas no Twitter e no Instagram dos dois atletas olímpicos, a fim de levantar dados referentes a estas ações e aos possíveis impactos delas.

E, nessa arena, teoria e dados observáveis dialogam, permitindo que, desse jogo de forças, surja um novo conhecimento. Ao encontrar, no outro, uma informação, um elo se forma e, dessa relação, uma outra informação surge: um novo saber, um novo conhecimento. E o conhecimento, em seu moto contínuo, continua a provocar e estimular outras buscas e olhares, dos quais novos conhecimentos surgem e, destes, novas realidades e relações. (ORSOLINI; OLIVEIRA, 2013, p. 16)

No entanto, Yin (2001) alerta que a análise de um ou de mais casos não fornece uma base sólida para a generalização científica. Todavia, Prodanov e Freitas (2013, p. 62), expõe que “os propósitos do estudo de caso não são os de proporcionar o conhecimento preciso das características de uma população a partir de procedimentos estatísticos, mas, sim, o de expandir ou generalizar proposições teóricas”. Gil (2002) também traz essa apreensão quando evidencia, como uma das desvantagens, a dificuldade de generalização dos resultados obtidos, expondo que as especificidades de um estudo de caso podem ser perdidas quando empregadas em outros fenômenos.

Ademais, Prodanov e Freitas (2013) trazem a necessidade de uma parcimônia no desenvolvimento do estudo de caso, bem como em sua conclusão. “Por lidar com fatos/fenômenos normalmente isolados, o estudo de caso exige do pesquisador grande equilíbrio intelectual e capacidade de observação (‘olho clínico’)” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 61).

Desse modo, com base no trabalho de alguns autores, como Robert K. Yin (2001) e Robert E. Stake (2000), sobre o estudo de caso, Gil (2002) definiu sete etapas que podem ser seguidas para tornar este método de pesquisa válido.

A etapa inicial de uma pesquisa que utiliza o estudo de caso como metodologia, segundo Gil (2002), é a *formulação do problema*. De acordo com ele, o pesquisador deve “garantir que o problema formulado seja passível de verificação por meio desse tipo de delineamento.” (GIL, 2002, p. 138). Desse modo, a problemática do presente trabalho consiste em entender como a comunicação dos usuários nas redes sociais digitais pode afetar a performance dos esportistas.

Após isso, passa-se a realizar a *definição da unidade-caso*. Essa fase exige que o pesquisador trace os limites do objeto, definindo o indivíduo que será analisado dentro de um contexto (GIL, 2002). Em seguida, é necessário *determinar o número de casos*. Conforme Yin (2001, p. 33), “a pesquisa de estudo de caso pode incluir tanto estudos de caso único quanto de casos múltiplos”. Utiliza-se o primeiro quando precisa-se confirmar ou contestar uma teoria bem-formulada. Por conta disso, é de fundamento lógico que esta monografia encontra-se inserida no que Yin (2001) refere-se como de múltiplos casos, visto que o problema dela ainda não possui uma teoria estabelecida.

Portanto, a autora deste trabalho definiu, cuidadosamente, dois casos que preveem resultados semelhantes – uma replicação literal, conforme conceituado por

Yin (2001) –, o de Arthur Nory e o de Rafael Macedo, a fim de analisá-los e compará-los, seguindo um experimento cruzado. Herriott & Firestone (1983) apud Yin (2001, p. 68) explanam que “as provas resultantes de casos múltiplos são consideradas mais convincentes, e o estudo global é visto, por conseguinte, como sendo mais robusto”.

O próximo passo, conforme as instruções de Gil (2002) sobre o estudo de caso, é a *elaboração do protocolo*. Este documento, o qual aumenta a confiabilidade da pesquisa e orienta o pesquisador durante a condução do estudo de caso (YIN, 2001), “não apenas contém o instrumento de coleta de dados, mas também define a conduta a ser adotada para sua aplicação.” (GIL, 2002, p. 140).

Já na quinta e na sexta fase, Gil (2002) recomenda que haja, respectivamente, a *coleta de dados* e a *avaliação e análises* destes. O processo de coleta de dados no estudo de caso, segundo o autor, é “mais complexo que o de outras modalidades de pesquisa.” (GIL, 2002, p. 140). Isso porque nesta metodologia é de suma importância que utilize-se sempre mais de uma técnica a fim de conferir validade ao estudo.

Pode-se dizer que, em termos de coleta de dados, o estudo de caso é o mais completo de todos os delineamentos, pois vale-se tanto de dados de gente quanto de dados de papel. Com efeito, nos estudos de caso os dados podem ser obtidos mediante análise de documentos, entrevistas, depoimentos pessoais, observação espontânea, observação participante e análise de artefatos físicos. (GIL, 2002, p. 141).

Quanto à interpretação destes dados, Gil (2002) chama a atenção para a falsa sensação de certeza que o pesquisador pode ter sobre as conclusões, visto que, no estudo de caso, há uma maior carência de sistematização de análise de dados, pois esse método utiliza os mais diversos procedimentos de coleta.

Assim, em um primeiro momento, a fim de analisar a diferença de interação dos usuários com os esportistas no Instagram e no Twitter, este trabalho realizou uma pesquisa de *tweets* postados pelos torcedores, bem como de *posts* realizados pelos atletas para, assim, verificar os comentários destas publicações.

Para isso, em relação ao Instagram, identificou-se os *posts* realizados pelos atletas em seus perfis. As publicações foram coletadas manualmente nos próprios perfis dos atletas. Os *posts* foram transferidos para uma planilha no Google Drive,

contendo as seguintes unidades de registro: data do *post*, temática da postagem, número de curtidas, número de comentários e comentários da autora.

Rafael Macedo, por não ser muito ativo nas redes sociais digitais, não fez nenhuma postagem enquanto estava em Tóquio para os Jogos Olímpicos. Em relação à Tóquio-2020, há um *post* sobre ele estar oficialmente no megaevento, realizado em junho de 2021, e outro sobre o fim das Olimpíadas, esse criado em 9 de agosto, um dia após o encerramento dos Jogos.

Em relação ao Twitter, utilizando-se das ferramentas de pesquisa disponíveis na própria plataforma, analisou-se os *tweets* realizados pelos usuários durante um período de tempo pré-definido pela autora. Além disso, foram estipulados termos e *hashtags* específicos a fim de filtrar os conteúdos produzidos que condizem com o tema desta pesquisa.

Para Rafael Macedo, houve dois recortes temporais: a) Entre os dias 27 e 28 de julho de 2021. Esta escolha se deu, pois Macedo competiu no dia 27, a partir das 23h. Ou seja, acreditou-se ser fundamental abranger o dia 28 dentro do escopo da análise para verificar os *tweets* feitos após a meia-noite do dia 27; b) Entre os dias 30 e 31 de julho de 2021. Esta escolha justifica-se pois Rafael Macedo, no dia 30, competiu na disputa de equipes, competição que adentrou a madrugada do dia 31.

Já o recorte temporal de Arthur Nory abrange o período entre 20 de julho a 25 de julho de 2021. O pretexto para tal escolha se deve ao fato da polêmica acerca do ginasta ter ocorrido no dia 21, desse modo, expandiu-se a pesquisa para um dia antes do fato. O término do intervalo de análise fundamenta-se na questão de Nory ter competido – e eliminado – no dia 24.

Quanto aos termos e *hashtags* escolhidos para a análise desta pesquisa, utilizou-se, para Rafael Macedo, uma combinação dos seguintes vocábulos: “Rafael”, “Macedo”, “Rafael Macedo”, “30 segundos”, #Tokyo2020 e #Tóquio2020. Em relação à Arthur Nory, também empregou-se as *hashtags* #Tokyo2020 e #Tóquio2020, além das palavras “Arthur”, “Nory”, “Arthur Nory”, “racismo” e “racista”.

Nota-se aqui uma diferença de análise quanto aos dois sites de redes sociais, devido às suas dinâmicas, já explicadas no primeiro capítulo deste trabalho. No Instagram, foram analisadas as interações realizadas nas publicações dos próprios atletas, visto que a plataforma não permite buscar palavras-chaves e ver quais foram as publicações feitas pelas audiências em suas próprias contas. Já no Twitter, por conta da ferramenta de busca e pela possibilidade de identificar *tweets* realizados

palavras e *hashtags* específicas, foram analisados os tweets que o seu conteúdo relacionava-se ao contexto dos atletas em Tóquio-2020.

Já para verificar de que modo os comentários positivos ou negativos alteraram a performance de Arthur Nory e Rafael Macedo nos Jogos Olímpicos de Tóquio, realizou-se entrevistas em profundidade com cada um deles, bem como com outros pesquisadores da área, conforme anteriormente citados.

Por fim, para demonstrar que o estudo de caso constitui um procedimento científico válido, há a *redação do relatório*. Ele, segundo Gil (2002), pode seguir diversos formatos, visto que o método de pesquisa em si também é mais flexível do que as demais metodologias. Em vista disso, nesta pesquisa, utilizou-se a maneira clássica de relatório. Assim, houve partes deste trabalho reservadas à apresentação do problema, ao referencial teórico e à metodologia empregada. Além disso, no próximo capítulo, a autora ocupará-se de desenvolver a análise e o cruzamento de informações, para, enfim, apresentar as conclusões finais.

4.2 Megaevento esportivo: Os Jogos Olímpicos de Tóquio

De dois em dois anos, o mundo volta seus olhos a um megaevento esportivo. Seja os Jogos Olímpicos ou a Copa do Mundo, o fato é que pessoas se mobilizam para estarem juntas e com o mesmo propósito em uma cidade pré-definida como sede do evento. São esportistas, comissões técnicas, jornalistas, torcedores... Além destes, há ainda aqueles que não se dirigem fisicamente ao local, mas vivem o período quase que na mesma intensidade ao acompanhar o período competitivo pelos meios de comunicação.

Impulsionado pela mídia, o esporte de alto rendimento transformou-se em um espetáculo. De acordo com Barthes (2009, p. 104)³³ apud Teixeira (2017), p. 60,

em determinadas épocas, em determinadas sociedades, o teatro teve uma grande função social, reunindo a cidade inteira numa experiência comum: o conhecimento de suas próprias paixões. Hoje é o esporte que, à sua maneira, exerce essa função. Paralelamente, a cidade cresceu: não é mais uma metrópole, é um país, muitas vezes até o mundo inteiro; o esporte é uma grande instituição moderna baseada nas formas ancestrais do espetáculo. (BARTHES, 2009, p. 104 apud TEIXEIRA, 2017, p. 60)

³³ BARTHES, Roland. O que é o esporte. Revista Serrote. São Paulo: Instituto Moreira Salles, n. 3, 2009.

O conceito de megaeventos pode ser definido por Allen et al. (2003, p. 6)³⁴ apud Teixeira (2017, p. 60) como "aqueles cuja magnitude afeta economias inteiras e repercute na mídia digital. Entre eles, podemos citar os Jogos Olímpicos."

Carlos Roberto Gaspar Teixeira (2017), em seu trabalho *Data Fama: O desempenho dos atletas olímpicos nas redes sociais digitais*, analisa diversos autores que trabalham com o conceito de megaeventos, entre eles Getz (2005)³⁵. Segundo este pesquisador, "mega" significa largo ou enorme, ou mais precisamente um milhão no sistema métrico. Uma das conceituações dele define megaevento pela referência de seu volume de visitantes, seu custo, ou por critério psicológico. Seu volume deve exceder a um milhão de visitas, o custo deve ser de pelo menos 500 milhões e sua reputação deve ser de um evento imperdível.

Os Jogos Olímpicos despontam como o principal megaevento esportivo da atualidade, devido à elevada audiência, movimentação comercial e econômica, além de sua relevância social.

Mesmo antes de ser escolhida a próxima cidade sede, "inicia-se um processo de articulação de diversos segmentos da sociedade civil para mobilizar esforços para conseguir conquistar o objetivo que é o evento." (MATIAS, 2008, p. 178). Além disso, cria-se, principalmente devido à cobertura dos meios comunicacionais acerca dos preparativos, uma expectativa generalizada sobre a chegada das Olimpíadas. Assim, há a promoção da ânsia das pessoas em assistirem e acompanharem este efeito histórico

Durante o megaevento esportivo, há uma comoção midiática gigantesca. Conforme o departamento de imprensa do Comitê Olímpico Internacional (COI), no Japão, 115,8 milhões de pessoas assistiram algum evento ou transmissão olímpica da edição japonesa dos Jogos, representando 91% da população do país. Ainda segundo o relatório, 76,5 milhões de pessoas viram os Jogos todos os dias desde a abertura³⁶. Por fim, após o encerramento dos Jogos, os legados olímpicos são amplamente estudados por pesquisadores das mais diversas áreas. Álvaro José (2016), no prefácio do livro "2016 histórias que fizeram 120 anos de Olimpíadas",

³⁴ ALLEN, Johnny et al. *Organização e gestão de eventos*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

³⁵ GETZ, Donald. *Event management and event tourism*. 2 ed. New York: Cognizant Communications Corp, 2005.

³⁶ Disponível em:

<<https://bestswimming.swimchannel.net/2021/08/09/os-numeros-de-audiencia-dos-jogos-olimpicos-de-toquio/>>. Acesso em: 06 set. 2022.

expõem que nenhuma outra manifestação do homem chega perto dos Jogos Olímpicos.

Com a emoção temperando a técnica, desempenho e os limites do homem, não há melhor fonte. Basta ver o que os Jogos Olímpicos movimentam na lotação das pistas, piscinas, campos, ginásios e também na multidão de bilhões que acompanham pela tevê, celulares e computadores mundo afora. Todos em busca do recorde, da emoção, dos heróis e figuras que vão compor o quadro maior dos Jogos. Aquele que irá passar para a história (ABREU, 2016, In: LEISTER FILHO; COSTA, 2016, p. 7)

Desse modo, compreender o conceito de megaevento esportivo, principalmente em relação aos Jogos Olímpicos, torna-se fundamental para contextualizar a comoção e os motivos que levam centenas de pessoas a interagirem com os atletas nas redes sociais digitais e a comentarem sobre os seus desempenhos.

Além disso, a presente pesquisa é focada nas performances do ginasta Arthur Nory e do judoca Rafael Macedo durante os Jogos Olímpicos de Tóquio. Por esse motivo, torna-se necessário, antes de contextualizar os dois casos, realizar a contextualização da edição olímpica japonesa.

O evento, previamente marcado para ocorrer em 2020, ocorreu com um ano de atraso devido à pandemia de Covid-19. Assim, a Pira Olímpica³⁷ foi acesa no dia 23 de julho de 2021 e esmaecida em 08 de agosto de 2021. Contando com 206 delegações e mais de 11 mil atletas, sendo destes 302 esportistas brasileiros³⁸, o evento organizado pelo Comitê Olímpico Internacional (COI) e pela cidade sede, foi realizado sem a presença de público.

Em uma edição atípica, com as arquibancadas vazias e com uma grande parcela da população em isolamento social, respeitando medidas em prol da segurança sanitária e, assim, sem poder encontrar os amigos para compartilhar as emoções ocasionadas pelas disputas esportivas, coube aos sites de redes sociais serem palcos da euforia dos espectadores. Nestas Olimpíadas especialmente, os

³⁷ O fogo, que é ateado na Pira Olímpica, no palco de Abertura dos Jogos, é aceso 100 dias antes do início da competição, em Olímpia, na Grécia, a partir da luz solar. A Chama, que é um símbolo olímpico, permanece acesa durante todo o período competitivo, e remete a lenda grega de Prometeu, quem teria roubado o fogo da forja de Hefesto para entregar aos mortais.

³⁸ Disponível em:

<<https://ge.globo.com/olimpiadas/blogs/brasil-em-toquio/noticia/brasil-tem-a-12a-maior-delegacao-das-olimpiadas-eua-lideram.ghtml>>. Acesso em: 06 set. 2022.

competidores puderam ver refletidos em suas próprias redes o resultado de suas competições.

Durante o período de realização dos Jogos, o Twitter e o Instagram registraram aumento de interações e de engajamento. No Twitter, a *hashtag* oficial dos Jogos, #Tokyo2020, teve 136 mil menções³⁹ - a tag permite que usuários comentem sobre a competição de forma concentrada, bem como encontrem outros *tweets* sobre o assunto. De acordo com levantamento da própria plataforma, no fim de semana da Abertura dos Jogos, houve um crescimento de 165% nos *tweets* diários⁴⁰, sendo que o Brasil foi o segundo país que mais *tweetou* sobre o megaevento⁴¹.

Já no Instagram, atletas do mundo inteiro ganharam mais de 75 milhões de seguidores⁴². A brasileira Rayssa Leal, do skate, foi a competidora que mais ganhou seguidores e gerou engajamento entre todos os competidores do megaevento⁴³. O seu álbum de fotos comemorando a medalha de prata e o vídeo da sua jornada no esporte foram as publicações mais curtidas da plataforma durante Tóquio-2020. Além disso, os esportistas participantes dos Jogos geraram, juntos, mais de 411 milhões de interações.

Mas não foram só os perfis dos atletas que bombaram durante a edição olímpica japonesa. As contas nos sites de redes sociais das emissoras oficiais dos Jogos tiveram uma performance significativa. Entre Globo (GE), SportTV e Band, o número de ações nas plataformas disparou na média +700%, totalizando 50,9 milhões de interações. Ademais, a *hashtag* #OlimpiadasNoSporTV, muito utilizada para comentar sobre os esportes durante as transmissões, foi a campeã de

³⁹ Disponível em: <<https://pt.semrush.com/blog/perspectiva-digital-olimpiadas-2020/>>. Acesso em: 06 set. 2022.

⁴⁰ Disponível em: <<https://www.b9.com.br/148136/volume-diario-de-tweets-cresce-165-em-virtude-das-olimpiadas/>>. Acesso em: 06 set. 2022

⁴¹ Disponível em: <<https://www.consumidormoderno.com.br/2021/08/04/engajamento-olimpiadas-twitter/>>. Acesso em 06 set. 2022

⁴² Disponível em: <<https://vejario.abril.com.br/beira-mar/rebeca-andrade-atleta-seguidores-engajamento-redes-sociais-olimpiada/>>. Acesso em: 06 de set. de 2022.

⁴³ Disponível em: <<https://www.terra.com.br/esportes/jogos-olimpicos/com-cinco-brasileiros-instagram-revela-o-top-10-d-e-atletas-com-maior-sucesso-digital-nos-jogos-olimpicos.8cbdee07b252faa4017b8f60be35adeeayk7s7d6.html>>. Acesso em: 06 de set. de 2022.

interações com o público, somando mais de 33 milhões de ações entre Twitter, Facebook e Instagram⁴⁴.

Fora que, em todas as edições, os Jogos Olímpicos criam contas exclusivas nos sites de redes sociais. Em 2021, da abertura do evento até o seu encerramento, os *posts* nestes perfis, incluindo Instagram, Twitter, TikTok e Facebook, somaram um pouco menos de 27 milhões de engajamento.

Figura 4 - *Printscreen* das estatísticas de engajamento nos perfis de mídias sociais de Tóquio-2020

Canais sociais	Engajamento (22 de julho - 18 agosto)
Facebook	570 mil
Instagram	10,04 milhões
Twitter	2,7 milhões
TikTok (visualizações)	13,9 milhões

Fonte: Erich Casagrande In: Semrush Blog⁴⁵

Outro diferencial desta edição olímpica, foram os *stories*. Esta foi a primeira vez que os Jogos ocorreram com a presença dessa ferramenta, visto que ela foi criada em 2016. Através do recurso, os competidores revelaram os bastidores do evento ao público, incluindo brincadeiras, dancinhas, curiosidades das refeições e perrengues. Douglas Souza, jogador de vôlei da seleção brasileira, por exemplo, ganhou uma legião de fãs por seus vídeos bem-humorados documentando seu dia-a-dia em Tóquio⁴⁶.

⁴⁴ Disponível em:

<<http://www.insighttrade.com.br/olimpiadas-de-toquio-registram-grande-audiencia-e-alto-volume-de-mencoes-nas-redes-sociais/>>. Acesso em: 06 de set. de 2022.

⁴⁵ Disponível em: <<https://pt.semrush.com/blog/perspectiva-digital-olimpiadas-2020/>>. Acesso em: 06 de set. de 2022.

⁴⁶ Disponível em:

<<https://paisefilhos.uol.com.br/familia/douglas-souza-do-volei-viraliza-nas-redes-sociais-com-cobertura-divertida-das-olimpiadas-de-toquio/>>. Acesso em: 06 de set. de 2022.

Figura 5 - *Tweet* sobre os stories dos atletas em Tóquio-2020



Fonte: @natalialaragc In: Twitter, 2021

Arthur Nory, um dos casos usados na presente pesquisa a fim levantar debates sobre impacto das redes sociais digitais nas performances dos atletas e o qual a autora se deterá mais no próximo subcapítulo, também foi uma figura presente nos *stories*. Através do intitulado “Programa do Nonô”⁴⁷, o ginasta mostrou o cotidiano dos desportistas na Vila Olímpica.

Para Nory (2022)⁴⁸, umas das grandes diferenças de Tóquio-2020 em relação às demais edições olímpicas, como a Rio-2016, é que nessa “estava todo mundo com fome, com sede, de um grande evento”, a pretexto da pandemia. Além disso, segundo Nory (2022), em 2016, havia uma regra que os atletas não podiam postar nada do ambiente olímpico. Podiam, por exemplo, publicar fotos dentro do ginásio, mas na Vila, não. Já a partir de Tóquio, isso foi liberado. Nory (2022) alega que, apesar de gostar de acompanhar os conteúdos de outros desportistas, essa norma era, até certo ponto, conveniente, uma vez que, ela cria uma blindagem ao atleta,

porque, realmente, as pessoas vão ver e vão falar. Ainda mais se você compete, né? Nossa, vão acabar com você, vão acabar. "Olha lá, quer ficar fazendo stories na Vila..." Eu acho que é importante, é interessante, mostrar, muito atleta mostrou, mas foram pouquíssimos os atletas que tiveram o *boom*, assim, de tipo: "nossa, olha que incrível", geralmente vai para parte de polemizar, do tipo: "Olha lá a farra.... Nem tem farra. Então, eu acho que tem que tomar cuidado para saber as medidas (NORY, 2022)

Por fim, devido a essa conjuntura de extrema presença das redes sociais digitais na qual os Jogos Olímpicos de Tóquio ocorreram, as interações dos atletas

⁴⁷ Com o intuito de mostrar o dia a dia de um atleta da ginástica artística e difundir a modalidade, Arthur Nory começou, na brincadeira, o Programa do Nonô. Por meio de vídeos nos stories, Nory entrevista os companheiros de equipe e mostra os bastidores dos treinos e das competições.

⁴⁸ Entrevista concedida à autora em 23 de maio de 2022 por chamada de vídeo na plataforma Zoom.

com esse mundo virtual foi uma preocupação das organizações esportivas, como o Comitê Olímpico do Brasil (COB), quanto dos próprios atletas mais experientes.

Conforme um dos psicólogos do COB, Eduardo Cillo⁴⁹, nas Olimpíadas do Rio, em 2016, já havia uma preocupação em relação às redes sociais digitais, devido à sua ascensão. No entanto, segundo o profissional, em Tóquio-2020 houve uma preocupação maior advinda do Comitê, visto que, essa edição dos Jogos, em concordância ao que já apresentado neste capítulo,

aconteceu no contexto da pandemia de Covid-19 e, por conta disso, a gente sabe que as plataformas digitais e todas as interações com ela, acabou ganhando uma força muito grande por conta daquele primeiro momento de isolamento social e tudo mais. Então, já sabendo que os atletas iriam estar muito mais limitados em termos de deslocamento, retidos ali no ambiente da Vila Olímpica ou nas outras estruturas nas quais eles estiverem presentes e eles estavam confinados, então as redes sociais podem acabar sendo uma válvula de escape para essa limitação de interação e de deslocamento. (CILLO, 2022)

Em 28 de julho de 2021, já com o evento esportivo ocorrendo, o COB emitiu uma nota de alerta sobre o uso dos sites de redes sociais pelos atletas. O comunicado salientava que a entidade recomendava fortemente que, durante o período competitivo, atletas e oficiais se concentrassem prioritariamente em sua performance, evitando distrações que os tirassem do foco principal (COMITÊ OLÍMPICO DO BRASIL, 2021).

De acordo com Cillo (2022), a nota foi emitida exatamente para que os desportistas pudessem estar concentrados em seus objetivos principais. Segundo ele,

o recomendado era que os atletas conseguissem, no mínimo, limitar o mesmo os acessos às redes, o que acabou não se concretizando para todos eles, mas uma boa parte dos atletas entendeu o quão tóxico podia ser o contato prolongado com as redes, então foi uma recomendação. A motivação foi a de realmente não perder o foco. (CILLO, 2022)

Um dos maiores nomes do esporte brasileiro, a judoca Mayra Aguiar participou de quatro edições olímpicas (Pequim-2008, Londres-2012, Rio-2016 e Tóquio-2020) – e medalhou em três delas, todas de bronze –, e acompanhou as mudanças ocorridas quando refere-se às trocas comunicacionais virtuais no

⁴⁹ Entrevista concedida à autora em 27 de julho de 2022 por áudios no WhatsApp.

contexto esportivo. Segundo Aguiar (2022)⁵⁰, de Pequim para Tóquio, “foram várias as mudanças em relação à questão das redes sociais [digitais]”.

Naquela época, [Pequim-2008] eu só tinha o Orkut mesmo, o qual a gente usava para falar e olha lá, né? Quando eu viajava era até difícil a comunicação com a família. Então, redes sociais era uma coisa que quase nem se pensava sobre, era mais mesmo a comunicação com a família e a comunicação com a mídia. Mas era apenas em alguns momentos, ou era antes da viagem ou lá havia um dia específico para falar com a mídia, para falar com as pessoas. E, hoje, o que eu vivi em Tóquio foi extremamente diferente, né? Então, essa interação que tem com o público, com as pessoas, com os amigos, com a família, é muito maior. Foi muito maior. Eu senti, de lá para cá, as coisas boas e as coisas ruins das redes sociais, né? Mas foi uma mudança bem, bem significativa. (AGUIAR, 2022)

Mayra Aguiar por ainda competir, sente na pele as transformações ocorridas com a evolução das plataformas digitais, as quais permitem, cada vez mais, interações entre usuários. À vista disso, volta-se a salientar a justificativa do presente trabalho, já que ele preocupa-se em analisar como esta intensidade de trocas comunicacionais online, mediadas pela Internet, origina preocupações quando concerne-se ao mundo esportivo, principalmente ao do alto rendimento.

Nos dois subcapítulos a seguir, abordar-se-á o contexto das duas situações sucedidas nos Jogos Olímpicos de Tóquio, os quais contribuem com o debate acerca da problemática desta pesquisa.

4.3 O caso do ginasta Arthur Nory

O atleta de ginástica artística, Arthur Nory, aterrissou nos Jogos Olímpicos de Tóquio sem a pressão de ser a sua primeira Olimpíada. Medalhista de bronze no aparelho solo na Rio-2016, o atleta, no entanto, chegou com a tensão de ser cotado como uma das esperanças de medalha ao Brasil. Por ter sido campeão mundial na barra fixa em 2019, de forma inédita e com uma série espetacular⁵¹, havia uma expectativa da mídia e dos torcedores de que o ginasta repetiria o feito em terras japonesas. No entanto, não foi o que aconteceu.

Da expectativa à realidade, em sua apresentação na barra fixa, o ginasta realizou-a de forma segura, mas obteve um desempenho abaixo do necessário para

⁵⁰ Entrevista concedida à autora em 05 de setembro de 2022 por áudios no WhatsApp.

⁵¹ Disponível em:

<<https://www.olimpiadatododia.com.br/ginasticaartistica/188559-arthur-nory-campeao-mundial-de-ginastica-artistica-barra-fixa/>>. Acesso em: 16 set. 2022.

classificar-se à final, finalizando a sua participação nesse aparelho, onde é especialista, na 11ª posição. Na saída da prova, Nory, claramente entristecido, precisou ser consolado pelos seus técnicos e pelos colegas de equipe. Além disso, ele também tentou o solo, mas novamente, ficou de fora da decisão.

Porém, antes mesmo de entrar oficialmente na arena olímpica para competir, Arthur Nory já estava sendo, entre os brasileiros, um dos assuntos mais comentados de Tóquio-2020. Isso porque, quatro dias antes da disputa, o atleta, no Twitter, questionou os xingamentos que estava recebendo por parte dos usuários, ao escrever em seu perfil: “É normal tanto xingamento, ódio e desejar o mal aqui no Twitter?”⁵². O *post*, que repercutiu na rede social digital, foi, inclusive, rebatido pela cantora Valesca Popozuda em um *tweet* que teve cerca de 5 mil curtidas (Figura 6).

Figura 6 - *Tweet* de Arthur Nory questionando as críticas recebidas



Fonte: @arthurnory In: Twitter, 2021

O motivo que levou o atleta, que já estava concentrado na Vila Olímpica dos Jogos, a se pronunciar foi porque, desde a sua chegada em Tóquio, dias antes da disputa da ginástica artística⁵³, Nory viu o seu nome tomar conta das redes sociais

⁵² Disponível em:

<<https://twitter.com/arthurnory/status/1417621991369154560?s=20&t=Jo35j3mloDakwRSSifBiKw>>.

Acesso em: 16 set. 2022.

⁵³ Em Tóquio-2020, o primeiro dia de provas foi em 24 de julho de 2021.

virtuais após os usuários terem lembrando o seu episódio de racismo contra o também ginasta Ângelo Assumpção, ocorrido em 2015. Na ocasião, em um vídeo, publicado no aplicativo Snapchat, Nory e outros ginastas da seleção brasileira aparecem proferindo insultos ao então colega de equipe: “Seu celular quebrou, a tela quando funciona é branca... Quando ele estraga é de que cor? Preto! O saquinho do supermercado é branco. E o do lixo? É preto!”⁵⁴.

Naquele ano, a Confederação Brasileira de Ginástica (CBG) puniu Arthur Nory e demais atletas participantes das ações racistas com uma suspensão de 30 dias. Para além, em 2016, a pedido da procuradora responsável pelo caso da injúria racial, a ação foi arquivada pelo Superior Tribunal de Justiça Desportiva (STJD), depois dos agressores terem pedido desculpas à Ângelo e reconhecido o erro⁵⁵.

Em 2020, após uma matéria do Esporte Espetacular, da Globo, expor outros casos de racismo para com Ângelo Assumpção, Arthur Nory, apesar de, desta vez, não ter qualquer tipo de ligação com os crimes, posicionou-se admitindo o erro e pedindo desculpas pelo ocorrido em 2015⁵⁶. No mesmo ano, o ginasta deu uma entrevista exclusiva ao portal de notícias Olimpíada Todo Dia⁵⁷, em que relatou haver se arrependido e ter, a partir de estudos do movimento negro, se inteirado sobre o racismo.

Fui estudar. Fui entender o que é o racismo. Eu fui entender o que é o racismo estrutural. O racismo recreativo, que é aquele disfarçado em piadas. É aquele que todo mundo acha... Acha não. Aquele que todo mundo fala que no meio esportivo normaliza isso, mas que não é. Não só o racismo, mas a homofobia, também o machismo. É tudo mascarado, que é piadinha. Está todo mundo dando risadinha, falam ser normal. Que ‘na minha época’ era assim, tudo é mimimi, e não é. Vamos entrar com esse debate ali dentro. Vamos falar sobre isso. (NORY, 2020 apud PINHEIRO, 2020)

O fato é que, devido à mobilização social e midiática gerada pelos Jogos Olímpicos, como já apresentado neste trabalho, dias antes do megaevento, o vídeo retornou a circular entre as redes sociais digitais e os usuários voltaram a debater sobre o caso, disseminando comentários de *hate* para Arthur Nory.

⁵⁴ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=aRXM7qjAltE>>. Acesso em: 16 set. 2022.

⁵⁵ Disponível em:

<<https://gauchazh.clicrbs.com.br/esportes/noticia/2015/06/stjd-arquiva-caso-de-piada-racista-envolvido-ginastas-da-selecao-4773438.html>>. Acesso em: 16 set. 2022.

⁵⁶ Disponível em:

<<https://istoe.com.br/arthur-nory-relembra-fala-racista-e-pede-desculpas-errei-e-quero-me-tornar-melhor/>> Acesso em: 16 set. 2022.

⁵⁷ Disponível em:

<<https://www.olimpiadatododia.com.br/ginasticaartistica/279708-arthur-nory-alem-do-podio-do-racismo-a-desconstrucao/>> . Acesso em: 16 set. 2022

Segundo Nory (2022) esse aumento de suas interações ocorre, geralmente, em competições em que há a cobertura dos meios de comunicação de maior audiência. Nestes momentos, de acordo com o atleta, os comentários maldosos chegam de “todos os lados”.

Porque você, talvez, vai ligar a TV e você vai ver a ginástica, os atletas que estão lá, tem o fulano, ciclano e o Arthur Nory. Então, a pessoa que não conhecia a ginástica, fala: "nossa, não conhecia esse atleta." Aí vai para a internet pesquisar e nossa, aí já começa... Começa a espalhar tanta coisa. [...] Vai ter, agora, o Pan-Americano, que eu sei que vai ter uma transmissão um pouquinho maior... Então, vai vir. Volta e meia, volta uma coisa e outra ali. (NORY, 2022)

Com base na análise já apresentada neste trabalho, foi possível identificar que o Twitter foi a plataforma que contou com mais interações relacionadas ao nome de Arthur Nory. Devido à dinâmica do site, em que as pessoas não precisam comentar sobre a performance do atleta diretamente no perfil desse, identificou-se que há um grau superior de xingamentos e de comentários negativos. É como se os usuários tivessem a percepção de que as suas falas não chegam aos desportistas. Já no Instagram, nos posts realizados por Arthur, percebeu-se que a maioria dos comentários são positivos, de apoio e de incentivo. Entretanto, claro, há alguns *hates* entre estes.

Figura 7: Exemplos de *tweets* sobre Arthur Nory antes de sua apresentação



Fonte: @fabifabinuva, @fressssko, @Filipepapi In: Twitter, 2021

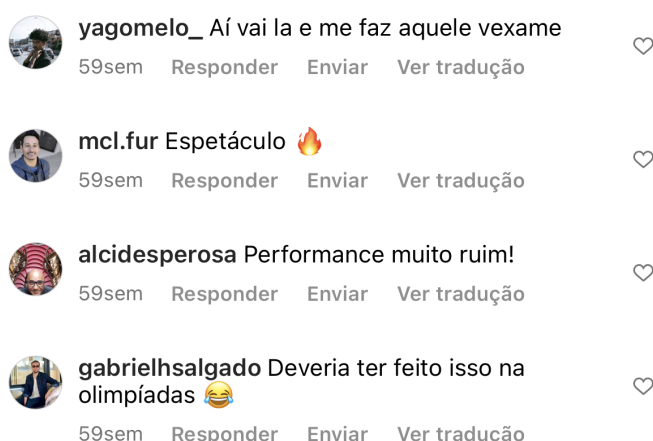
Sobre o Twitter ser um local de maior disseminação de ódio, Carvalho e Rios (2019, p. 9) apontam que esta plataforma, assim como outros sites de redes sociais, “facilita uma sensação de ser livre para expressar qualquer tipo de opinião”. Os autores seguem explicando que, no entanto, “muitos usuários ultrapassam essa liberdade e [...] publicam [...] opiniões que, de acordo com a interpretação e/ou uma análise de linguagem, podem ser consideradas discurso de ódio.”

De acordo com Nory (2022), no Twitter, “uma pessoa quer falar mais alto que a outra”. Ainda segundo ele, a plataforma é o local de quem “quer latir muito”, expressão do jargão popular que refere-se ao ato de falar demais.

Além disso, Nory (2022) relata que, muitas vezes, as críticas nem chegam diretamente a ele e em suas redes sociais virtuais, mas sim, nas dos seus amigos. Ou seja, quando um colega de equipe, por exemplo, posta uma foto com ele, não é Arthur que recebe diretamente a hostilidade, mas sim, o seu companheiro.

Para além das críticas recebidas antes da disputa, diversos *tweets* ainda foram difundidos com o nome de Arthur Nory após ele ter sido eliminado dos Jogos Olímpicos durante a fase qualificatória. No Instagram, usuários buscaram *posts* antigos do atleta, como em um vídeo em que ele testa a cama de papelão da Vila Olímpica⁵⁸, realizando um mortal de costas sobre ela, para comentar sobre a performance de Nory nos Jogos Olímpicos, como é possível ver na Figura 7.

Figura 8: Comentários no vídeo postado por Nory no Instagram



Fonte: Instagram, 2021

⁵⁸ Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-57899045>>. Acesso em: 16 set. 2022.

No entanto, ainda que fosse possível identificar comentários maldosos referente a sua performance, no Instagram, a maioria das interações eram de cunho positivo, apoiando o atleta e o incentivando (figura 9).

Figura 9: Comentários de incentivo no Instagram de Nory



Fonte: Instagram, 2021

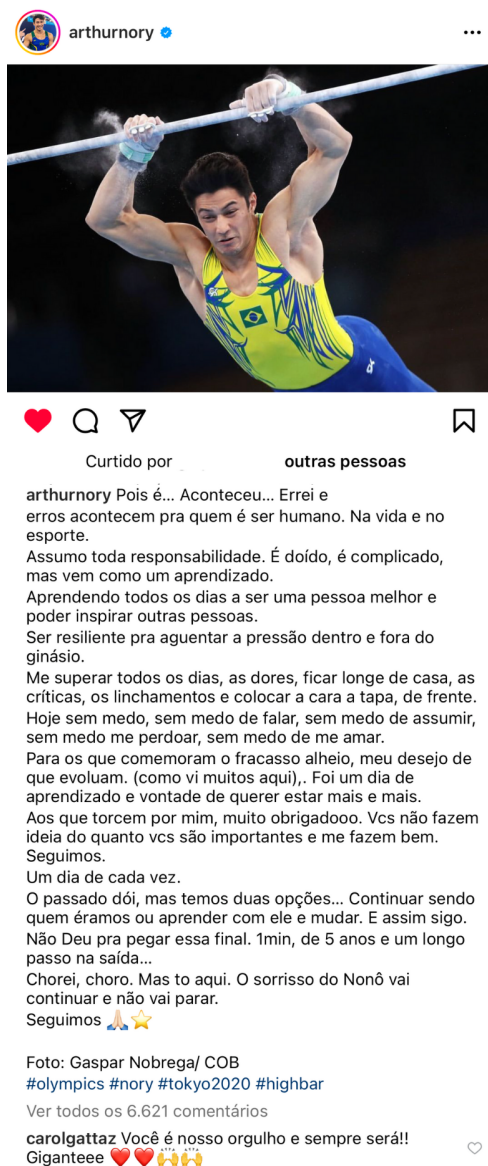
No Twitter, porém, a situação, mais uma vez, foi diferente. Nesta plataforma, a maioria dos *tweets* explorados continham conteúdos de felicidade e de satisfação por Arthur Nory ter sido eliminado (figura 10).

Figura 10: *Tweet* comemorando a eliminação de Nory

Fonte: @_fogonoparquin, In: Twitter, 2021

No mesmo dia em que deixou a competição, Nory fez um *post* em seu perfil no Instagram em forma de carta aberta aos *haters* e aos fãs. Na legenda, o atleta expõe sobre erros serem normais de ocorrerem, tanto na vida quanto no esporte, quando se é ser humano. Apesar de agradecer à torcida, o atleta também exhibe a sua dor quanto aos julgamentos recebidos nas redes sociais digitais, em trechos como: “Ser resiliente para aguentar a pressão dentro e fora do ginásio.”; “Me superar todos os dias [...], as críticas, os linchamentos e colocar a cara a tapa de frente.”; e “Para os que comemoram o fracasso alheio, meu desejo é que evoluam (como vi muitos aqui).”.

Figura 11: Post de Nory após eliminação em Tóquio-2020



Fonte: @arthurnory In: Instagram, 2021

Com cerca de 1,5 milhões de seguidores no Instagram e mais de 100 mil no Twitter, Arthur Nory sempre esteve presente nas redes sociais digitais no que refere-se a expor a sua vida. De acordo com Nory (2022), ele vem de uma geração em que essas plataformas de interações virtuais crescem exponencialmente. Por conta disso e por entender que ele tem facilidade em comunicar-se nesses meios, Arthur Nory manteve-se ativo nos sites de redes sociais desde a época do Snapchat, postando diariamente o seu cotidiano como atleta.

Tanto que, no começo, [...] o que você mais ouvia era: 'Ah, é blogueirinho, é blogueirinho...'. Para mim, isso foi bem natural, e foi bacana poder mostrar

o meu dia a dia, de poder aproximar mais o público da modalidade. Porque, até então, não se via, principalmente no Brasil, atletas que postassem como era a rotina. (NORY, 2022)

O ginasta, inclusive, detém um canal no YouTube, onde já foi mais ativo, mas que, em 2022, ainda conta com 17,8 mil inscritos⁵⁹. Segundo Nory (2022), no entanto, produzir conteúdos demanda tempo e o sobrecarrega. Para ele, ser *influencer*, apesar dele ser um com foco em compartilhar a sua vida de atleta, também é trabalhar, “porque você tem que se comprometer igual, desde de transmitir a informação até pensar no conteúdo que você vai postar.” (NORY, 2022)

Após suas experiências olímpicas na Rio-2016 e em Tóquio-2020, levando, inclusive, em consideração os *hates* sofridos, Nory (2022) diz que após a edição brasileira dos Jogos Olímpicos, ele passou a ser um “blogueirinho” diferente, com mais cuidado naquilo que posta e exhibe.

Hoje, [...] na internet, todo mundo fala o que quer, todo mundo fala o que pensa. Então, vai ter fã, vai ter hater... Você vai encontrar tudo quanto é tipo na internet. Eu fui entender isso com o tempo, porque, até então, eu só mostrava pum pum pum pum e aí, depois, você vai começando a amadurecer. Até porque todos nós temos que amadurecer e entender. (NORY, 2022)

Foi, aos poucos, que, de acordo com Nory (2022), o atleta passou a entender a sua responsabilidade que a sua visibilidade traz, não somente para ele, mas também perante ao esporte e à modalidade de ginástica artística. Desse modo, ele começou a repensar a maneira como interage nas redes sociais digitais.

4.4 O caso do judoca Rafael Macedo

Se por um lado, Arthur Nory surfa na onda da ascensão dos sites de redes sociais, do outro, Rafael Macedo tende a ser mais discreto em meio a esse mundo virtual. No entanto, apesar de sua discrição, o atleta também sofreu com as interações dos usuários durante os Jogos Olímpicos de Tóquio.

⁵⁹ Disponível em: <<https://www.youtube.com/user/Noryarthur?app=desktop>>. Acesso em: 16 set. 2022.

Rafael Macedo integrou a delegação brasileira de judô em Tóquio-2020, que contou com a participação de 13 judocas, sendo desses, sete homens e seis mulheres. Macedo figurou na lista de convocados da Confederação Brasileira de Judô (CBJ) após garantir-se em 19º lugar no ranking de classificação olímpica, o qual é ordenado a partir dos resultados obtidos pelos atletas em competições de nível internacional ao longo do ciclo olímpico.

Competindo na categoria de peso médio (até 90kg), o atleta, segundo Macedo (2022)⁶⁰, viveu, em Tóquio-2020, o céu e o inferno. Isso porque, ter a oportunidade de competir nos Jogos é o sonho de todo atleta que ingressa em uma modalidade olímpica, ou seja, estar ali é uma realização do desportista (MACEDO, 2022). No entanto, Rafael viveu um de seus piores momentos no esporte ao perder em sua luta de estreia.

Você está muito feliz de estar ali [nos Jogos Olímpicos]. Ali é o seu sonho, o momento mais feliz de sua carreira, então, além de um resultado negativo, o que já é péssimo, pois você almeja aquilo, todo mundo que está ali almeja vencer, ou seja, além de você não ter a medalha, o que já é um baque muito grande, você ainda tem a parte externa, a mídia, por exemplo. É um peso dobrado. Então, às vezes, um momento que é muito especial, ao mesmo tempo, também é horrível. [...] Você está entre o maior momento da sua vida e o pior momento da sua vida. E isso eu acho que é muito devido à mídia, aos comentários e às pessoas, que criam isso. Por exemplo, você está lá, você foi bem, então, você é o eternizado, sabe? Mas se você foi mal, você não foi nada. (MACEDO, 2022)

O judoca mal teve tempo de sentir o gosto de competir em um tatame olímpico que, em apenas 30 segundos de combate, Macedo foi projetado por ippon⁶¹ pelo seu adversário, o atleta do Cazaquistão, Islam Bozbayev, número 21 do mundo⁶². O brasileiro teve o quimono segurado pelas duas mangas e ficou sem reação ao levar o golpe. Dessa forma, Rafael despediu-se dos Jogos na competição individual.

No entanto, ele ainda tinha outro desafio pela frente: a disputa por equipes mistas. Contudo, entre essas duas provas, Macedo foi bombardeado por interações nas redes sociais digitais, tanto em seu perfil no Instagram, onde recebeu, conforme Macedo (2022), centenas de mensagens no direct, quanto no Twitter.

⁶⁰ Entrevista concedida à autora em 28 de julho de 2022 de forma presencial antes do treino do atleta.

⁶¹ O termo ippon, no judô, é a pontuação máxima dada na luta devido a um “o golpe perfeito”, onde o oponente é projetado e bate com as costas no solo.

⁶² Disponível em:

<<https://ge.globo.com/olimpiadas/noticia/rafael-macedo-sofre-ippon-aos-30-segundos-e-cai-na-1a-roda-das-olimpiadas.ghtml>>. Acesso em 17 set. 2022.

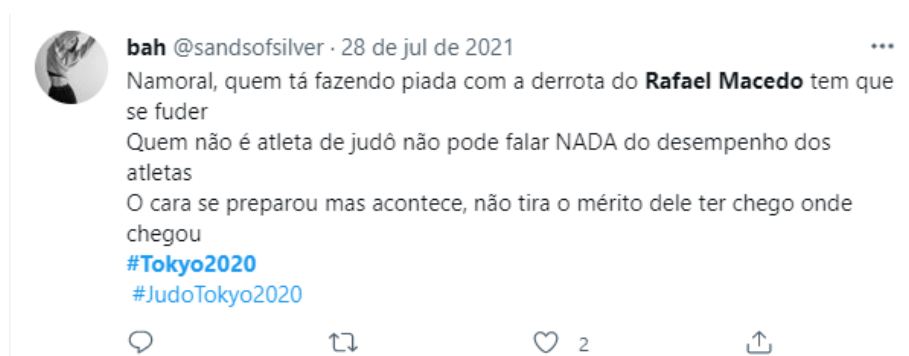
Depois que eu lutei nas Olimpíadas, foram um milhão de notificações, não sei quantas mensagens eu recebi. Na parte das solicitações de mensagens, eu perdi a conta do que tinha. E tinha de tudo, tinha gente xingando, tinha gente falando bem... A maioria falando bem, a maioria me apoiando. Foi um momento difícil, então, tinha muita gente me apoiando. Mas tinha gente falando muita coisa cruel.

Apesar da autora do presente trabalho não ter acesso às mensagens enviadas no privado, foi possível verificar, no Twitter, a partir da análise realizada, a magnitude dessas interações por parte dos espectadores dos Jogos. Embora Rafael Macedo tenha menos visibilidade do que Arthur Nory, já que o último é campeão mundial e medalhista olímpico, além de ser mais presente nas redes sociais digitais, ele não saiu ileso dos *feedbacks* sobre a sua atuação.

Foram muitas [interações] no *direct* [do Instagram] e no Twitter. Falaram muita coisa no Twitter. [...] Eu fui olhar, eu olhei. A pessoa fica curiosa. Eu fui olhar no Twitter e tava lá, daí tinha no Instagram... Aí, depois que eu comecei a ver um monte de coisa, eu falei: "Não, eu vou parar com isso daqui, porque não está nada bom para mim. Eu vou curtir esse momento, que era especial para mim."

Por ter perdido a sua primeira – e única – luta em apenas 30 segundos, muitos *tweets* em referência a Rafael Macedo tratam sobre isso. Alguns abordaram essa questão com respeito, alegando que deve ser triste para um atleta ter abdicado de tanto para chegar nos Jogos e não poder mostrar mais de suas habilidades (figura 12), no entanto, há aqueles que agiram para com o episódio de forma mais crítica, utilizando-se de memes e deboches (figura 13).

Figura 12: *Tweet* em apoio à Macedo após derrota em Tóquio-2020



Fonte: @sandsosilver In: Twitter, 2021

Figura 13: *Tweet* criticando atuação de Macedo em Tóquio-2020



Fonte: @mitcheschmidt In: Twitter, 2021

Macedo (2022) relata que, após o ocorrido, ainda em Tóquio, ele tirou todas as notificações do seu celular e, inclusive, desinstalou o aplicativo do Instagram do celular. Isso porque, ele ainda precisava lutar a disputa por equipes e tentou isolar-se daquilo tudo que estava ocorrendo. O judoca conta ainda que, quando voltou para casa, pensou em deletar sua conta na plataforma, mas foi impedido pela sua esposa, que alegou que o Instagram era uma ferramenta importante por ele ser uma figura pública.

Em 31 de julho, quatro dias após perder a disputa, o atleta, mais uma vez, entrou nos tatames japoneses. Dessa vez, para a disputa de equipes mistas. Com resultados não tão eficientes⁶³, Macedo foi, novamente, no Twitter, alvo de comentários sobre o seu desempenho.

Figura 14: *Tweet* sobre desempenho de Macedo na disputa por equipes



Fonte: @_therafa In: Twitter, 2021

Desta forma, Rafael Macedo, em dezembro de 2021, publicou em sua conta no Instagram um desabafo sobre as situações vividas ao longo do ano, mas referindo-se especialmente ao episódio sofrido em relação à Tóquio-2020. Na legenda, o judoca comentou sobre antes de ser atleta, ser um ser humano, e por conta disso, acreditar “que seja necessário mais empatia da mídia, dos comentaristas e dos telespectadores.”

⁶³ Disponível em:

<<https://ge.globo.com/olimpiadas/noticia/judo-brasil-perde-para-israel-e-e-eliminado-na-disputa-por-equipes.ghtml>>. Acesso em 17 set. 2022.

Figura 15: Post de Macedo sobre o seu ano de 2021

 rafaelmacedojudo



rafaelmacedojudo Sobre meu 2021...

Conquistei a minha vaga e participei das olimpíadas de Tóquio, o maior evento esportivo do mundo, o maior sonho de um atleta de judô. E é incrível como a linha entre a sua maior felicidade e sua maior frustração pode ser tão tênue. Esse último ano foi muito intenso pra mim, tanto pré olimpíadas como pós, tive alguns problemas pessoais, toda a pressão que é lutar uma olimpíada, e também não tive o resultado que queria nos Jogos Olímpicos. Me senti no fundo do poço. Foram noites sem dormir, realmente desanimado. Eu não fazia ideia, do que estava acontecendo, não entendia o que estava vivendo, mas estava seguindo em frente, buscando forças em Deus, na minha família e amigos, e em constante acompanhamento com o meu psicólogo, @albertololiveira . Até que um dia, após meses, em uma consulta, durante a nossa conversa ele me falou, "parabéns rafa, você escapou da depressão", fiquei assustado com essa frase, não entendi no momento, mas depois então eu fui entendendo o que eu estava passando e a profundidade de tudo isso. Primeiramente agradeço a Deus, agradeço também muito a minha família e o Alberto que me apoiaram muito. Hoje eu estou bem melhor, me entendendo melhor, e a cada dia aprendendo muito sobre o significado e importância das coisas e dos momentos, colocando acima de tudo minha felicidade e minha saúde mental, e também as pessoas que amo e estão do meu lado em todos os momentos. E hoje entendo que o maior prazer está em lutar, e fazer o esporte o que amo, o resultado é consequência da luta, do momento, mas a maior alegria é poder lutar!

Aproveitando o momento, gostaria de alertar que quando você vê um atleta independente da modalidade ali na tv, te proporcionando um entretenimento legal, você nem imagina tudo o que tem por trás daquela pessoa, toda a sua história, o peso da mochila que ele ou ela está carregando. E sem vitimismo nenhum, mas antes de sermos atletas, somos seres humanos e pessoas públicas, que dão a "cara a tapa" e abrem mão de muita coisa para estar ali. E por isso, acredito que seja necessário mais empatia, da mídia, dos comentaristas e telespectadores.

Ver todos os 113 comentários

Fonte: @rafaelmacedojudo In: Instagram, 2021

5. A RELAÇÃO ENTRE AS REDES SOCIAIS DIGITAIS E A PERFORMANCE DOS ATLETAS

Segundo Alcoba (2022)⁶⁴, “o esporte se tornou o motor do mundo, desde o campo trabalhista, econômico, político, científico, etc. Não há outra atividade semelhante em nosso mundo”. Levando em consideração a fala do autor espanhol, um dos maiores estudiosos do Jornalismo Esportivo, e todo o debate aqui já exposto sobre a relevância das redes sociais digitais, bem como das múltiplas interações que ocorrem a partir delas, na atual sociedade, é necessário buscar respostas sobre quais são os impactos que ocorrem quando estes dois intensos mundos juntam-se.

São respostas aos questionamentos acerca dessa demanda que motivaram a realização deste estudo. Assim, por meio de pesquisa bibliográfica, da análise já apresentada no capítulo anterior e das respostas e opiniões registradas a partir das entrevistas qualitativas realizadas, neste capítulo, cruzou-se os dados para compreender de que maneira as interações nas redes sociais digitais dos atletas podem impactar as suas performances.

Assim sendo, abordar-se-á, em um primeiro momento, uma perspectiva geral deste debate acerca das interferências externas no rendimento dos atletas e, em um segundo instante, tratar-se-á especificamente sobre os impactos das trocas comunicacionais virtuais dos usuários com os atletas, exemplificando-os pelos casos de Arthur Nory e de Rafael Macedo. No entanto, cabe ressaltar que o assunto deste trabalho, redes sociais digitais e o contexto de atletas nos Jogos Olímpicos, está inserido em um cenário com pouca pesquisa no meio acadêmico, principalmente no que se refere ao campo da Comunicação. Dessa forma, será necessário inserir, neste capítulo, algumas percepções da própria autora, construídas a partir de suas vivências e da construção deste trabalho.

Orlick (2003)⁶⁵ apud Agresta e Brandão (2007, p. 126) elenca que, na trajetória para a conquista de excelência no esporte, existem sete habilidades psicológicas primordiais. Estas competências são chamadas pelo autor de “elementos de superação pessoal”. “São elas: compromisso, foco, confiança, visualizações positivas, preparação mental, controle das distrações e aprendizagem

⁶⁴ Entrevista concedida à autora em 23 de julho de 2022 por e-mail.

⁶⁵ ORLICK, T. Entrenamiento mental: como vencer en el deporte y en la vida gracias al entrenamiento mental. Barcelona, Paidotribo, 2003.

constante”. Para o presente trabalho cabe compreender melhor uma dessas excelências: O controle de distrações.

O controle de distrações, conforme explica Orlick (2003) apud Agresta e Brandão (2007), refere-se à habilidade do atleta, ao deparar-se com estímulos desnecessários para a tarefa, de manter ou recuperar uma concentração eficaz e positiva. Ou seja, é a competência do desportista permanecer focado perante estímulos internos ou externos. “As distrações podem ser externas, quando procedem de pessoas ou circunstâncias do ambiente esportivo, ou internas, quando surgem dos próprios pensamentos e expectativas” (ORLICK (2003) apud AGRESTA E BRANDÃO (2007, p. 129).

Santos et al. (2012)⁶⁶ apud Verzani (2017) seguem na mesma linha e destacam que, no ambiente esportivo, as pressões internas podem estar relacionadas a alcançar metas e à expectativa de vitórias, e já as externas estão correlacionados com, por exemplo, julgamentos com relação ao desempenho pelo técnico, reações da torcida, dentre outros.

Aliás, no que concerne a influência da torcida sobre o aproveitamento de atletas, Becker (2000, p. 226), após análise de pesquisas de outros autores, aponta que “a presença de pessoas pode determinar mudanças no rendimento de sujeitos submetidos a desafios”.

Durante a maior parte da história da humanidade, a maioria das maneiras de interação social e de trocas de informações ocorreram exclusivamente em contextos de face a face. Assim sendo, por muito tempo, a única maneira dos torcedores se conectarem com os atletas era estando no estádio, na arena, no ginásio, enfim, no local em que a disputa esportiva estava ocorrendo.

Com o avanço das redes sociais digitais, os modos de interação entre os esportistas e os espectadores passaram por alterações, possibilitando uma dissociação entre a comunicação e a presença física. Assim, a interação face a face foi sendo cada vez mais complementada pelas interações mediadas pelos sites de redes sociais.

⁶⁶ SANTOS, P. B.; COELHO, R. W.; KELLER, B.; STEFANELLO, J. M. F. Fatores geradores de estresse para atletas da categoria de base do futebol de campo. Motriz, Rio Claro, v.18, n.2, p.208-217, abr./jun. 2012.

Posto isso, seria possível que, assim como as ações da torcida presencial influenciam a performance dos atletas, as vaias, os xingamentos, os aplausos e os incentivos virtuais desencadeiem consequências no desempenho dos desportistas?

Entre os mais de 465 milhões de usuários do Twitter⁶⁷ e os cerca de 1 bilhão de usuários ativos por mês no Instagram⁶⁸, encontram-se milhares de atletas. Os esportistas também são usuários assíduos das redes sociais digitais. Além de utilizarem-se destes espaços para consumir a comunicação instantânea, bem como o entretenimento que estas ferramentas proporcionam, eles também, muitas vezes, possuem exigências contratuais, por parte de seus clubes e de seus patrocinadores, que os obrigam a estarem ativos nas redes.

Assim, alguns esportistas são estimulados a postarem algo no ambiente virtual, interagindo com o público, sejam torcedores, fãs, rivais, atletas de outras equipes, familiares, mídia, dentre outros, proporcionando maior exposição da figura desse atleta, o que nem sempre é benéfico, pois muitos não sabem lidar ou não possuem suporte para encarar as possíveis adversidades que podem vir a surgir no ciberespaço. (MORÃO, VERZANI, BAGNI E MACHADO, 2016, p. 4)

Atletas, principalmente aqueles que disputam e/ou medalham em competições importantes do certame internacional, como os Jogos Olímpicos, são vistos como figuras públicas e, desse modo, estão em evidência na maior parte do tempo. Esta maior exposição, segundo Morão, Verzani, Bagni e Machado (2016, p. 5), pode desencadear “desdobramentos causados pelos efeitos das “novas” tecnologias digitais, sobretudo no que Rebustini et al. (2011)⁶⁹ tratam como vulnerabilidade na rede, resultando em alterações emocionais que podem gerar implicações prejudiciais aos atletas.”

Aguiar (2022), a título de exemplo, quem tem 222 mil seguidores no Instagram e 25 mil no Twitter, expõem que, apesar de entender que a sua presença nestas plataformas é importante para a sua carreira visto que há a questão de

⁶⁷ Disponível em:

<<https://resultadosdigitais.com.br/marketing/redes-sociais-mais-usadas-no-brasil/#:~:text=De%20acordo%20com%20o%20report,com%20122%20mil%C3%B5es%20de%20usu%C3%A1rios>>. Acesso em: 17 set. 2022.

⁶⁸ Disponível em:

<<https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2020/10/06/instagram-faz-10-anos-comeco-uma-das-maiores-redes-sociais-do-mundo-e-de-olho-no-tiktok-para-nao-envelhecer.ghtml>>. Acesso em 17 set. 2022.

⁶⁹ REBUSTINI, F.; ZANETTI, M. C.; MOIOLI, A.; SCHIAVON, M. K.; MACHADO, A. A. Twitter e Esporte de Alto Rendimento. Coleção Pesquisa em Educação Física, Várzea Paulista, v. 10, n. 6, p. 141-146, 2011.

patrocinadores e suas contrapartidas, que muitas vezes, envolvem realizações de *posts*, nos Jogos Olímpicos, por exemplo, ela tende a ter mais cuidado quanto a sua presença online.

Segundo a judoca (2022), após as experiências vividas nas três primeiras edições olímpicas nas quais ela participou, em Tóquio-2020, ela teve uma cautela maior com as redes sociais digitais, pois essas a afeta. Dessa forma, atualmente, Mayra Aguiar busca, por meio dessas redes virtuais, passar para as pessoas que a acompanham e que gostam de seu trabalho, como ela está e o que está acontecendo com ela durante o período competitivo, mas apenas em momentos específicos, para que essas interações não a atrapalhem em busca de seu objetivo principal, o de conquistar a medalha.

Eu procuro esse tipo de isolamento, esse cuidado, porque eu senti muito nas Olimpíadas passadas. Tiveram situações, elas até não foram comigo... E , assim, as situações, as notícias ruins, normalmente, são aquelas em que a gente mais se apega, né? Infelizmente, são nelas que a gente mais se apega. [...] Nas Olimpíadas passadas, tiveram situações de atletas que lutaram, atletas amigos meus, que não tiveram um bom rendimento e eu fui ver as redes sociais. Comecei a olhar e aquilo me impactou demais. Me impactou demais. (AGUIAR, 2022)

A análise de Cillo (2022) sobre as redes sociais digitais no contexto esportivo corresponde com a posição tomada por Aguiar (2022). De acordo com Cillo (2022), esse tipo de comunicação mediada “pode afetar bastante o desempenho e a performance” devido a duas perspectivas: a) a qualidade da comunicação; b) a quantidade de interação.

Sobre a qualidade das trocas comunicacionais, Cillo (2022) pontua que, dependendo do teor das mensagens, que podem ser de haters e, dessa forma, vir carregadas de ódio e de desaprovação, os atletas desgastam-se emocionalmente por ter que lidar com esses discursos. Além do desgaste emocional, o qual acaba consumindo reservas energéticas desses atletas, eles podem ainda, se sentirem induzidos a responder essas mensagens, o que acaba atrapalhando o foco, a atenção e a concentração deles (CILLO, 2022).

Já o segundo viés apontado por Cillo (2022) é o da quantidade de mensagens. Na opinião dele, atletas que têm muitos seguidores podem acabar gastando tempo demais atentando-se às mensagens, aos likes e às postagens e, por consequência, isso acaba “consumindo parte do tempo deles, no qual eles

deveriam estar descansando ou realizando outras atividades produtivas.” (CILLO, 2022).

Sobre as interações de atletas com as redes sociais virtuais, Rosito (2022) aponta que é “muito comum ouvir de atletas de alta performance algum sinal de cansaço, de frustração e/ou de desamparo quando eles se relacionam com as respostas que eles recebem por meio dessas diferentes tecnologias remotas.”

Rosito (2022) contextualiza essa sua exposição ao esclarecer que é “muito importante para um atleta manter o seu desempenho, não perder o foco, e o foco do atleta deve ser no próprio desempenho e não no resultado”. No entanto, o que os desportistas acabam recebendo de *feedbacks* nessas interações virtuais são, geralmente, mensagens sobre os seus resultados.

Ou seja, quando o atleta tem um bom resultado, ele é enaltecido, às vezes, exageradamente glorificado. Porém, quando o resultado não vem, mesmo que ele tenha tido um bom desempenho, mesmo que ele tenha feito o melhor que ele conseguia, é o contrário. É como se ele não tivesse importância, como se ele não tivesse capacidade, como se não tivesse valor. Então, esses *feedbacks* podem sim prejudicar o atleta, se ele não conseguir fazer a distinção entre resultado e desempenho. (ROSITO, 2022)

Macedo (2022) explana que, agora, após o trabalho psicológico que realizou depois do episódio ocorrido em Tóquio-2020, compreende essa diferenciação. No entanto, nos Jogos, ele teve dificuldade em perceber que foi o seu desempenho positivo ao longo de todo ciclo olímpico que o levou a lutar no maior evento esportivo do mundo que um resultado não define quem ele é.

Até conversando com pessoas mais próximas, eu vi que a Olimpíada, nessa parte mais mental, é uma linha muito estreita. Você está entre o maior momento da sua vida e o pior momento da sua vida. E isso eu acho que é muito devido à mídia, aos comentários e às pessoas, que criam isso. Por exemplo, você está lá, você foi bem, então, você é o eternizado, sabe? Mas se você foi mal, você não foi nada. Então, o atleta, inconscientemente, acaba vivendo isso. Ele perde e pensa que foi a maior frustração da vida dele, mas não foi. Na verdade, foi a maior realização da sua vida estar ali. (MACEDO, 2022)

Santos (2021) apud Neumam e Rocha (2021) segue na mesma linha de argumentação de Rosito (2022) e apresenta que é "fundamental limitar as redes

sociais. Ficar interagindo com a expectativa dos outros faz com que o atleta saia do foco do trabalho, da competição⁷⁰.

As redes sociais digitais são extremamente influenciáveis na sociedade, o que não seria diferente no contexto dos atletas de alto rendimento. Porém, por tratar-se de um fenômeno recente, muitos desportistas ainda buscam a melhor maneira para lidar com as interações desenvolvidas nestas redes virtuais e com os impactos advindos disso.

Rafael Macedo chegou a Tóquio sem a experiência de ter lutado nos Jogos Olímpicos. Embora tenha, segundo Macedo (2022), ouvido de outros atletas que eles saiam de tudo antes do período competitivo, ele permaneceu acessando as plataformas do mesmo jeito que fazia antes, até porque, de acordo com o judoca, ele não interagiu com mais pessoas do que aquelas do círculo social e familiar dele. Porém, após perder a sua luta em 30 segundos e as audiências terem enviado a ele as suas opiniões sobre o seu desempenho, Macedo compreendeu a proporção que as redes sociais online podem atingir.

Como ele lutava a disputa por equipes mista quatro dias após o ocorrido, Macedo (2022) precisou recompor-se rapidamente. O judoca explica que, atualmente, ele consegue compreender o que ocorreu, mas naquele momento, ele foi um pouco no instinto e na reação.

Sobre as interações terem interferido ou não em seu rendimento na competição pela equipe, Macedo (2022) relata que é difícil analisar se, na hora da luta, o episódio influenciou em seu desempenho, pois segundo ele, no tatame, na hora da ação, o desportista fica tão focado naquilo que esquece o seu redor. Porém, ele examina que fora da área de competição, na pré e nas pós luta “influencia, sim” (MACEDO, 2022).

Apesar de, conforme Macedo (2022) ser difícil medir o quanto as redes sociais digitais afetaram o seu rendimento em Tóquio-2022, o judoca exterioriza que, a partir da psicologia, ele vê que tudo influencia aquele momento que ele está no tatame.

Não é só o meu treino, não é só minha preparação, mas a parte mais pessoal da minha vida também está ali dentro. É um único cara. O Rafael que está ali, é o Rafael atleta, é o Rafael marido, é o Rafael amigo, é o Rafael filho... É o mesmo Rafael que está ali. Então, eu acho que toda a

⁷⁰ Disponível em:

<<https://www.cnnbrasil.com.br/saude/sob-pressao-como-atletas-devem-cuidar-da-saude-mental/>>. Acesso em 17 set. 2022.

parte da minha vida emocional está no tatame. Então, eu acho que pode influenciar, sim. Mas é difícil medir o quanto a rede social influenciou, quanto não influenciou, mas que influencia, isso sim. (MACEDO, 2022)

Sobre o depois dos Jogos, Macedo (2022) relata ter sido um período difícil visto que, além do sentimento de frustração das derrotas, tanto no individual quanto no por equipes, houve ainda a junção das emoções advindas pelos comentários recebidos. Desse modo, segundo o judoca, enquanto ele ainda estava no Japão, logo após a finalização do período competitivo do judô, a coisa que ele mais queria era estar em casa, em sua zona de conforto e de segurança, junto com a sua família.

Você pensa: "Eu não quero chegar no aeroporto e ter que dar entrevista. Eu não quero." Você quer sumir, entendeu? E o meu sentimento, realmente, era esse. Demorou uns meses para eu querer sair da toca. [...] A pessoa se sente até meio envergonhada de sair na rua. Eu acho que por conta disso, por conta das pessoas te atacando, por conta de toda essa carga emocional que tem entre a glória e a pior frustração. Então, depois, eu me senti pelo menos um mês assim, envergonhado. (MACEDO, 2022)

Se Rafael Macedo chegou em Tóquio sem saber muito como relacionar-se com as questões das redes sociais digitais, o ginasta Arthur Nory aterrisou no maior evento esportivo do planeta com a noção do que o aguardava. Nory (2022) explana que, por sempre ter sido ativo nos sites de redes sociais e por, ao longo do tempo, ter aprendido sobre a sua responsabilidade midiática, além da pressão que ele sabia que viria da mídia por ele ser medalhista olímpico e, até então, o atual campeão da barra fixa, ele sabia do que poderia vir.

Além disso, Nory (2022) explana que compreendia o contexto no qual Tóquio-2020 ocorreria. Para ele, em um período de pandemia, em que estava todo mundo conectado na Internet, principalmente pelo fato de que não havia a presença de público na arena de competição, e também pelo estresse que as pessoas estavam submetidas por conta do momento pandêmico, ele interpretava que as pessoas não iriam se conter, iriam "xingar, falar tudo na Internet".

Apesar de, conforme Nory (2022), ele já lidar há um tempo com a Internet e já saber o que, nestes momentos, vem de comentários, de apontamentos e de julgamentos, o que pesou durante sua jornada até Tóquio-2020 foi que ele viu que a sua rede de apoio estava preocupada com ele e com a sua relação com as redes sociais digitais.

Isso pesou num ponto ali que eu desconhecia, pois a preocupação era tão grande de: "Meu Deus, como é que ele vai reagir com isso?", "Meu Deus, some de tudo, não vê nada." Isso acabou me deixando meio que: "Opa, o que está acontecendo? Está todo mundo muito preocupado." E eu acho que é o processo de eu entender e pensar que calma, não sou eu, vamos focar aqui no que eu tenho para fazer, que é o dia a dia, é o que eu treinei, o tanto de dor e tudo o que a gente se submete para realizar esse sonho.

Após ser eliminado dos Jogos Olímpicos de Tóquio, na área mista, Arthur Nory deu uma entrevista, onde foi questionado sobre o quanto de responsabilidade sobre a sua desclassificação havia a questão dos *haters* e todo o episódio sobre o caso de racismo que voltou à tona no Twitter dias antes da competição. Segundo Nory (2021) apud Pinheiro (2021)⁷¹,

Acho que não foi por isso. Chega um momento que... Eu sempre tive muito medo. Muito medo desde o episódio de racismo, desde tudo que vem passando, que vem acontecendo. Medo de falar, medo de me assumir, medo de tudo. Fico sempre muito acuado. Fico no 'vou por um sorriso no rosto, vou ser esse Nory, entregando sempre assim comigo'. Nesses últimos períodos, nos últimos anos, vem isso muito forte. No momento que você desabafa, no momento que você fala, no momento que você assume, ainda vem paulada. E veio muita agora. Teve um momento que eu falei assim: 'chega, eu vou falar'. Estou de frente, estou disposto a isso e não vou ficar mais quieto. Não vou mais me esconder. E assumir realmente essa responsabilidade. Assim como eu erro aqui, eu erro na vida. E assumir pra mim. Procurar reparar todos os dias, procurar melhorar todos os dias em todos os aspectos. [...] Não se resume a isso que eu apresentei aqui. A gente tava muito focado com a equipe, esperando, mas é importante esse momento que eu tenho de visibilidade para desabafar e para falar. Porque é isso. Toda vez que eu apareço, volta isso tudo de novo e abafa. Então vamos falar agora sobre isso. (NORY, 2021 apud PINHEIRO, 2021)

No entanto, Nory (2022) alega que, apesar de depender de pessoa para pessoa quanto as interações na redes sociais digitais influenciam a performance esportiva, a partir do momento "que você recebe a propagação de um ódio, querendo ou não, a pessoa pode ser a mais blindada que for, cagar para os comentários [...] a gente no fundo fica, todo mundo fica [sentido]" (NORY, 2022).

Apesar disso, Nory (2022) defende que se a pessoa está nas redes sociais digitais xingando os atletas, é porque elas não conhecem o processo pelo qual o desportista de alto rendimento passa. Ainda, Nory (2022) relata que, como não há como controlar o que as pessoas vão pensar e comentar, é preciso aprender a dosar.

⁷¹ Disponível em:

<<https://www.olimpiadatododia.com.br/toquio-2020/356740-estou-de-frente-disposto-e-nao-vou-ficar-mais-quieto-desabafa-nory/>>. Acesso em: 17 set. 2022.

Aguiar (2022) segue na mesma lógica e afirma que lidar com as interações nas redes sociais digitais é uma questão de filtragem. Ela acredita que buscar um isolamento, de forma inteligente, durante períodos competitivos de grande exposição midiática, como os Jogos Olímpicos, faz muita diferença.

Isso porque, ela compreende que as redes sociais virtuais podem sim afetar o desempenho dos atletas, tanto positivamente quanto negativamente. Segundo a judoca trimedalhista olímpica, a partir das pessoas com quem ela conversa, ela percebe que apesar de haver indivíduos que são mais tranquilos em relação às interações sociais online e, por consequência, do que escutam, do que leem e da forma como interagem, a maioria deles são tocados por essas interações.

Morão, Verzani, Bagni e Machado (2016), a partir de sua pesquisa quanti-qualitativa elucidam que 40% dos atletas entrevistados relataram que as redes sociais virtuais e os aplicativos de comunicação instantânea “influenciam constantemente em seus atos e, conseqüentemente, no desempenho durante a prática esportiva, seja de forma positiva ou negativa, dependendo da situação vivenciada.” (MORÃO; VERZANI; BAGNI; MACHADO, 2016, p. 8).

Apesar da discussão aqui apresentada, inclusive sobre os casos dos dois atletas participantes dos Jogos Olímpicos de Tóquio, é necessário frisar que o esporte é formado por atletas que enxergam as situações de múltiplas formas e que têm vivências diversas, sejam elas em relação às redes sociais digitais ou acerca de outras questões englobadas no universo esportivo. Dessa forma, por tratar-se de um estudo de caso, como alertam Yin (2001) e Gil (2002), há uma dificuldade de generalização científica dos resultados obtidos a partir desses casos.

Entretanto, é consenso entre os psicólogos Eduardo Cillo (2022) e Lucas Rosito (2022) a necessidade de, quando o atleta tem uma exposição de maior dimensão – como o caso de Arthur Nory, Rafael Macedo e demais atletas que disputam os Jogos Olímpicos, por exemplo – o desportista terceirizar as suas contas nos sites de redes sociais. Ou seja, é interessante que ele tenha uma pessoa específica que o assessore e que medie as suas relações e as suas interações nas redes sociais digitais.

De acordo com Cillo (2022), não há como banir os atletas das redes virtuais, visto que essas são uma realidade. Entretanto, é preciso aprender a lidar com elas. Desse modo, o COB, a título de exemplo, não proíbe o uso dos sites de redes sociais, como o Instagram e o Twitter, mas “recomenda com força que os atletas

limitem o tempo e os momentos nos quais eles vão lidar ou estão lidando com as suas próprias redes sociais.” (CILLO, 2022).

Ainda que as interações nas redes sociais digitais possam ser “potencialmente tóxicas” (ROSITO, 2022), não se pode esquecer que, essas plataformas virtuais são ótimas oportunidades para os atletas angariar patrocínios e divulgar produtos de suas marcas e empresas patrocinadoras. Portanto, para Cillo (2022), aprender a lidar com as redes sociais digitais “é como aprender a lidar com um *buffet* de alimentação em um hotel de concentração”. Apesar de você ter diversos itens alimentícios disponíveis, você não pode consumir todos eles.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após o percurso metodológico realizado para a construção da presente pesquisa, fica evidente que as interações nas redes sociais digitais dos atletas de alto rendimento interferem em suas performances em competições de elevado grau de visibilidade midiática e de pressão, como os Jogos Olímpicos. Esses impactos podem ser tanto positivos quanto negativos, mas percebe-se que os desportistas sentem mais ao entrarem em contato com comentários desfavoráveis.

A partir da análise das interações das torcidas nas redes sociais do Twitter e do Instagram dos atletas Arthur Nory e Rafael Macedo, bem como com base nas entrevistas realizadas com ambos, nota-se que houve um abalo dos desportistas ao entrarem em contato com tantas mensagens, *tweets* e comentários acerca de suas performances.

Porém, apesar de ser possível afirmar que, sim, houve um impacto da carga emocional nos atletas em seus desempenhos em Tóquio-2020, gerada após todas as interações ocorridas em suas redes virtuais, questões como: “quanto afetou?” e “de que maneira afetou?”, não foram possíveis de serem respondidas através desta pesquisa, justamente por tratar-se de um tema recente e pouco explorado.

Ao longo da trajetória da busca por mais performance dos atletas de alto rendimento, sempre houve uma maior preocupação quanto ao aspecto tático, técnico e físico. Como foi mostrado na pesquisa bibliográfica deste estudo, a Psicologia do Esporte vem constituindo-se aos poucos como um dos pilares essenciais para a construção do desempenho de um desportista. No entanto, a preocupação dos psicólogos do esporte em relação ao contato de atletas com as redes sociais virtuais durante o contexto dos Jogos Olímpicos é ainda mais recente, iniciou-se apenas, em uma maior proporção, na Rio-2016. A edição brasileira do maior megaevento esportivo foi apenas há dois ciclos olímpicos, depois dela, realizou-se somente mais uma Olimpíada: Tóquio-2020. Ou seja, essas tensões ainda são novas e necessitam de mais pesquisas acerca.

Há muito o que se entender quanto a presença dos atletas de alto rendimento nas redes sociais digitais, principalmente no que concerne à área da Comunicação. Ao longo da história desse campo, com o avanço e a criação de novas tecnologias comunicacionais, pesquisadores sempre estiveram atentos às consequências dessas mídias para com os espectadores.

Como vivemos, como pensamos, como interagimos com os demais sujeitos sociais sempre foram sendo impactados por novas formas de comunicação. Foi assim com o rádio e com a televisão, por exemplo. Diferente não seria com a Internet e com os seus sites de redes sociais. Estes nós virtuais, extremamente intensos, também carecem de pesquisas para os melhor compreendermos. Ademais, com a relevância que o esporte carrega na atual sociedade, também é necessário compreender mais no que concerne para o campo comunicacional o encontro desses dois mundos: as redes sociais digitais e os atletas de alto rendimento.

Além disso, cada vez mais, jornalistas encontram na assessoria de imprensa um local de trabalho, sendo os atletas de alto rendimento um mercado para se explorar. Assim, esta pesquisa traz um debate de suma importância para estes profissionais quanto a de que forma eles colocarão os seus atletas nestas redes sociais digitais.

Por exemplo, percebeu-se com esta pesquisa que o Twitter, em relação ao Instagram, é um ambiente mais tóxico. No primeiro, as torcidas tendem a ofender mais os atletas pois, ao que parece, elas têm a ilusão que suas mensagens não chegarão aos próprios desportistas. Cabe aos comunicadores que trabalham com estes sujeitos, pensar estratégias para os blindar e os proteger desse local.

Apesar das redes sociais digitais criadas a partir da plataforma do Instagram serem eventualmente nocivas ao rendimento de atletas, na atual sociedade, elas são extremamente importantes como espaço de divulgação pessoal e, por consequência, de atrativo para diversas empresas vincularem a suas marcas com a imagem dos atletas. Por isso, percebeu-se que não é possível que os desportistas isolem-se 100% destes meios, mas conforme pesquisado e explorado, recomenda-se que eles procurem maneiras de isolarem-se mais em momentos de maior pressão e visibilidade midiática, como durante os Jogos Olímpicos.

Por fim, vale frisar que atletas não super-heróis que com nada se abalam. A trimedalhista olímpica e bicampeã mundial, Mayra Aguiar, toca em um ponto interessante para refletirmos como sociedade. Apesar destes atletas olímpicos estarem performando em uma espaço que parece extremamente longe da vida da maioria das pessoas, eles também são seres humanos. Eles também têm suas histórias, suas trajetórias, suas angústias... Por isso, Mayra salienta a importância dos torcedores se colocarem no local desses desportistas quando eles não

conseguem condizer com a expectativa gerada pela mídia e pela torcida. É sobre refletir: “Após ela ter desempenhado abaixo do esperado, o que você diria para aquela pessoa, caso ela fosse a sua mãe, o seu pai, o seu irmão ou a sua amiga? Você enviaria uma mensagem dura, de deboche e de ódio? Ou você enviaria uma mensagem de conforto? O que você falaria?”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Álvaro José. Prefácio. In: LEISTER FILHO, Adalberto; COSTA, Guilherme. **2016 histórias que fizeram 120 Anos de Olimpíadas**. São Paulo, SP: Editora Xamã, 2016.

AGRESTA, Marisa Cury; BRANDÃO, Maria Regina Ferreira. Introdução ao treinamento das habilidades psicológicas. In: BRANDÃO, Maria Regina Ferreira; MACHADO, Afonso Antonio. **Coleção Psicologia do Esporte e do Exercício: teoria e aplicação**. São Paulo, SP: Atheneu, 2007. p. 1-171.

ALMEIDA, Carlos Cândido de. **Novas Tecnologias e Interatividade: além das interações mediadas**. Datagramazero - Revista de Ciência da Informação, [S.l.], v. 4, n. 4, p. 1-12, ago. 2003.

BALDANZA, R. F. A Comunicação no Ciberespaço: Reflexões Sobre a Relação do Corpo na Interação e Sociabilidade em Espaço Virtual. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 29., 2006, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2006. p. 1-15. D

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Editora Vozes Limitada, 2017.

BECKER JÚNIOR, Benno. **Manual de Psicologia do Esporte & Exercício**. Porto Alegre: Novaprova, 2000.

BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. **Psicologias: Uma introdução ao estudo de Psicologia**. 13. ed. São Paulo, SP: Editora Saraiva, 1999. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5615614/mod_resource/content/1/bock_psicologias.pdf. Acesso em: 28 ago. 2022.

BRANDÃO, Regina. **Workshop: A Formação do Atleta Inteligente: Contribuições da Psicologia do Esporte**. In: CONGRESSO INTERNACIONAL E PSICOLOGIA DO ESPORTE, DESENVOLVIMENTO HUMANO E TECNOLOGIAS, 1., 2015, Rio Claro. **Anais [...]**. Rio Claro: Congresso Internacional e Psicologia do Esporte, Desenvolvimento Humano e Tecnologias, 2015. p. 88-92. Disponível em: http://newpsi.bvs-psi.org.br/eventos/II_cong_intern_psicologia_esporte_desenvolv_humano2015.pdf. Acesso em: 04 set. 2022.

CARVALHO, Tayane Monick Pereira de; RIOS, Riverson. Os limites da liberdade de expressão na internet: discurso de ódio no Twitter. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE, 20., 2019, São Luís. **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**. São Luís: 2019. p. 1-15. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2019/resumos/R67-0083-1.pdf>. Acesso em: 16 set. 2022.

CASAL, Hiram Mario Valdés. Fatos e reflexões sobre a história da Psicologia do Esporte. In: BRANDÃO, Maria Regina Ferreira; MACHADO, Afonso Antonio. **Coleção Psicologia do Esporte e do Exercício: teoria e aplicação**. São Paulo, Sp: Atheneu, 2007. p. 1-29.

COMITÊ OLÍMPICO DO BRASIL. **Nota Oficial Missão Tóquio 2020 - Uso de Redes Sociais**. Disponível em: <https://www.cob.org.br/pt/galerias/noticias/nota-oficial-missaotoquio-2020--uso-de-redes-sociais/>. Acesso em: 2 out. 2021.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas S.A., 2002. 176 p.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2008. 200 p.

HABCKOST, Gabriela Saraiva. **Fãs e conversação em rede: o Twitter como segunda tela no BBB20**. 2020. 158 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

HERVAL, R. **Interações digitais: Usos sociais da internet em perspectiva etnográfica**. Rio de Janeiro: PUC RIO, 2011. Disponível em: https://www.pucrio.br/ensinopesq/ccpg/pibic/relatorio_resumo2014/relatorios_pdf/ccs/COM/COMGabriela%20Gomes.pdf. Acesso em: 28 de ago. de 2022.

KOLITZ, Daniel. **Por que as redes sociais são tão viciantes?** 2020. Publicado em giz_br. Disponível em: <https://gizmodo.uol.com.br/por-que-redes-sociais-viciantes/>. Acesso em: 20 ago. 2022.

LEAVER, Tama; HIGHFIELD, Tim; ABIDIN, Crystal. **Instagram: Visual social media cultures**. Cambridge: Polity Press, 2020.

MACHADO, Thais do Amaral; PAES, Maiara Juliana; ALQUIERE, Shelse Marinho; OSIECKI, Ana Cláudia Vecchi; LIRANI, Luciana da Silva; STEFANELLO, Joice Mara Facco. Ansiedade estado pré-competitiva em atletas de voleibol infanto-juvenis.

Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, [S. l.], v. 30, n. 4, p. 1061-1067, 2016. DOI: 10.1590/1807-55092016000401061. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/126193>. Acesso em: 5 set. 2022.

MORÃO, Kauan Galvão; VERZANI, Renato Henrique; BAGNI, Guilherme; MACHADO, Afonso Antonio. Redes sociais virtuais e o contexto esportivo: Alterações emocionais em atletas. In: SOCIABILIDADE DO IX SIMPÓSIO NACIONAL DA ABCIBER, 9., 2016, São Paulo. **Artigo**. São Paulo: Abciber, 2016. p. 1-14.

ODRIOZOLA, Amaia. **Vício em redes sociais dispara na pandemia, mas há como recuperar o controle e se desintoxicar**. 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/estilo/2020-10-12/vicio-em-redes-sociais-dispara-na-pandemia-cinco-jeitos-de-recuperar-o-controle-e-se-desintoxicar.html>. Acesso em: 20 ago. 2022.

ORSOLINI, Alba Valéria Penteado; OLIVEIRA, Sheila Fernandes Pimenta e. Estudo de caso como método de investigação qualitativa: uma abordagem bibliográfica, 2013, Franca. **Apresentação de Trabalho/Comunicação**. Franca: Uni-Facef, 2013. p. 1-18. Disponível em: https://pos.unifacef.com.br/_livros/Cultura_Desenv/Artigos/Alba_Sheila.pdf. Acesso em: 09 set. 2022.

PINHEIRO, Giovana. **Arthur Nory além do pódio: do racismo à desconstrução**. 2020. Publicado em Olimpíada Todo Dia. Disponível em: <https://www.olimpiadatododia.com.br/ginasticaartistica/279708-arthur-nory-alem-do-podio-do-racismo-a-desconstrucao/>. Acesso em: 16 set. 2022.

PINHEIRO, Giovana. **“Estou de frente, disposto e não vou ficar mais quieto”, desabafa Nory**. 2021. In: Olimpíada Todo Dia. Disponível em: <https://www.olimpiadatododia.com.br/toquio-2020/356740-estou-de-frente-disposto-e-nao-vou-ficar-mais-quieto-desabafa-nory/>. Acesso em: 17 set. 2022.

PRODANOV, Cleber Cristiano; DE FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2ª Edição. Editora Feevale, 2013.

RECUERO, Raquel; BASTOS, Marco; ZAGO, Gabriela. **Análise de Redes para Mídia Social**. Porto Alegre: Sulina, 2015. 182 p. (Coleção Cibercultura).

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. 2. ed., Porto Alegre: Sulina, 2010. (Coleção Cibercultura)

RUBIO, Katia. Rendimento esportivo ou rendimento humano?: O que busca a da psicologia do esporte?. **Psicol. Am. Lat.**, México, n. 1, fev. 2004. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X200400010004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 04 set. 2022.

SAMULSKI, Dietmar Martin. Áreas de atuação da Psicologia do Esporte. In: BRANDÃO, Maria Regina Ferreira; MACHADO, Afonso Antonio. **Coleção Psicologia do Esporte e do Exercício: teoria e aplicação**. São Paulo, SP: Atheneu, 2007. p. 31-58.

SANTAELLA, Lucia; LEMOS, Renata. **Redes sociais digitais: a cognição conectiva do Twitter**. São Paulo: Paulus, 2010. 137 p. (Coleção Comunicação).

SILVA, M. **Interatividade: uma mudança fundamental do esquema clássico da comunicação**. Boletim Técnico do Senac, v. 26, n. 3, 2 nov. 2000.

TELES, Maria Luiza Silveira. **O que é psicologia**. [S. L.]: Editora Hedra Ltda, 1989.

TELLES, André. **A revolução das mídias sociais: Cases, conceitos, dicas e ferramentas**. São Paulo: M. Books, 2010.

TEIXEIRA, Carlos Roberto Gaspar. **Data Fama: O desempenho dos atletas olímpicos nas redes sociais digitais**. 2017. 196 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017

TEIXEIRA, Lauro Henrique de Paiva. **Televisão digital: interação e usabilidade**. 2008. 150 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, 2008. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/89489>>. Acesso em: 27 ago. 2022

THOMPSON, J. B. (2018). **A interação mediada na era digital**. *MATRIZES*, 12(3), 17-44. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v12i3p17-44>>. Acesso em: 25 ago. 2022

TODOROV, João Claudio. **A Psicologia como Estudo de Interações**. [S. L.]: Instituto Walden4, 2012. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/230662495 A Psicologia como estudo de interacoes](https://www.researchgate.net/publication/230662495_A_Psicologia_como_estudo_de_interacoes)>. Acesso em: 05 set. 2022

VENTURA, Magda Maria. O Estudo de Caso como Modalidade de Pesquisa: pedagogia médica. **Rev Socerj**, Rio de Janeiro (RJ), p. 383-387, set. 2007. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-485754>. Acesso em: 09 set. 2022.

VERMELHO, Sônia Cristina et al. **Refletindo sobre as redes sociais digitais**. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 35, n. 126, p. 179-196, mar. 2014.

VERZANI, Renato Henrique; MORÃO, Kauan Galvão; BAGNI, Guilherme; MACHADO, Afonso Antonio; SERAPIÃO, Ana Beatriz de Souza. Coping no futebol: Em busca da performance ideal. In: CONGRESSO INTERNACIONAL E PSICOLOGIA DO EPSORTE, DESENVOLVIMENTO HUMANO E TECNOLOGIAS, 1., 2015, Rio Claro. **Anais [...]**. Rio Claro: Congresso Internacional e Psicologia do Epsorte, Desenvolvimento Humano e Tecnologias, 2015. p. 120-125. Disponível em: http://newpsi.bvs-psi.org.br/eventos/II_cong_intern_psicologia_esporte_desenvolv_humano2015.pdf. Acesso em: 04 set. 2022.

VERZANI, Renato Henrique. **Novas mídias sociais, atletas e o coping: relações impertinentes**. 2017. 132 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Desenvolvimento Humano e Tecnologias, Instituto de Biociências, Universidade Federal Paulista, Rio Claro, 2017.

VIEIRA, Lenamar Fiorese et al. **Psicologia do esporte: uma área emergente da psicologia**. *Psicologia em Estudo*. 2010, v. 15, n. 2, pp. 391-399. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pe/a/dxqXV7GtH7zkCLkzYq7K7Wd/abstract/?lang=pt#>>. Epub 14 Set 2010. Acesso em: 05 set. de 2022.

VIEIRA, Márlisson de Souza et al. **Análise das interações na contemporaneidade: a interatividade nas redes sociais**. 2017. 38 f. TCC (Graduação) - Curso de Ciências Humanas, Universidade Federal do Maranhão, Bacabal, 2017.

WEINBERG, Robert S.; GOULD, Daniel; trad. Maria Cristina Monteiro. **Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

ZIMERMANN, Dara Yanca; GUIDOTTI, Flávia Garcia. **Potencialidades da interatividade no Instagram Stories para o jornalismo**. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PESQUISAS EM MEDIATIZAÇÃO E PROCESSOS SOCIAIS, 4., 2020, São Leopoldo. Anais de Resumos Expandidos. São Leopoldo: Ppgcc-Unisinos, 2020. p. 1-8.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2.ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

ENTREVISTAS

AGUIAR, Mayra. Entrevista concedida em 05 de setembro de 2022.

ALCOBA, Antonio Lopez. Entrevista concedida em 23 de julho de 2022.

CILLO, Eduardo. Entrevista concedida em 27 de julho de 2022.

MACEDO, Rafael de Godoy. Entrevista concedida em 28 de julho de 2022.

NORY, Arthur Mariano. Entrevista concedida em 23 de maio de 2022.

ROSITO, Lucas. Entrevista concedida em 11 de setembro de 2022.

APÊNDICE A – TRANSCRIÇÃO ENTREVISTAS EM PROFUNDIDADE

Com Antonio Alcoba López

As redes sociais impactam as performances dos atletas olímpicos? Qual é a sua análise?

ANTONIO - Devo dizer que o esporte se tornou o motor do mundo, desde o campo trabalhista, econômico, político, científico, etc. Não há outra atividade semelhante em nosso mundo. Em relação à sua pergunta, ela pode ser interpretada de diferentes maneiras, levando em consideração que a palavra performance possui vários significados. No âmbito puramente esportivo e relacionado a marcas, títulos, forma de atuação e comportamento dos atletas, a motivação para superar o circo mais difícil ainda, é o nosso pão de cada dia. Assim, o atleta procura explorar, de acordo com suas atuações, resultados, marcas, títulos, forma de agir ou se comportar e a empatia que eles oferecem, vinculando-se com suas notas e resultados, portanto, poderíamos dizer SIM, e assim poder alcançar enormes índices de popularidade. Assim, as redes sociais apoiam os campeões, sejam de outros tempos ou de hoje, e o atleta vive dessa resposta, esforçando-se para manter esse vínculo com os torcedores, pois seu presente e futuro dependem disso.

Isso impacta, a meu ver, no florescimento de mais de 200 especialidades esportivas, que por sua vez são captadas pela política, pelo capitalismo e pela ciência, entre outras áreas que utilizam o esporte e os atletas, para aproximar-se dos cidadãos e obter benefícios.

Com Arthur Mariano Nory

Você é bem ativo nas redes sociais. Diante do início da competição, como você dosa as horas gastas com redes sociais e mantém o foco na disputa por medalhas?

ARTHUR - Eu acho que eu sempre fui muito ativo nas redes sociais. Eu venho de uma geração em que isso vem crescendo cada vez mais. Eu peguei que tinha o Orkut, mas não era tanto assim. Mas depois passou a ter o Facebook, o Snapchat, até o início do Instagram... Então, eu comecei a pegar muito essa essa leva aí, né?

Até o YouTube também, a gente via bastante os youtubers. E eu tinha muita essa facilidade, né? Então, eu tava entendendo como funcionava, eu já sempre fui muito blogueirinho. Tanto que, no começo, quando você está aí, é o que você mais ouvia: "Ah, é blogueirinho, é blogueirinho...". Então, para mim isso foi bem natural, e foi bacana poder mostrar o meu dia a dia, de poder aproximar mais o público da modalidade. Porque, até então, não se via, principalmente no Brasil, atletas que postassem como era a rotina. Eu via muitos atletas de fora que tinham canal no YouTube e que eram ativos mesmo. E aí eu fui sempre nesse embalo, e eu entendia que era bacana poder mostrar um diário, nosso dia a dia... Mas eu percebi, depois de 2016, que isso demanda muito. Você trabalhar como digital influencer é um trabalho, é algo difícil. Tanto que, hoje em dia, você escuta muita gente mais velha, falando: "Nossa é muito difícil, você tem facilidade." Mas é trabalhar, porque você tem que se comprometer igual. Desde de você transmitir a informação, pensar no conteúdo que você vai postar. Hoje, está tudo muito nichado, então, eu fui surfando numa época que era aquilo e ponto e, hoje, já tem os nichos, né? E, hoje, também na internet, todo mundo fala o que quer, todo mundo fala o que pensa. Então, vai ter fã vai, ter hater, você vai encontrar tudo quanto é tipo na internet. Eu fui entender isso com o tempo, porque, até então, eu só mostrava pum pum pum pum e aí, depois, você vai começando a amadurecer. Até porque todos nós temos que amadurecer e entender. Então, acho que até 2016 fui um blogueirinho diferente. E aí, depois, eu comecei a entender, até a representatividade que é dentro do esporte, que o esporte traz, e essa visibilidade. E até você ser reconhecido pelo seu trabalho ali dentro. Então, isso foi muito, muito mais forte. "Tipo, meu Deus, as pessoas reconhecem que é um medalhista olímpico, é um ginasta brasileiro...". E é como se portar? O que eu tenho que saber? Então, tudo isso foi pesando muito durante este próximo ciclo até Tóquio, que aí vem essa responsabilidade, enquanto atleta e enquanto influenciador ali no meio do esporte. Porque você acaba sendo uma referência, e aí você sendo uma referência do esporte, acaba tendo esse estereótipo do atleta: O atleta está sempre na dieta, o atleta é saudável, o atleta é saúde, o atleta... E aí começa tudo isso. E aí já começa todas essas questões de pressão. Então, chegando na Olimpíada do Japão, eu já sabia de tudo isso, mais a carga de ter sido campeão mundial em 2019, toda essa expectativa em cima do atual campeão mundial indo para uma olimpíada, total chances de medalha... Vai acumulando. Fora que, eu também queria mostrar esse outro lado, essa jornada até

uma Olimpíada no Japão, como é a rotina aqui. Isso é muito interessante. Um período que foi pandemia, que tava todo mundo conectado, ligado, todo mundo estressado no seu limite. Vou xingar na internet. Vou falar na internet, então já tinha muito disso, né? Tanto que nesse período até a Olimpíada foi um basta pra mim, que foi um "não, dá um tempo". Mostro o que tenho para mostrar, mostro competição, até a minha vida mesmo, porque é super interessante, mas não com tanta frequência. Também comecei um canal no YouTube, mas aí eu já vi que vinha carregando, né? Não só o fã em si, mas também muito do hater. E aí eu já imaginava que o que poderia vir para Tóquio, para as Olimpíadas, até porque é a maior competição esportiva do mundo, é o nosso sonho, o sonho de todo atleta, e a visibilidade ele vem muito, né? E ainda mais agora, que não tem público, é tudo virtual, tudo na internet... As pessoas vão estar lá no ao vivo já martelando. Então, estava preparado para o que ia vir. Só que, o que eu acho que mais pesou nesse período foi, porque eu já lido com a Internet há um tempo, então, eu já sei o que vem de comentários, eu já sei os apontamentos, os julgamentos, o cancelamento... Até a pressão de tudo quanto é lado do atleta, né? Foi campeão mundial, tem que ganhar. Então, eu já tinha uma noção de como é que ia ser. Mas o que mais pegou, eu acho que é a nossa rede de apoio, né? Treinador, equipe, amigos, família, principalmente, mãe, pai, irmão vendo todo esse ódio, né? Eu acho que isso pesou num ponto ali que eu desconhecia de que a preocupação era tão grande de "Meu Deus, como é que ele vai reagir com isso?", "Meu Deus, some de tudo, não vê nada." Isso acabou me deixando meio que: "Opa, o que está acontecendo? Está todo mundo muito preocupado." E eu acho que é o processo de eu entender e pensar que calma, não sou eu, vamos focar aqui no que eu tenho para fazer, que é o dia a dia, é o que eu treinei, o tanto de dor e tudo o que a gente se submete para realizar esse sonho. Esse objetivo longo, de cinco anos, que durou para chegar nessa Olimpíada. Então, acho que foi todo esse processo ali para manter até, né? E a ginástica sempre é muito vista em olimpíadas. Então, vão conhecer os atletas que estão lá, vão atrás, vão procurar saber de tudo e vão resgatar sempre, vão resgatar tudo, né? Seus títulos, seus fracassos, e vão querer ficar jogando na cara. Muitas pessoas vão ficar apontando isso. E aí fazer esse acompanhamento, principalmente com psicólogos, né? Porque a gente é ser humano, então tem momentos que vai ter o breakdown, que você se acaba, chora e começa a entender. E, claro, cuidar, principalmente da saúde mental.

Você percebe que essas interações nas redes sociais podem influenciar no desempenho dos atletas?

ARTHUR - Acho que também depende de pessoa para pessoa. Mas a partir do momento que você recebe a propagação de um ódio, querendo ou não, a pessoa pode ser a mais blindada que for, cagar para os comentários e pensar que: "Não sou isso, não sou essa pessoa", mas a gente no fundo fica, todo mundo fica. Por mais que você vai falar de qualquer coisinha, que seja um ataquezinho apenas, você fica sentido, sabe? Mas não acho que é isso que determina quem você é, não é isso que determina o que você é capaz de fazer, o que você treinou para fazer, porque isso é da internet. Hoje, eu entendo que as pessoas que estão xingando, as pessoas que estão fazendo comentários, não conhecem o processo e não conhecem a pessoa que está lá. Claro, tem muita gente que tem propriedade no que fala, que sabe, que estuda, que entendem estatisticamente também "Ó, o atleta tal está tirando tanto, a probabilidade de vencer é tanto." tem pessoas que falam com propriedade disso. Mas não é o que te define, não é nisso que você tem que ficar totalmente focado. Eu acredito que o trabalho mental para o atleta, tem que estar junto com o treino técnico, tem que estar junto com o treino específico da modalidade, seja qual for, para você ficar blindado e preparado para competição e para viver aquilo. Até porque, quando eu for subir no aparelho para competir mundialmente, vai ser contra japonês, contra chinês, contra europeu, contra americano, contra todo mundo, e está todo mundo ali em busca daquela final, está todo mundo ali em busca do pódio. Então, ele não está nem aí como você dormiu a noite, o que você tem no seu ombro, o que você passou... Está todo mundo ali focado, porque treinaram para o que tem que fazer. E, na hora, que estão os oito perfilados, é eu comigo mesmo. Eu tenho que pensar no ali e esquecer do que está em volta. Porque se ficar carregando já isso com a gente, além dos tititi que vem, isso gera tudo. Então, acho que tem que ter esse trabalho mental. E como eu disse, a gente é humano, pode ter um momento ali de fragilidade, um gatilho que vem e te desconcerte. E isso faz parte desse processo de preparação de "Nossa, aconteceu isso. Como que eu posso me preparar para me desviar disso e poder ter o meu bom desempenho?", "E agora? O que eu faço? Fico preocupado com o que eu vi, fico preocupado com o que eu ouvi? Tenho que provar para essa pessoa que eu sou outra pessoa? O que que eu tenho

que fazer aqui e agora?". Então, tem que se firmar na rede de apoio, que é a família, que são os amigos, que é sua equipe, que são quem estão com a gente todos os dias. E, realmente não ligar para isso. Porque, o que acontece? Talvez, por exemplo, você, como futura jornalista, vai passar a informação e nisso, a sua rede social, seus seguidores, as pessoas que te acompanham vão pegar aquilo e já vão começar a dar as opiniões delas. Já começam a fazer essa pirâmide. E aí, se a gente ficar ali, caçando, clicando, vendo o que cada um está falando, vendo quem é essa pessoa e o porquê dela estar falando isso... E aí já compartilha o cancelamento do atleta: "Nossa esse atleta ali ó, no Natal, estava comendo um pernil, olha ele aqui agora.", aí a outra pessoa: "Nossa, mas esse atleta aqui...". Eu vejo muito isso, porque também acompanho as outras modalidades. Além disso, é entender que você, enquanto atleta, você vai influenciar outros atletas, você vai influenciar outras pessoas, você vai ser uma referência na modalidade, seja ela qual for, e se você tiver um destaque de medalhas, mais ainda. Então, é saber que isso vai vir no pacote. É só trabalhar bastante para se fechar, se blindar e não deixar isso acontecer.

Levando em consideração essa tua experiência em sites de redes sociais, bem como com o episódio em Tóquio, você acha que encontrou o equilíbrio para usar as redes sociais?

ARTHUR - Eu acho que, hoje em dia, está tudo muito nichado. Então, você segue aquilo que você quer e você vê aquilo que você mais consome. Então, diretamente, por exemplo, as pessoas não querem ver esse atleta, não querem ver essa modalidade, elas já não vão ter o acesso. Só que, o que eu percebi foi que, você, enquanto jornalista ou enquanto amiga, vai e posta uma foto minha. Aí, você tem, nos seus seguidores, uma pessoa que não gosta de mim, e aí, essa pessoa vai até você e ti ti ti, despeja tudo. Eu percebi que tem muito disso, então, não chega diretamente a mim, mas vai chegar em você. Vai, por exemplo, chegar no meu companheiro de equipe. Por exemplo, eu tiro uma foto com o Diogo, com quem eu estava no quarto nas Olimpíadas, é ele que vai ver o negócio, não sou eu quem vai. E aí como a pessoa lida com isso? Porque, assim, ela está no quarto comigo, ele sabe que eu não sou assim, né?, Tipo, "eu conheço essa pessoa". Mas aí vem tudo, porque "ai, se você é amigo dele, se você é da equipe dele, você está junto com ele,

então, a gente te odeia também". Eu percebi que a rede social está bastante assim. E as pessoas vão falar, vão falar e vão falar, mas a gente não tem como controlar isso. Eu não tenho como controlar o que você vai comentar e eu não tenho como controlar o que você vai pensar. Então, acho que é esse passinho de cada vez, é esse processo diário. Eu acho que a mudança também tem que ser diária. Além disso, também tem esse novo papel de passar para os mais novos o que é que vem. Mas eu vejo que, hoje, a ginástica não é muito das redes sociais, os atletas não são tão engajados. Eu acho que são fases, né? Hoje a gente já entende muita coisa, a gente já sabe de muita coisa. Então, eu acho que é um processo que faz parte. É um case de exemplo, de "meu Deus, olha só o que aconteceu aqui, olha só a modalidade, olha só a ginástica... Vamos lembrar, vamos não repetir erros, vamos melhorar esse ponto, vamos melhorar a comunicação." Não quer esse problema? Então, não vamos postar. Não vamos fazer nada, vamos só seguir trabalhando, vamos dar os resultados, vamos competir e é isso. Só que, ao mesmo tempo, eu entendo que é importante ter essa visibilidade para trazer patrocinador, para fomentar mais o esporte. Então, eu acho que é uma linha muito tênue e cuidadosa. Porque eu acredito que essa parte da rede social, da internet, é tão importante para a modalidade.

Em comparação a outras competições, durante os Jogos Olímpicos, aparecem mais pessoas nos seus perfis nas redes sociais digitais?

Sim, com certeza. Vem muito, porque é o Brasil inteiro, o mundo inteiro. Então, vem e vem de tudo quanto é lado. Porque você, talvez, vai ligar a TV e você vai ver a ginástica, os atletas que estão lá, tem o fulano, ou ciclano, o Arthur Nory. Então, a pessoa que não conhecia a ginástica, fala: "nossa, não conhecia esse atleta." Aí vai para a internet pesquisar e nossa, aí já começa. Começa a espalhar tanta coisa. Aí, por exemplo, o Campeonato Brasileiro, que é uma coisa mais fechada, é o YouTube da Confederação que vai transmitir, um ou outro canal de comunicação que vai transmitir, mas que não tem essa grande proporção, é diferente. Então, eu acho que é nichado, é ali dentro, e dentro da ginástica, do meio, a gente sabe como é, todo mundo conhece todo mundo. Então, é um ambiente mais seguro. E a partir do momento que passou, passou. Então, passou Tóquio, passou a Rio 2016, agora foco aí nessas próximas que terão. Vai ter, agora, o Pan-Americano, que eu sei que

vai ter uma transmissão um pouquinho maior... Então, vai vir. Volta e meia, volta uma coisa e outra ali.

Como você percebe a diferença das interações do Rio-2016 para Tóquio-2020?

ARTHUR - Eu acho que, em Tóquio, estava todo mundo com fome, com sede, de um grande evento. Em 2016, a gente não podia postar nada do ambiente Olímpico, era uma regra para todos. Uma outra vezava, mas não chegava em grande proporção, e a partir da Olimpíada de Tóquio foi liberada. Então, você podia postar tudo, tudo, desde do quarto, da cama, da Vila, como que era o procedimento do dia a dia, do teste da Covid, a ida.. Na Rio, não. Na Rio, você não podia postar nada com o logo das Olimpíadas, tinha uma coisa mais cuidadosa. Podia postar foto dentro de um ginásio, por exemplo, mas nas partes da Vila, não. Então, você não via muita coisa da Rio. E eu acho que era até bom, porque cria essa blindagem pro atleta, porque, realmente, as pessoas vão ver e vão falar. Ainda mais se você compete, né? Nossa, vão acabar com você, vão acabar, "Olha lá, quer ficar fazendo *stories* na Vila..." Eu acho que é importante, é interessante, mostrar, muito atleta mostrou, né, mas foram pouquíssimos os atletas que tiveram o boom, assim, de tipo: "nossa, olha que incrível", ou sempre vai para parte de polinizar, do tipo : "Olha lá a farra". Até porque nem tem farra. Então, eu acho que tem que tomar cuidado para saber as medidas. Porque é legal, é interessante. Eu, como um fã do esporte, estou sempre acompanhando, eu estou sempre seguindo todo mundo. Vai ter uma competição de ginástica agora que eu já tô aqui antenado para ver como que vai ser, como que é o ginásio, como é que vai ser o lugar que eles estão... Isso é muito bacana de mostrar, só que é isso, isso também demanda, essa função de conteúdo, de mostrar, também demanda. Então, acho que é saber dosar. Hoje, eu tenho outro pensamento que é: vou fazer o meu trabalho, fazer a minha parte, poder treinar, vou filmar o que tem para filmar, mas SE der, eu mostro, se não der, me joga no Google.

Agora que passou, você se arrepende de ter ido para o Twitter naquele momento pré-competição?

É que tem hora que cansa, sabe? É tanto, tanto, tanto que vem, vem, vem que chega uma que, meu Deus chega, né? Por favor... Ok, eu já sei, então, vem, fala na minha cara. Vem aqui e dá um tapa, entendeu? Fala, fala tudo que você tem para

falar. Porque pesa, sabe? Aí depois, eu saí. Hoje, eu só entro no Twitter para ver notícias. E aí eu vejo algo e tá, tá bom. Mas também eu vejo muitos pontos de aprendizado para tudo. De tipo, nossa esse ponto aqui eu vou estudar, eu vou ler sobre isso que essa pessoa está falando. Se faz super sentido beleza, vou lá, pesquiso, vou seguir pessoas influenciadoras que defendem causas, que falam com propriedade, que estudam. Então, vou entender melhor. Acredito que, através disso, você também cresce e aprende muito. Você aceita, entende, vai estudar e vai entender como é. Mas, você sabe que, no Twitter, é o pessoal que late muito, quer latir muito, um quer falar mais mais alto que o outro. Acho que, ele vai querer causar uma grande mudança ali no Twitter? Não. Meu Deus, você está numa Olimpíada, você está em um Pan-Americano, você está em um Mundial, e você vai para o Twitter? Meu deus, sabe? (risos) Mas assim, eu entendo isso hoje. Acho que é importante passar... Importante assim que eu digo, não desejo isso a ninguém, mas passando por isso, eu posso chegar e falar: "Ó, amigão, vem aqui que eu te mostro, jovem ginasta. Vem aqui ó, você está vendo? Você tá aqui comigo, né? Vale a pena? Vale a pena? Vale a pena ficar falando isso? Vale a pena seguir isso? Vale a pena ficar postando isso? Não, né?" E aí eu falo todo o porquê que não. É isso, eu acho que que faz parte do crescimento como pessoa, como modalidade, porque eu vejo que, hoje, a ginástica se empenha muito de defender várias causas e em mostrar que o esporte transforma, evolui e aprende diariamente com os erros. Em todo o esporte, você aprende muito com os erros. No próprio judô, né? A primeira lição é aprender a saber cair. Mas, então, é isso... Às vezes, as pessoas não falam diretamente para você, ela vai falar em algum lugar e, de repente, você vê seu nome sendo citado ali, entendeu? E acontece, acontece muito. Mas é a maneira que eu vejo, que o twitteiro ou esses comentadores, dementadores de internet, fazem é: "Vou deixar minha opinião aqui... O que vocês acham, seguidores?", sabe?

Com Eduardo Cillo

A comunicação dos usuários nas redes sociais dos atletas pode afetar o desempenho e a performance deles nas competições?

EDUARDO - Sim, essa comunicação pode afetar bastante o desempenho e a performance por alguns, digamos assim, por alguns efeitos. Primeiro, a qualidade

dessa comunicação. Dependendo da qualidade dessa comunicação, digamos assim, que esses atletas recebam mensagens de haters e se desgastam emocionalmente por ter que lidar com essas mensagens, que podem ser de ódio, de desaprovação. Isso pode afetar o foco deles. Além do desgaste emocional, que vai acabar consumindo reservas energéticas desses atletas, eles podem ainda, de alguma forma, dar respostas a essas mensagens. E isso acaba gerando ansiedade, acaba atrapalhando o próprio foco de atenção e de concentração dos atletas. Um outro viés aqui é, não só da qualidade, mas da quantidade de mensagens. Então, atletas que têm muitos seguidores podem acabar gastando tempo demais atentando as mensagens, aos likes, as postagens. E isso também vai acabar consumindo parte do tempo deles, no qual eles deveriam estar ou descansando ou realizando outras atividades produtivas.

Qual é a orientação do COB quanto essa relação dos atletas para com as redes sociais?

EDUARDO - Primeiro que a gente não tem como banir as redes sociais. Elas são uma realidade para todos nós, inclusive para os atletas. Então, é preciso lidar com elas. O COB em momento algum ele proíbe o uso das redes sociais, mas ele recomenda com força que os atletas limitem o tempo e os momentos nos quais eles vão lidar ou estão lidando com as suas próprias redes sociais. Também é recomendável, quando o atleta pode, que ele terceirize essa rede. Então, nesse sentido, que ele tenha um assessor ou uma pessoa específica pra mediar ali as suas próprias redes sociais. A gente não pode esquecer que, para muitos atletas, as redes também são, hoje, para angariar patrocínios, para divulgar produtos de seus patrocinadores pessoais. Então, sendo bem realista, é como aprender a lidar com um buffet de alimentação em um hotel de concentração. Você tem muita coisa disponível, muitos itens disponíveis, mas você não vai usar todos. Então, aprender a lidar com a alimentação já é uma realidade há algum tempo, aprender a lidar com as redes sociais é algo que a gente está tentando aprender por esses tempos.

O COB, durante os Jogos Olímpicos, emitiu uma nota orientando que os atletas se afastassem das redes sociais. Por que consideraram que era preciso que eles se afastassem? E qual foi a motivação?

EDUARDO - Exatamente para que eles pudessem manter o foco, estivessem concentrados. As Olimpíadas acabam compondo um período longo de disputa de competições, mas cada atleta em si ele chegou em Tóquio em um momento específico dependendo dos dias em que estavam programadas as suas competições. Então, o recomendado era que os atletas conseguissem, no mínimo, limitar o mesmo os acessos às redes, o que acabou não se concretizando para todos eles, mas uma boa parte dos atletas entendeu o quão tóxico podia ser o contato prolongado com as redes, então foi uma recomendação. A motivação foi a de realmente não perder o foco.

Para Tóquio 2020, as redes sociais em relação ao psicológico dos atletas era uma preocupação do Comitê, visto que nunca havíamos tido uma edição com tanta força das redes sociais?

EDUARDO - Na verdade, nas Olimpíadas do Rio, em 2016, já havia essa preocupação porque as redes já tinham uma força grande, ocorre que Tóquio aconteceu no contexto da pandemia de Covid-19 e, por conta disso, a gente sabe que as plataformas digitais e toda as interações com ela, acabou ganhando uma força muito grande por conta daquele primeiro momento de isolamento social e tudo mais. Então, já sabendo que os atletas iriam estar muito mais limitados em termos de deslocamento, retidos ali no ambiente da Vila Olímpica ou nas outras estruturas nas quais eles estiverem presentes e eles estavam confinados, então as redes sociais podem acabar sendo uma válvula de escape para essa limitação de interação e de deslocamento. Então, nesse sentido, sim, foi uma preocupação um pouco maior.

Com Lucas Rosito

Quando falamos do aspecto psicológico de um atleta de alto rendimento, quais são as variáveis (estresse, ansiedade...) que podem afetar o seu desempenho?

LUCAS - O aspecto psicológico, geralmente, é colocado de uma forma, até certo ponto vulgar, como tudo aquilo que não é técnico, tático ou físico, e que diz respeito ao desempenho e ao resultado dos atletas. Então, quando falado, muitas vezes, ele é uma generalização de algo um tanto abstrato. Mas a gente poderia tentar tornar

isso um pouco mais objetivo nomeando de aspecto psicológico todos aqueles elementos que são psicológicos, ou seja, são cognitivos, emocionais ou até mesmo comportamentais, e que não respondem às questões técnico, táticas e físicas. Então, o aspecto psicológico é o manejo das emoções, é a capacidade de tomada de decisão, é a capacidade de se manter focado sob estresse, é a capacidade do atleta interagir com o seu contexto e se adaptar da melhor maneira para alcançar melhor performance... Então, um aspecto psicológico é a relação, em última análise, dos seus aspectos cognitivos, como atenção, a consciência, o juízo crítico, a tomada de decisão, com as respostas fisiológicas, emocionais e involuntárias, como o medo, o estresse e ansiedade, que resulta em comportamento, ou seja, em performance. Então, o aspecto psicológico é um elemento importante para a gente identificar uma determinada performance e poder, inclusive, potencializá-la.

Como as emoções podem interferir no desempenho de um atleta de alto rendimento?

LUCAS - As emoções são involuntárias, né? É o sistema nervoso autônomo, e elas são típicas do funcionamento humano. Então, um atleta bem preparado psicologicamente, ele não consegue evitar as emoções. Um atleta bem preparado psicologicamente é aquele que consegue desempenhar, consegue performar, apesar das emoções. Então, um atleta que tá preparado, ele não deixa de sentir ansiedade, ele não deixa de sentir medo, ele não deixa de ficar desconfortável com situações de pressão, emocionalmente falando, mas ele aprende a lidar com isso. No sentido de, apesar de sentir ansiedade, apesar de sentir medo, apesar de sentir ira, ele vai performar, ele consegue competir, ele consegue manter um nível de performance, apesar dessas emoções. Então, emoção não é algo que a gente possa controlar, mas é algo que a gente pode regular ou manejar de acordo com a nossa experiência. O atleta de alta performance, quanto mais bem preparado ele está, mais ele entende que as emoções são involuntárias e que, ao mesmo tempo, elas não limitam necessariamente a performance. Até podem limitar se ele se assustar com as emoções dele ou se ele tentar controlar algo que ele não tem controle. Agora, se ele entender que a capacidade atlética dele, a capacidade intelectual dele e o comportamento dele podem permanecer apesar de um determinado estado emocional, aí sim, ele está bem preparado. Então, o atleta bem preparado

psicologicamente não é aquele que controla as emoções, mas é aquele que consegue competir apesar dessas emoções. E a gente deve esperar e é típico de um contexto de competição que as emoções sejam intensas, né? Porque num ambiente de competição a gente envolve competitividade, envolve comparação, envolve resultado, que são elementos que despertam as nossas emoções, e elas se mantêm altas nesse sentido. As emoções participam do esporte, e podem influenciar negativamente se o atleta não souber lidar com essas emoções.

Os *feedbacks* recebidos pelos atletas em suas redes sociais digitais, ou seja, as interações que ocorrem nestes espaços virtuais, podem afetar a performance do atleta? Se sim, como?

LUCAS - Sobre a interatividade do atleta com os meios remotos: É muito comum a gente ouvir de atletas de alta performance algum sinal de cansaço, de frustração e/ou de desamparo quando eles se relacionam com a resposta que eles recebem por meio dessas diferentes tecnologias remotas. É muito importante para um atleta manter o seu desempenho, não perder o foco, e o foco do atleta deve ser no próprio desempenho e não no resultado. E o que ele acaba recebendo de *feedback* nessas comunicações remotas, nessas diferentes fontes de interação remota, geralmente, falam do resultado. Ou seja, quando o atleta tem um bom resultado, ele é enaltecido, às vezes, exageradamente glorificado. Porém, quando o resultado não vem, mesmo que ele tenha tido um bom desempenho, mesmo que ele tenha feito o melhor que ele conseguia, é o contrário, né? É como se ele não tivesse importância, como se ele não tivesse capacidade, como se não tivesse valor. Então, esses *feedbacks* podem sim prejudicar o atleta, se ele não conseguir fazer a distinção entre resultado e desempenho. E podem, sim, prejudicá-lo, se ele precisar desse tipo de comunicação para interagir, para se sentir motivado, para se preparar... Então, assim, se ele não conseguir dar limite à distância, e que em última análise, também é uma compreensão do que é desempenho e o que é resultado, ele pode se atrapalhar.

A presença das redes sociais digitais na Rio-2016 foi intensa. Com base na sua experiência junto ao COB naquela edição, você presenciou alguma

preocupação do grupo de psicólogos referente às interações dos atletas com os usuários?

LUCAS - Na preparação dos Jogos do Rio, principalmente, em relação ao que se que se teve anteriormente, houve um grande cuidado do Comitê Olímpico do Brasil na orientação dos psicólogos e na reflexão junto ao grupo de psicólogos e coachings, que era um grupo grande, sobre os cuidados das redes sociais e a vulnerabilidade de alguns atletas nas suas relações remotas com fãs e com aquelas pessoas que acompanham os esportes, inclusive com a mídia especializada. Eu acho que o que também participou e merece o registro é que os psicólogos também não estão acostumados a isso, né? Então, no Rio 2016, a gente teve uma incidência maior de colegas participando de programas esportivos, respondendo a jornalistas ou sendo, de alguma maneira, nomeados pela imprensa ou mesmo por alguns atletas. Então, teve uma repercussão muito diferente, tanto para os atletas, pelas mídias sociais e pelo jornalismo no geral, quanto dos psicólogos que também tiveram o seu trabalho, muitas vezes, enaltecido e, muitas vezes, criticado por esses meios. Então, o Comitê Olímpico teve um trabalho, que eu acho que se mostrou, ao final, muito positivo de preparar o grupo de coaches e de psicólogos para essa situação. Porque é uma situação muito concreta, muito real, né? Existe de fato, principalmente durante os Jogos Olímpicos, uma incidência e um interesse muito maior das pessoas em geral pelos esportes e por tudo aquilo que fala das ciências esportivas, inclusive a psicologia, comparado com o que a gente costuma ter no dia-a-dia, né? Porque, geralmente, o psicólogo esportivo ou, até mesmo, o seu atleta, ele não está na mira, né? A não ser naqueles esportes que têm mais visibilidade ou que fazem mais parte da cultura popular. Mas, geralmente os atletas não tem tanta exposição, nem os nossos colegas psicólogos. Então, teve sim uma preocupação do Comitê Olímpico nesse sentido, e acho que ela se mostrou muito acertada, pois nos ajudou muito a conseguir fazer um manejo, um ótimo distanciamento, em relação às redes sociais e também à mídia especializada. E eu diria que a maior parte dos atletas conseguiu compreender isso, conseguiu se beneficiar dessa preparação que o Comitê Olímpico, junto com os psicólogos e coaches das equipes, conseguiram, de alguma maneira, levar como parte da preparação psicológica. Eu acho que o resultado, em geral, foi muito bom. Acho que a gente não teve, em via de regra, nenhum prejuízo maior, mas é uma coisa muito

presente na vida de alguns atletas. E alguns atletas se mostram, por razões psíquicas, muito vulneráveis a isso. Assim como alguns colegas, que também se mostram muito vulneráveis nessas circunstâncias.

Qual é a orientação dos psicólogos esportivos em relação ao uso das redes sociais, caso essas interações estejam afetando os atletas? É de se afastar em momentos competitivos, de aprender dosar...? Pois, temos dois pesos, né? É uma ferramenta importante de trabalho para eles, por conta de patrocinadores, mas também, como tu já mencionou, é algo que pode interferir no desempenho deles.

LUCAS - As redes sociais são super influentes, digamos assim, na vida dos atletas e é um fenômeno relativamente recente. Se a gente voltar cinco ou dez anos, o impacto era totalmente diferente antes disso. Então, nem existia esse impacto. E, assim, a vida do atleta é uma vida muito solitária. Então, um dos principais reforços, além dos resultados de competição ou mesmo do ganho financeiro, é o reconhecimento, é a identificação, é poder se tornar, em alguma medida, alguém reconhecido, representativo e tudo mais. Então, é um ponto muito sensível para muitos atletas. Isso é muito comum, inclusive. Geralmente, a orientação, quando o atleta tem uma exposição de maior dimensão, geralmente, ele tem alguém que cuide disso para ele. Faz parte dos cuidados que ele tem, do staff dele e aí, isso consegue ser melhor dosado. Dependendo do atleta, isso não é possível. Por isso, é muito comum a gente orientar o atleta a evitar as redes sociais. Então, vou te dar um exemplo, né? Eu atuo acompanhando um atleta do futebol profissional, do Rio de Janeiro, que havia uma expectativa sobre ele, e ele está tendo dificuldades de alcançar essa expectativa. O que está acontecendo é que ele está sendo muito comentado, né? Muitas críticas, né? A mídia especializada tem colocado ele muito em dúvida e, obviamente, isso estoura nas redes sociais dele. Então, a orientação que eu dei para ele, há duas semanas, foi: "Vamos diminuir a rede social. Vamos diminuir a tua participação nisso e vamos deixar isso por conta da pessoa que tu tem, que cuida de toda a tua questão de imagem. Vamos deixar por conta dela e vamos tentar nos concentrar no que diz respeito ao treinamento, no que diz respeito às questões da tua família..." Mas, é muito difícil, né? Porque o atleta se alimenta muito disso, mas as redes sociais são potencialmente tóxicas. E como a gente

também tem um grande número de atletas que são, relativamente, jovens, a gente tem a combinação de dois fatores que podem ser complicados. Por outro lado, têm alguns atletas que sem este contato, sem esta comunicação, por vezes, se sentem diminuídos, se sentem desmotivados e não reconhecidos. Não identificados. Então, isso é uma coisa que tem que ser pensada junto com o atleta. A repercussão que tem para ele, de que maneira isso pode afetá-lo? E aí a gente pode fazer ciclos, onde perto de competições ou em momentos mais sensíveis, ele não esteja tão presente nas redes, e em outros momentos, ele possa se comunicar ou ter uma estratégia específica para isso, uma estratégia de marketing dele pessoal relativo às redes. Mas aí dentro de um protocolo, com ele sabendo, exatamente, quanto tempo ele vai se expor, de que forma ele vai se expor a gente, de como é que ele pode tirar benefício disso...

Com Mayra Aguiar

Tu participou de quatro edições dos Jogos Olímpicos. Como tu analisa as mudanças que ocorreram nas redes sociais digitais de Pequim até Tóquio? Quais foram as mudanças que tu presenciou?

MAYRA - Foram várias mudanças - eu acho que extremas até - da primeira Olimpíada em que eu fui para última, digo, de Pequim para Tóquio, em relação à questão de redes sociais. Em Tóquio, eram muito mais interações nas redes sociais. Eu acho que, naquela época, [Pequim-2008] eu só tinha o Orkut mesmo o qual a gente usava para falar e olha lá, né? Quando eu viajava era até difícil a comunicação com a família. Então, redes sociais era uma coisa que quase nem se pensava sobre, era mais mesmo a comunicação com a família e a comunicação com a mídia. Mas era apenas em alguns momentos, ou era antes da viagem ou lá havia um dia específico para falar com a mídia, para falar com as pessoas. E, hoje, o que eu vivi em Tóquio foi extremamente diferente, né? Então, essa interação que tem com o público, com as pessoas, com os amigos, com a família, é muito maior. Foi muito maior. Eu senti, de lá para cá, as coisas boas e as coisas ruins das redes sociais, né? Mas foi uma mudança bem, bem significativa.

Durante os Jogos Olímpicos, você acessa as suas redes sociais? Você interage com os torcedores nesses momentos ou tem um cuidado maior e se isola?

MAYRA - Hoje, eu tenho um cuidado muito maior com redes sociais, porque me afeta, me afeta mesmo. Então, o que eu aprendi, as experiências que eu vivi em cada Olimpíada, fizeram com que, hoje, eu conseguisse ter essa interação, conseguisse passar o que estava acontecendo lá, porque é um momento que todo mundo também quer acompanhar, né? Então, eu tenho esse cuidado de poder passar para as pessoas que gostam, que curtem meu trabalho e que me acompanham, o que está acontecendo e como eu estou, mas apenas em momentos específicos. Ou seja, é a minha forma. É a forma como eu passo e o que eu vou passar, não é o que está acontecendo, não o que as pessoas ou os repórteres estão falando ou alguma coisa que aconteceu na Vila... Eu procuro não ver tanta coisa, eu não gosto disso. Porque isso aí acaba me prejudicando. São muitas emoções, muitas coisas acontecem, eu já estou extremamente emocionada numa Olimpíada, então, se eu botar mais emoção, mais notícias, isso aí acaba me prejudicando. Então, eu passo o que está acontecendo, eu falo para as pessoas o que está passando comigo e como eu estou me sentindo, mas eu não vejo, eu não procuro saber de notícias, nem do que acharam ou não acharam sobre o que eu postei, sabe? Eu procuro esse tipo de isolamento, esse cuidado, porque eu senti muito nas Olimpíadas passadas. Tiveram situações, elas até não foram comigo... E, assim, as situações, as notícias ruins, normalmente, são aquelas em que a gente mais se apegava, né? Infelizmente, são nelas que a gente mais se apegava. E como eu tava falando, nas Olimpíadas passadas, tiveram situações de atletas que lutaram, atletas amigos meus, que não tiveram um bom rendimento e eu fui ver as redes sociais. Comecei a olhar e aquilo me impactou demais. Me impactou demais. Então, essas experiências as quais eu vivi, hoje, eu consigo viver a Olimpíada e passar para as pessoas. Também tem a questão dos patrocinadores, pois é importante a gente dar esse *feedback* para eles, já que é um dos momentos em que eles mais aparecem. Então, dar esse *feedback* para eles, nessas competições, é importante. Mas sempre cuidando, porque eu vou para lá com o objetivo que é conquistar minha medalha. Então, eu não posso deixar que nada atrapalhe esse meu objetivo. Então, isso é uma coisa que, em Tóquio, eu tomei muito cuidado e me ajudou muito. Na verdade,

está me ajudando muito, porque em toda a competição que eu vou, eu uso, mais ou menos, da mesma estratégia.

Depois de você ter um desempenho considerado ruim pela torcida, mensagens negativas chegam até você? Como você lida com isso?

MAYRA - Estou aprendendo a cada dia. Em cada momento, em cada experiência negativa que vem, é tentar não me abalar com aquilo. Tem coisas, sim, que podem me ajudar, podem me fazer crescer, mas é o filtro, né? Eu tento filtrar, mas é extremamente difícil. Porque onde mais te dói, normalmente, vai ser onde mais te machucou, e é aquilo ali que tu vai sentir e é aquilo ali em que tu vai te apegar, né? O que eu procuro fazer é me apegar nas mensagens positivas, tem tanta mensagem boa de pessoas que realmente acompanharam o meu trabalho, que torceram por mim, da minha família, dos meus amigos e, também, das pessoas que gostam de mim, que eu procuro me apegar nisso. Procuro me apegar nas coisas positivas, apesar de que vão existir as coisas negativas. Se as negativas forem me ajudar, okay, é legal filtrar e conseguir crescer com isso, mas se não forem me ajudar, forem só para me magoar... E essas negativas vão vir de pessoas que não entendem o meu trabalho ou não me acompanham direito para saber o quão difícil é tu chegar nos Jogos Olímpicos. Tu conseguir participar dos Jogos Olímpicos, tu estar ali, tu já é um campeão, tu já é um vencedor. Então, uma pessoa que fala o contrário disso é porque não entende, não sabe o que realmente é o esporte e o que tu viveu para chegar ali. Assim, mensagens como essas, eu tenho que desconsiderar. É difícil, mas é necessário, porque isso não vai te acrescentar em nada.

Ao longo desses anos, devido às redes sociais, qual é a sua percepção quanto a diferença na relação entre atleta e torcedor?

MAYRA - É uma questão de filtrar mesmo. As pessoas que realmente te conhecem e que sabem da tua história, vão mandar mensagem positivas, vão falar coisas boas, independentemente do resultado que tu tiver ali. E outras pessoas, que não te conhecem vão e podem te mandar mensagens negativas. Então, é saber filtrar o que é necessário, o que vai te acrescentar ali... E tem outra, o brasileiro é muito emotivo, ele torce muito, vem desde de berço isso aí, né? A gente é muito competidor. Só que tem que ter o cuidado, né? Eu sempre me coloco no lugar das

peessoas. Se eu tô ali assistindo alguém, que deu a vida, mas eu não sei o que aquela pessoa passou ou o que ela viveu, mas aquela foi a pior apresentação dela ou a pior luta dela, aquela emoção vai ficar muito forte dentro de mim enquanto eu assisto aquilo. Mas eu me coloco no lugar como se eu fosse parente daquela pessoa, se fosse o meu irmão, minha irmã, meu pai, minha mãe... Eu imagino o que aquela pessoa ia sentir na hora, sabe? O que tu falaria para aquela pessoa naquele momento? Se fosse um parente seu ou um amigo seu, seria uma mensagem ruim, uma mensagem dura? O que tu falaria para aquela pessoa? Se as pessoas pensassem nisso na hora de torcer para alguém, acho que seria mais leve, seria mais gostoso, sabe? Tu realmente torcer, tu querer o melhor daquela pessoa que está ali. Independente do que aconteça, tu tá ali com elas, sabe? Então, eu procuro fazer isso quando eu estou assistindo um jogo, por exemplo. Eu sou bem competitiva mesmo também, mas tem um lado humano, né? Tem um lado ser humano dali. E acho que falta um pouquinho disso, às vezes, para o torcedor.

Tu acredita que as redes sociais digitais podem afetar o desempenho dos atletas durante o período competitivo? E se afeta, de que forma afeta?

MAYRA - Eu acredito que afeta sim, tanto positivamente quanto negativamente. Têm pessoas que são mais tranquilas com isso, independentemente do que leem, do que escutam, da forma como interagem, elas são mais tranquilas com isso. Mas a maioria das pessoas que eu falo, não só atletas, mas até pessoas de diferentes trabalhos, de diferentes profissões, aquilo ali afeta a vida pessoal delas também. Aquilo ali é um vício, ele te joga tudo que tu gosta de ver, tudo que tu quer ver. Ou seja, já é programado para te viciar. Então, já tem esse lado, né? De tu te apegar e de tu não viver o momento que tu deveria estar vivendo intensamente, ainda mais os Jogos Olímpicos, né? Aquilo ali vai marcar a tua vida toda. Então, do que tu vai lembrar daquilo? Que momento tu vai tirar daquilo tudo? Vai ser de rede social? De uma coisa virtual que tu viveu ou de um mundo real que tu viveu? Então, isso também me preocupa, né? E é uma coisa que eu tomo muito cuidado, de não ficar muito no telefone e de, realmente, viver aquilo ali. E disso de te atingir, de qualquer coisa te atingir negativamente... Tu levou quatro anos para chegar naquele lugar, quatro anos trabalhando duro todos os dias, intensamente, tu vai deixar um comentário ruim, uma notícia ruim te afetar nesse momento? Sendo que tu

abdicou de tanta coisa? Então, eu acredito que esse isolamento, de forma inteligente, faz muita diferença. Acho que pode ajudar muito os atletas numa competição grande como essa.

Com Rafael Macedo

Você sentiu diferença nas interações nas tuas redes sociais digitais ao comparar os períodos de competições "normais" e os Jogos Olímpicos de Tóquio?

RAFAEL - Sim, mudou bastante, né? As redes sociais, depois que eu participei das Olimpíadas, aumentaram muito os seguidores, do dia para noite. Conseqüentemente, aumentaram também os comentários, as interações... Quando vai chegando perto das Olimpíadas, já aumenta bastante, o pessoal já começa a comentar e tal. Até mesmo, se alguma competição passa nos canais SporTV, por exemplo, aí já dá um up nas interações, mas depois diminui. Mas, de antes das Olimpíadas para depois, aumentou bastante, sim.

Como é que você fez durante os Jogos? Você ficou nos sites de redes sociais ou você se isolou?

RAFAEL - Então, isso era uma coisa nova para mim, era a minha primeira Olimpíada, né? E eu vi o pessoal falando: "Ah, eu tiro, eu saio de tudo.", outros falando que usavam normal. E eu sou tranquilo, e assim, o meu Instagram também não era uma coisa que tinha muita gente falando, não era assim, eram mais as pessoas próximas mesmo. Então, eu falei: "Ah, eu vou deixar, vou manter. As mesmas pessoas que eu interajo ali no Instagram, são as mesmas com que eu falo no WhatsApp, então pra mim...". Aí, eu deixei. Só que, então, aconteceu o que aconteceu nos Jogos, e aí veio uma enxurrada de mensagens, de coisas... E, assim, as minhas notificações eram todas liberadas, por eu não recebia muita coisa, mas depois que eu lutei nas Olimpíadas, foram um milhão de notificações, não sei quantas mensagens eu recebi. Na parte das solicitações de mensagens, eu perdi a conta do que tinha. E tinha de tudo, tinha gente xingando, tinha gente falando bem... A maioria falando bem, a maioria me apoiando. Foi um momento difícil, então, tinha

muita gente me apoiando. Mas tinha gente falando muita coisa cruel. E daí o que eu fiz lá? Isso eu ainda estava lá em Tóquio, porque eu ainda lutava por equipe. E daí eu peguei e falei: "Cara, eu vou apagar o Instagram, entendeu? Eu não quero mais, vou excluir isso daqui." que eu vou ex. Mas daí eu pensei: "Não, calma, eu não vou também excluir tudo." Então, eu desativei as notificações e tirei o aplicativo da tela. Ou seja, deixei minha conta lá, mas eu tirei o aplicativo do celular. Eu fiquei só com o WhatsApp, porque ali eram só as pessoas mais próximas mesmo. E deixei assim por um bom tempo, vou te falar que até hoje minhas notificações estão desligadas. Eu ainda tenho Instagram aqui, mexo mais ou menos, mas as notificações estão desligadas. Então, eu não recebo nada do Instagram. Se eu quero ver alguma coisa, eu abro e vejo, mas as coisas não ficam ali apitando, sabe? Foi meio isso que eu fiz. Mas, assim, eu fiquei, depois das Olimpíadas, uns dois meses off total.

E essas interações foram mais nos comentários ou nos direct's?

RAFAEL - Foram no direct, porque eu não postei nada no feed. Foram muito no direct e no Twitter. Falaram muita coisa no Twitter. Mas eu também nem tenho Twitter, então...

Mas você chegou a abrir o Twitter para ver o que estavam falando sobre?

RAFAEL - Eu fui olhar, eu olhei. A pessoa fica curiosa. Eu fui olhar no Twitter e tava lá, daí tinha no Instagram... Aí, depois que eu comecei a ver um monte de coisa, eu falei: "Não, eu vou parar com isso daqui, porque não está nada bom para mim. Eu vou curtir esse momento, que foi especial para mim." Eu tive muito apoio do meu irmão e da Manu, porque eu ficava falando com eles ali, e eles me falaram: "Isso, tira o Instagram." E no Twitter e no Instagram, eles me defendiam, ficavam batendo boca com o pessoal. Daí a gente conversou e eu falei: "Não, vamos parar de ficar respondendo, entendeu? Eu vou sair, vou dar uma sumida ali das redes. Porque, com isso, vocês também, infelizmente, ficam dando ibope também."

Como você se sentiu depois de tudo isso, sabendo que você ainda tinha que lutar a disputa por equipes? O psicológico, para você, naquele momento, pesou?

RAFAEL - No momento, eu nem sei direito, porque é difícil, eu meio que eu reagi, né? Hoje em dia, eu consigo pensar um pouco, perceber o que aconteceu. Mas, naquele momento, hoje, eu vejo que eu reagi. Minha reação ali foi de conversar com os familiares, com as pessoas mais íntimas, de me desligar daquilo e de me focar na competição. Porque, meio que assim, a gente do esporte, a gente tenta pegar a motivação em alguma coisa. Então, eu tentei pegar a motivação um pouco nisso. Ao mesmo tempo deixar de lado, mas também de pensar: "Não, eu vou dar a volta por cima." Pegar aquela motivação de superação, e foi meio que isso. E, para competir, foi rápido também, as lutas com a equipe foram uns quatro dias depois. Então foi muito rápido, foi meio que, não no instinto, mas meio que na reação. Hoje em dia, eu vejo que foi uma boa de fazer o que eu fiz, de ter me desligado. Mas, talvez, pode ser que tenha interferido um pouco sim, porque chateia um pouco a pessoa, você se sente um pouco ofendido por algumas coisas. Porque, assim, a galera também não pega leve. Criticar, dar opinião, tudo beleza, né? Todo mundo pode dar a sua opinião e está tranquilo, mas a pessoa vai para umas coisas mais pessoais e falar coisas mais pesadas... Isso, ao mesmo tempo que chateia, também dá raiva. Então, você quer também responder, mas você sabe que também não é legal, né? Não sei dizer se, psicologicamente, isso interferiu em mim. Na luta, não sei dizer. Mas que, fora do tatame, é uma coisa que pega um pouco, isso com certeza. A gente pode pegar tanto negativamente como positivamente, né? Tem gente que, às vezes, se motiva mais ainda com algo assim, mas no meu caso, eu acho que me deu uma chateada, me chateou um pouco. Porém, na hora da luta, é difícil você falar se aquilo influenciou, se aquilo não influenciou, porque a luta é muito rápida e você está muito na luta, entendeu? Naquele momento ali, você não pensa em nada disso, você só está focado naquilo que você está fazendo, né? Você meio que esquece o ao redor. Então, no momento da luta, não sei, mas antes, na pré-luta, isso sim, influencia e depois também.

Na sua percepção, você sente que as redes sociais digitais atrapalham os atletas nos Jogos?

RAFAEL - Eu acho que a pessoa também vai amadurecendo um pouco e vai aprendendo a separar as coisas. Mas eu acho que influencia, sim. Influencia porque é assim que eu vejo: As Olimpíadas são de quatro em quatro anos, e é um momento

único do atleta. Independentemente se a pessoa vai melhorar, é uma realização ela estar ali, entendeu? Você está muito feliz de estar ali. Ali é o seu sonho, o momento mais feliz de sua carreira, aí, além de um resultado negativo, o que já é péssimo, pois você almeja aquilo, todo mundo que está ali almeja vencer, ou seja, além de você não ter a medalha, o que já é um baque muito grande, você ainda tem a parte externa, a mídia, por exemplo. É um peso dobrado. Então, às vezes, um momento que é muito especial, ao mesmo tempo, também é horrível. Até conversando com pessoas mais próximas, eu vi que a Olimpíada, nessa parte mais mental, é uma linha muito estreita. Você está entre o maior momento da sua vida e o pior momento da sua vida. E isso eu acho que é muito devido à mídia, aos comentários e às pessoas, que criam isso. Por exemplo, você está lá, você foi bem, então, você é o eternizado, sabe? Mas se você foi mal, você não foi nada. Então, o atleta, inconscientemente, acaba vivendo isso. Ele perde e pensa que foi a maior frustração da vida dele, mas não foi. Na verdade, foi a maior realização da sua vida você estar ali. Beleza, poderia ter sido mais, poderia, mas já foi uma baita realização você chegar até ali. Por conta disso, a gente acaba dividindo entre céu e inferno, entendeu? Um momento que deveria ser só felicidade. Hoje em dia, eu percebo isso, mas demorou muito. E ainda é difícil, né? Você percebe, mas ainda é difícil viver. Você percebe essas coisas, mas viver essas coisas é o mais difícil. Isso é muito difícil, porque teve o individual, eu perdi. Depois teve o por equipes, a gente perdeu. Então, o meu sentimento juntou; juntaram as derrotas dos Jogos, e aí já vem essa frustração de ter perdido. Ainda, juntou também essas coisas dos comentários. Eu estava lá no Japão, a coisa que eu mais queria era me transportar para casa. Você pensa: "Eu não quero chegar no aeroporto e ter que dar entrevista. Eu não quero." Você quer sumir, entendeu? E o meu sentimento, realmente, era esse. Demorou uns meses para eu querer sair da toca. Eu queria voltar logo para casa para ficar com a minha família, na minha zona de segurança, né? Demorou um pouco para eu voltar, sabe? Você demorou para voltar para o Instagram? Sim, eu demorei. Eu não me lembro quanto tempo, mas deve ter sido um mês, mais ou menos, mas eu demorei um pouco para voltar. Até mesmo a mente assim, é até ruim, sabe? A pessoa se sente até meio envergonhada de sair na rua. Eu acho que por conta disso, por conta das pessoas te atacando, por conta de toda essa carga emocional que tem entre a glória e a pior frustração. Então, depois, eu me senti pelo menos um mês assim, envergonhado. Tipo, não queria aparecer, entendeu?

Como foi a tua volta para os sites de redes sociais? Eu vi que você está com assessoria agora, a decisão por ter esse acompanhamento foi devido a esse episódio nos Jogos?

RAFAEL - Na verdade, aumentou bastante meu número de seguidores depois dos Jogos. E eu voltei para a rede social, mas eu nunca fui muito ativo em relação a postar. Então, essa pessoa que está fazendo o acompanhamento comigo agora, entrou em contato comigo e falou que o meu Instagram tinha muito potencial e me incentivou a postar mais. Mas eu já tava meio desencanado, eu já ia apagar a conta, mas a Manu [esposa] não deixou, ela falou: "Não, você é uma figura pública. Pelo menos, deixa o perfil no Instagram ali." Beleza, eu não apaguei, mas as notificações eu tirei todas. Mas isso de ter essa assessoria não foi por conta do que aconteceu, foi porque o cara me incentivou. Mas assim, eu via a importância que o Instagram tem hoje em dia, o cara me fez a proposta de trabalhar comigo e eu vi como bom alguém cuidar disso pra. Porque, hoje, eu mexo um pouco só, as coisas mais íntimas ali, sou eu quem faço; e as coisas mais profissionais são ele que faz. A ideia foi um pouco essa, na verdade, de eu não ter que ficar me preocupando com isso. Assim, eu não perco muito tempo para ficar editando, criando conteúdo, e também não fico muito ligado ali, entendeu? Também não fico me preocupando com o que eu vou postar, se as pessoas vão gostar ou não. Na verdade, eu não gosto muito de redes sociais, por mim, eu não teria, mas entendo a importância disso.

Sobre o post que você fez no Instagram, no fim de 2021, falando sobre o teu período de depressão. Você vê que essa situação das redes sociais digitais em Paris contribuiu com isso?

RAFAEL - Eu acho que nem depois, antes até. Porque, o meu psicólogo, um tempo depois das Olimpíadas, a gente estava conversando... Enfim, depois das Olimpíadas, como posso dizer, o meu mundo mudou, entendeu? Caiu aquela ilusão que o atleta cria sobre Olimpíadas, que a Olimpíada vai resolver a vida do cara... Eu ganhei a medalha olímpica, "uau", sabe? E não é assim. Não muda nada no dia seguinte. Anos depois, vão esquecer de você, é assim no Brasil. Você é uma pessoa, entendeu? Quando eu parar com o judô, eu vou ter que trabalhar assim como todo mundo. Eu sou só mais uma pessoa. Uma pessoa com medalha

olímpica, tá bom, beleza, mas é só isso, sabe? Então, depois dos Jogos, caiu muito essa ilusão que a gente tem e daí eu comecei a ver as coisas de outra forma, e comecei a ressignificar algumas coisas na minha vida, né? E aí, meu psicólogo me falou, tipo: "Parabéns, você escapou da depressão.", e eu fiquei: "Como assim?". Mas, ele já estava analisando isso há muito tempo, antes das Olimpíadas. Ele falou que meses antes das Olimpíadas, eu já estava com uma carga emocional muito grande. Eu já estava em um quadro depressivo antes das Olimpíadas, entendeu? E daí com certeza veio, mais isso aí de rede social, foi tudo uma bola de neve. Talvez, isso tenha tido efeito no meu rendimento? Talvez sim, talvez não. Não sei. Não tem como a gente saber, porque não é uma coisa que você mede, entendeu? "Ah, você perdeu por causa da parte emocional", não tem muito como saber, porque tem outro cara lá, e ele também está lá querendo jogar, ele tem o mérito dele de acertar o golpe, de lutar melhor. Então, não tem como eu medir isso, mas que foi uma bola de neve já antes das Olimpíadas e ficou ainda maior depois, isso com certeza, eu não tenho dúvida.

Você acha que as redes sociais digitais impactam no desempenho dos atletas?

RAFAEL - Isso é difícil de medir. Mas, ao mesmo tempo, na psicologia, a gente vê que tudo influencia naquele momento em que eu estou no tatame. Não é só o meu treino, não é só minha preparação, mas a parte mais pessoal da minha vida também está ali dentro. É um único cara. O Rafael que está ali, é o Rafael atleta, é o Rafael marido, é o Rafael amigo, é o Rafael filho... É o mesmo Rafael que está ali. Então, eu acho que toda a parte da minha vida emocional está no tatame. Então, eu acho que pode influenciar, sim. Mas é difícil medir o quanto a rede social influenciou, quanto não influenciou, mas que influencia, isso sim.